



3 1197 22057 8899

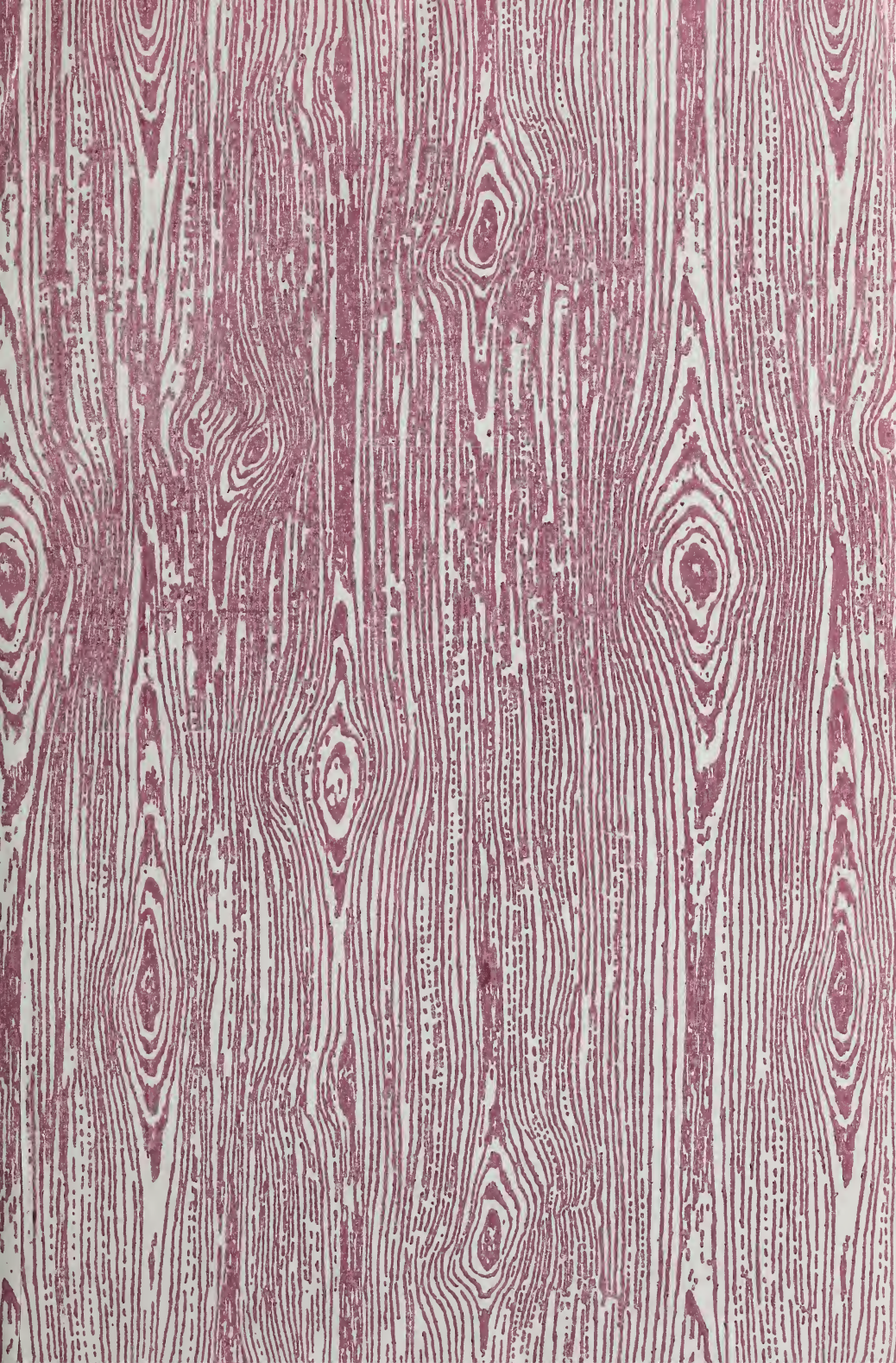


BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY

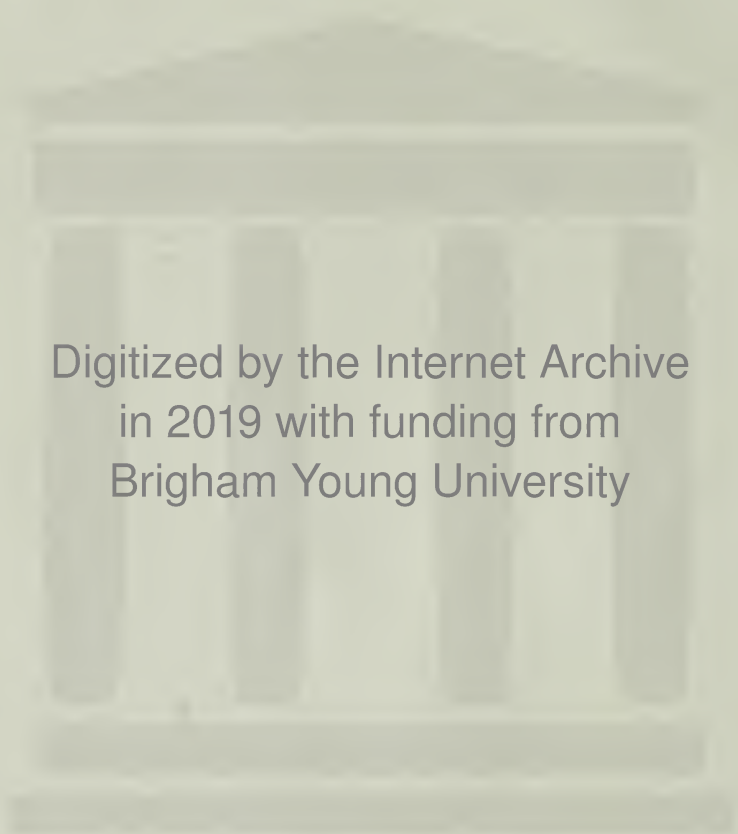
LIBRARY

Brigham Young University
RARE BOOK COLLECTION

PQ
9231
.R46
E3
1923



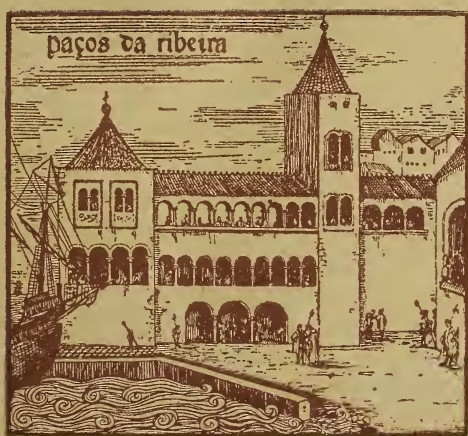
1356-21



Digitized by the Internet Archive
in 2019 with funding from
Brigham Young University

<https://archive.org/details/clogas00ribe>

Le clogas de Bernar- dim Ribeiro.



Ao Senhor Dr. Joaquim Rasteiro -
recordando o seu brilhante curso de Letras -

Dr. Marques Braga

INTRODUÇÃO

A Psicologia Portuguêsa na Literatura

A Psicologia Portuguêsa na Literatura

Nos *Cancioneiros da Ajuda*,¹ da *Vaticana* e de *Colocci-Brancuti* já lateja a ternura, a afectuosidade, a saudade² da Alma portuguêsã.

*

Pertence a Portugal a novela de cavalaria *Amadis de Gaula* — onde aparece o tipo da absoluta fidelidade no amor. A florescência que desperitou esta aventura apaixonada vai até o século XVII.

¹ A Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos evocou na sua Edição do *Canc. da Ajuda* o primeiro período da lírica peninsular.

² «Logo no alvorecer da poesia, ainda antes de 1200, surgem naturalmente lindos lamentos de amor e de ausência. Encontro-os naquela singela composição, em que o robusto rei D. Sancho o Velho desdobra o sentimento da saudade nas suas duas componentes principais: *cuidado e desejo*. Ingénua bailada, escrita para a graciosa Ribeirinha, que o enfeitara com o condão e as artes mágicas do eterno feminino...». — Senhora D. Car. M. de Vasconcellos, *A Saudade Portuguesa*, pág. 36. Vide ainda *Canc. da Ajuda*, vol. II pág. 593.

Como em os nossos *Cancioneiros Trovadorescos* há muitas referências a Santiago de Compostela, o **insigne psicólogo** Senhor D. Miguel de Unamuno observa:

«La poesía trovadoresca galaico-portuguesa, la primera manifestación culta del lirismo en lengua romance en la Península, prendió al contacto de chispas traídas de Provenza por los devotos romeros de Santiago de Compostela.

Camino de Santiago se le llamó a la vía láctea, nebulosa de estrellas, que guiaba a los peregrinos al término de sus anhelos, como a los magos su estrella, y la ruta toda hallábase sembrada de santuarios y hospederías.

Está por escribir la historia de la influencia que esas romerías tuvieron en el desarrollo cultural de España, en literatura y en arte, y hasta en su historia política, pues no poco influyeron en el nacimiento del reino de Portugal». *Andanzas y Visiones Españolas*. Madrid, 1922. Pág. 58.

*

Sob galantarias rimadas e *cousas de folgar* do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende¹, os **Poetas Palacianos** ferem, por vezes, em versos sentimentais, a nota apaixonada e elegíaca.

*

Sente-se palpitante a vida portugêsa nas *Chronicas*² de **Fernão Lopes**. Há observação psicológica nas figuras, que apresenta: — D. Pedro, D. Fernando, D. João I, Nun'Alvarez . . .

As suas pitorescas narrações têm colorido. São notáveis os seus retratos, que têm expressão moral e o quadro de Aljubarrota. Na obra de **Fernão Lopes** há a vida em acção.

*

Bernardim Ribeiro é o representante do **Lirismo alentejano**. São desventuras amorosas o tema das **Saudades** ou **Menina e Moça**, e das **Éclogas** cheias de paixão e de suave melancolia.

Estas Obras de Arte são intensos documentos psicológicos, pela emoção de vida nelas eternizada.

Na *Écloga III*, versos 156-60 diz Bernardim Ribeiro:

«Quem sospirasse algum dia
Pera só desabafar;
Mas eu ja não ousaria,
Porque um suspiro daria
Sinal de quem mo faz dar».

E em a Novela — meio pastoril meio cavalheiresca — notifica o Poeta « . . . pois não havia de escrever pera ninguem, senão pera mim só».³

Como se vê, a **Menina e Moça** é uma *Memória íntima*—palpitante da

¹ Neste *Canc.*, Garcia de Resende apresenta em trovas, em forma de Romance, a narrativa dos trágicos amores de Inês de Castro.

² Os volumes da valiosa *Antologia Portuguêsa*, do Senhor Dr. Agostinho de Campos, consagrados aos Cronistas têm sido de levantado alcance para a difusão do conhecimento dos grandes clássicos da prosa.

³ *Men. e Moça*, I, cap. 1.

doce vibratibilidade da sua alma inquieta. Escrevendo sob alegorias esta obra,¹ Bernardim ia aliviando o pungir duma *saudade* e duma *ausência*² e recordando os ardentes, dolorosos e desgraçados amores³ dum passado perdido porque *mágoa é manter verdade desconhecida*⁴ — e as *tristezas também devem ser contadas como os prazeres*.⁵

Com alma e delicadeza deixou Bernardim Ribeiro em prosa e verso a história sentida do seu coração — tam simples e tam comovente.

Por vezes há pessimismo no lirismo das *Éclogas*.⁶

A sua linguagem é duma grande simplicidade mas tem um encanto poderoso e absorvente. Algumas vezes, não se resiste ao *gosto amargo* do seu ritmo musical, embalador, que nos obriga a parar comovidos, ante as saudosas queixas da *Menina*.

É por isso que, a língua pátria adquire nas suas mãos suave magia, quando na *Menina e Moça*, somos conduzidos a paisagens, onde sob *graciosos e altos arvoredos* a água afogada na verdura, *canta saudosamente*⁷ e se ouvem os queixumes do roussinol — que caiu à água de *cansado*.

Os grandes poetas Quinhentistas — exceptuado Camões — foram pouco paisagistas. Mas é profundo o sentimento estético da natureza em Bernardim Ribeiro.

É uma das seduções da sua Obra a paisagem. É então que a êste prestigioso sensitivo e penetrante analista a alma vibra enternecidamente observando o *coração*,⁸ a *dôr*, a *tristeza*, a *mágoa*, a *aflição*, a *inquietação da alma* — **cuidado**, a *angústia* — **guerra** da paixão, a *dôr da ausência* e a *piedade* — «ternura que se apodera dos que amam, quando pensam intensamente nos ausentes e do bem, que gozavam na sua presença».

¹ «O assumpto do livro são amores do Paço daquela idade, e historias que verdadeiramente acontecerão disfarçadas debaixo de Cavalarias, que era o que mais naquele tempo se usava escrever. O principal da historia he sobre cousa sua de certo amor ausente, cujas saudades lhe acabáráo a vida». Do *Prologo* das Edições das *Saudades* de 1645 e da *Menina e Moça* de 1785.

² *Écl.* V 461-4, 520-29, 558-9.

³ No principio dos seus amores, viu-se Bernardim Ribeiro — «duma nuve negra cercado. *Écl.* II 357. ⁴ *Men. e Moça*, I, 3.

⁵ — Idem, I, final do cap. XVII.

⁶ Vide *Écloga* I; *Écl.* II; tôda a *Écl.* IV — e o verso 251: «Em tudo espera o pior...» e na *Écl.* V — verso 103 — «... em tudo vejo perigo...» e ainda os versos 145, 450-64.

⁷ Torturado do Amor e amoroso da solidão a Bernardim Ribeiro encantou-o a calma doce dos arvoredos e é êle que sentidamente nos fala das profundas *sombras saudosas* — onde umas vezes as emoções se pacificam e outras vezes ganham em intensidade.

⁸ *Men. e Moça*. I cap. 17. O atormentado Amor Português cheio de suspeitas — *Men. e Moça*, I, cap. 28 fim; *Écl.* III, verso 461 — e de ciumes — *Écl.* V versos 408-26; 535-40; 556-570 — tem em Bernardim Ribeiro um levantado observador.

Considera ainda **B. Ribeiro**: o *engano* (ilusão), o *sonho*, as *lágrimas*, o *fado*, a *enganosa ventura*, o *destino*, o *bem*, o *mal* (desgraça) o *tempo*, a *morte* e os excessos meridionais da *paixão*,¹ que encara como *sofrimento*, *ardente affecto* e *desejo vivíssimo*.

Pelo assunto — o Amor e pelo tom vago de saudades e de tristeza a *Menina e Moça* e as *Éclogas* são manifestações da Psicologia pátria.

Pela sua vida e pela sua Obra sentida, ficou **Bernardim Ribeiro** na História do Coração Português como o Poeta da **Saudade**, avassalado pelo *Amor*, pelo *Mal da Ausência* e pela *Alta Tristeza* — que profundamente lhe dominaram o coração.

Observa-se bem a psicologia portugueza na *Menina e Moça* e nas *Éclogas* — que não consideram o temperamento português na sua integralidade — consideram-no quanto à **sensibilidade** — **confinam-se nos sentimentos**.

A realidade do sentimento é a virtualidade secreta, que impôs estas obras de Arte — em que há uma grande intensidade numa grande simplicidade — e que as tornaram pacificadoras das almas atribuladas — de todos aqueles para quem o **Amor** tem sido o **encanto** e a **tortura** da Vida.

*

As *Poesias* de **Sá de Miranda** patenteiam a sua grandeza moral, o seu espírito filosófico e mostram que, infeliz nos amores, êle foi um contemplativo, um grave scismador — um representante da **melancolia** nacional.

São *sentimentais e melancólicas* as primeiras líricas do Poeta e vibrante de paixão a *Écloga Alexo*, cuja acção é o Amor e onde há referências a **Bernardim Ribeiro**.

Na *Carta*, em que responde a Jorge de Montemor, diz Sá de Miranda:

.....
 *tras el ciego*
niño que vuela, perdi el tiempo andando,
uno de los sus locos, no lo niego.
 Y aun aora la memoria quando

¹ *Écl.* II v. 401-5 e 320-24 variante.

buelvo por las pisadas que atras dejo,
 lo que me hajo no sé, si ando o desando!
 A tal sazon *quiza de amor me quejo*,
 (si viste algunos de los mis renglones;
 Triste Andres, triste Diego, triste Alexo: ¹

São os amorosos da *Écloga Andrés*, da *Fabula do Mondego* e da *Écloga Alexo*. ²

Na *Cantiga feita nos grandes campos de Roma*, alude, porventura, Sá de Miranda à sua vida sentimental:

Por estes campos sem fim,
 Em que a vista assi se estende,
 Que verei, triste de mim;
Pois ver vos se me defende? . . .

*

Na Obra vicentina está a Psicologia portugueza do século xvi. **Gil Vicente** foi um genial observador do coração nacional, como se vê na 1.^a scena da *Barca do Inferno* e no *Auto da Índia*. Os seus *Autos*, *Tragicomédias*, *Comédias* e *Farsas* são vasto campo de etnologia pátria. A sua Obra é eminentemente nacional. Êle fixou a idiosincrasia de todos os nossos tipos do maior século da História: são os fidalgos, os frades, o povo, os judeus, os magistrados, as feiteceiras, os médicos, as alcoviteiras, os apaixonados e as namoradeiras. ³

¹ *Poesias*, pág. 457.

² «A proverbial paixão amorosa dos Portuguezes, que «morrem de puro amor», segundo a doce-amarga ironia do epigrama castelhano, ou enlouquecem de amor, como acontecera a... *Diego, Andrés e Alexo*, eis o tema da primeira *Écloga* de arte em Portugal». «Não resisto ao prazer de lembrar o fino epigrama:» A um Português que lhorava — preguntaron la ocasion; — respondió que el *corazon* — y que enamorado estaba...» D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, p. 45, 159.

³ Da preciosa galeria vicentina, onde estão os característicos tipos portuguezes do século xvi, destacamos as figuras do *Auto Pastoril Português*, os compadres do *Auto da Feira*, o *precioso D. Anrique* e o frade do *Auto da Barca do Inferno*, o *lavrador*, a *regateira Marta Gil* e o *pastor da Barca de Purgatório*.

Na patriótica tragicomédia *Exortação da Guerra* é bem português o diálogo sobre a Dou-

¿A verdadeira glória de **António Ferreira** não está em fazer passar na sua Tragédia¹, vibrando e chorando os amores infelizes de Inês de Castro?

Pertence à corrente cavalheiresca do *Amadís de Gaula* o *Palmeirim de Inglaterra* de **Francisco de Moraes**, em que a vibração da saudade, da paixão e o culto da paisagem lembram Bernardim Ribeiro.

Mas não ha só bondade e idealismo em o nosso Povo... As *Décadas* de **João de Barros** e a continuação delas por **Diogo do Couto** e ainda o *Soldado Prático* do último, em narrações realistas, patenteiam bem, ao

trina do Amor entre o *Clérigo* e *Polícena*. É notavel a figura do frade da *Nau de Amores*. Nas *Côrtes de Jupiter* encontra-se a frase para caracterizar os portugueses :

«São estremos nos amores...»

Os pastores da Beira e os seus amores desencontrados — patenteia-os Gil Vicente na Tragicomédia da *Serra da Estrêla*, onde apresenta o valioso tipo do *Ermitão*.

Na *Romagem de Agravados*—são belas figuras pátrias o cortesão *Frei Paço*, *João Mortinheira* os apaixonados *Colopendio* e *Bereniso*, *Cerro Ventoso* e *Frei Narciso*, *Aparicianes* e a filha *Giralda*, as freiras *Domicilia* e *Dorosia* e as pastoras *Juliana* e *Ilária*. No *Triumpho do Inverno* disse do Povo Português : «De nenhum bem dizem bem...»

Na *Frágoa de Amor* é valiosa a figura do Frade. São tipos nacionais superiormente apresentados o *Aires Rosado*, a namorada *Isabel* e a Mãe desta—na Farsa de *Quem tem farelos*, no *Auto da India* a hipócrita *Constança*, a criada e *Lemos*; No *Velho da Horta* a alcoviteira *Branca Gil* e o *velho*; é *Inês Pereira* na farsa do mesmo nome; é a alcoviteira *Ana Dias*, o *Escudeiro*, o *Amador* e o *Brigoso* do *Juiz da Beira*; o *fidalgão* dos *Almocreves*; o *padre* do *Clérigo da Beira*; e a *mesinheira* e os *médicos* da *Farsa dos Físicos*.

Acêrca da Obra vicentina observa Menéndez y Pelayo :

«Las primeras comédias italianas (exceptuada la *Mandrágora*) parecen pálidas copias de una forma muerta cuando se las compara con estas obras de apariencia tosca é informe, pero de tanta vida interior, de tanta filosofia práctica, de tam sabroso contenido». *Antología*, VII, pág. CLXV.

¹ «La *Castro* de António Ferreira, el primero que dignamente emuló entre los modernos la fuerza patética de Eurípides, se levanta en el campo de la tragédia como un mármol clásico, bello y solitario». Menéndez y Pelayo, *Antología*, tomo VII, p. CCXVIII-CCXIX.

«Portugal, que, como Inês, ha amado mucho y ha amado trágicamente bajo el yugo del destino, ¿no reinará también después de morir? La desgraciada amante ¿no es un símbolo prefigurativo, un augurio, de esa tierra linda, linda como Inês, víctima también de fatídicas pasiones?». D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, Madrid, 1911. Pág. 136.

narrar as misérias e as grandezas trágicas da Índia, a exaltação e às vezes a ferocidade portuguesa: são atrocidades, vinganças, devastações, incendios, morticínios.¹

*

O grande monumento de psicologia portuguesa está na Obra da maior organização literária de Portugal: **Luís de Camões**.

A aspiração dos Quinhentistas de, ao celebrar os feitos portugueses, — *imortalizar a alvorada gloriosa da Índia* — executou-a Camões nos *Lusíadas*, que é simultaneamente uma epopeia histórica e uma epopeia marítima, em que palpita a alma oceânica de Portugal.

E foi um poeta, de mais a mais «**a maior alma, que deitou Portugal**», que teve categoria para exprimir a psicologia pátria.

Nas estrofes geográfico — etnográficas dos *Lusíadas* registra-se a figura de Viriato,² que simboliza a *vitalidade* lusitana diante do invasor romano. E é um traço flagrante do português a *alta resistência* ao sofrimento, às contrariedades da sorte e aos desastres sociais, que tanto o fazem avultar entre os povos modernos.³

¹ Referindo-se ao historiador João de Barros, observa Bongeault — *Histoire des Litt. Étrangères* — «Como a de Camões, é sua pena guiada pelo ardor do patriotismo; fala com entusiasmo das façanhas e da grandeza do povo português, e pinta perfeitamente o carácter nacional, pois não procura disfarçar nem os defeitos, nem a cobiça, nem a ferocidade mesmo, de que deram provas seus compatriotas nessas guerras remotas contra os índios».

² Ao tratar das guerras entre os Romanos e as populações hispânicas é surpreendente a forma como Mommsen cristaliza nos povos actuais as feições étnicas, que avultavam nas gentes peninsulares. «Era uma rude tarefa que os Romanos se haviam imposto, a de querer domar e civilizar à força estes povos **turbulentos, amorosos de combates, ardentes** já à maneira do Cid, e arrebatados como D. Quixote. Militarmente a empresa oferecia grandes dificuldades. Irrefragavelmente os povos hispânicos mostraram no assédio das suas povoações ou sob o comando de Anibal que não eram adversários desprezíveis; muitas vezes obrigaram a recuar ou assombraram as legiões, quando as suas colunas de ataque acometiam terríveis e armadas da espada curta de dois gumes, de que os Romanos mais tarde se serviram. Se pudessem ter-se submetido à **disciplina**, se chegassem a ter alguma **coesão política**, teriam sido bastante fortes, talvez, para repelir vitoriosamente o invasor estrangeiro; mas a sua bravura era mais a do *guerrilheiro* do que a do soldado, e faltava-lhes o **senso político**.»

³ Como é natural, a Psicologia portuguesa vai evolutindo, todavia Almeida Garrett ainda observava em 1830: «Os portugueses são naturalmente sofrendores e pacientes: muito arrochada há de ser a corda com que de mãos e pés os atam seus opressores, antes que rompam em um só gemido os desgraçados. Um murmúrio, uma queixa... nem talvez no cadafalso a soltarão! Vendem-nos os desleais pegureiros de quem nos deixamos governar; vendem-nos, enxotam-nos, para a feira a cajado e a latido e mordedela de seus mastins; e nós vamos e nem gememos. Se um clamor de queixumes, se uma voz de desconfiança acaso surde, aqui os clamores de *rebeldes*, as alcunhas de demagogos... e a nação (o *rebanho*, direi antes) que se resigna e sofre, e continua a caminhar para o exílio! Tal é, com as diferenças de variados no-

Ao agrupar as lendas e tradições pátrias nos *Lusíadas* — que é a idealização estética dos Descobrimentos — Camões não se esqueceu de estampar o génio aventureiro e patriótico¹ e, na parte amorosa do Poema, a alma apaixonada do povo português.

Quando Camões iluminou os *Sonetos*, dizendo:

De amor escrevo, de amor trato e vivo . . .

e

Em varias flamas variamente ardia . . .

em que alude às sucessivas encarnações do seu ideal sintetizou na sua individualidade a Pátria Portuguesa e a sua índole amorosa.

mes e datas a história de Portugal quasi desde que a revolução ou restauração (restauração séria ?) de 1640 fez da nação portugueza o patrimonio de meia dúzia de famílias privilegiadas e de seus satelites e parasitos.» — *Carta de Mucio Scevola*.

¹ Antero de Quental observou superiormente o dever patriótico nos *Lusíadas*: «O patriotismo, como os Portuguezes dos seculos xv e xvi o conceberam, foi um phenomeno moral, quasi unico na Europa de então, e que os tornou muito mais parecidos com os romanos antigos do que com os povos seus contemporaneos. O patriotismo é uma ideia abstracta, que excede a *capacidade toda sentimental da raça*; o instincto naturalista da raça dá o amor da terra; não vae mais além; só a ideia nacional pôde dar o patriotismo comprehendido á romana e á portugueza. — Esta noção do patriotismo cria uma ordem de sentimentos particulares dos individuos para com a nação, um modo de vêr moral peculiar. É o dever patriótico, como o comprehenderam, em Roma, Fabricio, Régulo e Catão; em Portugal, Castro, Albuquerque, — o dever patriótico, cuja expressão suprema é o heroismo. Leia-se a historia da Europa até ao seculo xvi; abundam os *bravos*, mas difficilmente se encontrarão os *heroes*, segundo o typo magnanimo que a Antiguidade realizou, e que de novo e no seu ponto de vista realizou Portugal durante os seculos xv e xvi. No *Peito illustre lusitano* havia então alguma cousa de grande e transcendente, que impelia a nação para um destino extraordinario e suscitava no meio dela os heroes, que deviam servir a ideia nacional com a abnegação tenaz e superior com que se serve uma ideia religiosa. É que o patriotismo é uma espécie de religião civil. Foi por essa religião que, durante tres seculos, nos erguêmos no mundo, para realizar um sonho gigantesco e quasi sobrehumano;... A época nacional portugueza, por excellencia, é o século xvi. Tudo concorre então para dar ao espirito portuguez aquele summo grão de tensão, que produz os grandes movimentos nacionais. A Nacionalidade rompe com impulso irresistível os seus limites tradicionais, trasborda fremente como um rio caudaloso, e afirma-se na sua plenitude pelas Descobertas e pelas Conquistas.—A nação faz-se heroe: o heroismo é a sua atmosphera, ordinaria, e todos participam mais ou menos desse contagio sublimados. D'aquí, uma concepção particular da vida social, do direito, do dever, tanto para a nação como para os individuos. *Ser portuguez* é alguma cousa de especial, um tipo *sui generis* de virilidade e nobreza, que todos procuram realizar, e que a Litteratura idealiza, de que ela se inspira na phase nova, em que então entra. — O velho typo cavalheiresco, phantasiôso e sentimental, empalidece diante d'esse outro que surge, nobre e digno, quasi severo, o homem do dever, não da sensibilidade, que

Estas afirmações do Poeta, em que são acordes escritores estrangeiros ¹ como Cervantes, Madame de Sévigné, Balzac, Edgar Quinet e tantos outros — com que notificou a veemência sentimental do português, explicam a melancolia, a ternura, a *saudade*, fundo orgânico do espírito nacional nessa quadra gloriosa.

Além do Amor, a outra pedra basilar das faculdades morais, o Valor, canta-o o poema e grita-o a nossa evolução histórica,

Foi esta *vis* ingente, que espantou Raynal, levando-o a perguntar: «¿Que princípios formariam uma tal nação de herois?» ²

A lialdade firme, a fidelidade celebrada pelo poeta:

O' grão fidelidade portuguesa!

C. III, 41.

saía logicamente da força, de que também emergia a generosidade. Mas a Fé, que é o claro escuro, que faz ressaltar todos os vultos radiantes, que passam na atmosfera religiosa dos *Lusiadas*, foi o protoplasma da nação, a sua principal síntese afectiva, foi ela e a cavalaria, que vitalizaram o patriotismo, que entre nós teve culto. Ele inspirou a Camões poesia sentida:

Esta he a ditosa Patria minha amada.

C. III, 21.

Nos *Lusiadas*, ficou representado com mais pureza e força o génio nacional, porque a *esperança*, a confiança heróica, que arrebatava o grande português, no momento supremo, em que idealizava, era a mesma que arrebatava a nação.

João de Barros, Ferreira e Miranda vão levantando, e que Camões virá collocar sobre o sublime pedestal épico.

Este typo, o verdadeiro typo portuguez do seculo xvi, como se revela nos *Lusiadas*, não é com efeito uma mera invenção do génio de Camões: é uma genuína criação nacional, um ideal do sentimento colectivo, que se foi gradualmente formando e depurando até encontrar no grande poeta quem lhe desse uma expressão definitiva. É por isso mesmo que elle domina, de toda a sua altura, o pensamento e a Obra de Camões. O que o poeta canta é o heroísmo portuguez, o Peito illustre Lusitano; em todo o seu Poema se resume a vida moral portugueza durante um seculo». — *O Patriotismo e os Lusiadas*.

¹ São os estrangeiros — julgando *sem prevenções* — os que com mais acuidade observam a Psychologia dum povo, porque a sua **sensibilidade** é ferida mais profundamente por uma idiosyncrasia diferente. Cfr. Marques Braga, *Ensaio sobre a Psychologia do Povo Português*, 1903. Pág. 61-82. Foi o Senhor D. Miguel Unamuno o estrangeiro, que melhor avaliou a nossa litteratura contemporânea, motivo porque nos referimos muito à sua valiosa obra — **Por Tierras de Portugal y España**.

² «A História de Portugal é uma escola de heroísmo, como disse o grande Imperador...» Charles R. Pepper, *Le Portugal*. Paris, 1879.

Por isso, intuitivamente, nas dolorosas crises, que temos atravessado, tem sido o genial cantor o refúgio para aqueles, em que o sentimento de Pátria ainda se não extinguiu, para aqueles para quem êle é -- o mais intenso símbolo da Nacionalidade.

O lirismo da **Estremadura** brilha nas *Rimas* de **Camões** -- expressão literária do seu génio amoroso.¹

É o arrebatamento, a paixão, a **saudade**, a adoração pela Mulher a vibração suprema dos seus versos, em que se encontra a repercussão da sua vida sentimental -- a palpação dum coração, que amou e sofreu :

. . . na minha **alma**, triste e **saudosa**
a **saudade** escreve, & eu traslado . . .

Amor & Saudade
nem licença me dão para matar-me.

Observa-se bem êsse coração inflamável, verdadeiramente luso, do Poeta na *Canção* cheia de ardor e de melancolia :

Junto de hum seco, duro & esteril monte . . .

e na *Canção* autobiográfica :

Vinde cá meu tam certo secretario . . .

em que **Luís de Camões** confessa o seu precoce temperamento português, quando notifica que já no berço fôra encantado com as cantigas de amor.

É com real emoção que se refere ao seu naufrágio ideal -- quando partiu a *cordeira gentil, perpetua saudade da sua alma*.

Foi o eterno *feminino* a fonte de inspiração do grande lírico, que em *Sonetos*, *Canções*, *Éclogas*, *Elegias* e em algumas *Odes* se considera vítima do -- *doce engano, que se chama Amor* e da *Fortuna*.

É por isso que nas *Rimas* fulge, canta e muitas vezes chora todo o grande amor do seu lusitano coração.

¹ «...no poeta lírico procuramos o homem, a sensação; o que buscamos nos seus versos é o eco fiel dos sentimentos de um coração, que palpitou, de um indivíduo, que viveu e sofreu...» E é a paixão positiva, o profundo grito de alma, que encontramos no lirismo de Camões! Wilhelm Storck, *Vida e Obras de Luís de Camões*. Versão de D. Carolina M. de Vasconcellos -- pág. 362 e a nota, em que a insigne tradutora alude à *Vida de Camões* pelo Morgado de Mateus.

Nas *Redondilhas* e na Obra dramática, em que lateja a poesia popular, fala-nos graciosamente do Amor, observando

Amor nunca vi
que não magoasse . . .

A fulguração sentimental do seu lirismo revela o seu temperamento de fogo e a sua irrequieta e volúvel índole de artista, que, encantado pela Idade Média, deu expressão às mais vivas emoções amorosas reanimando a poesia dos Cancioneiros e teve ao mesmo tempo uma levantada compreensão da poética italiana — manifestando-se a mais forte expressão do génio lírico da Raça.

*

Comparando o nosso Cancioneiro e Romanceiro popular com as *versões* de outras nações europeias observa-se em o nosso lirismo tradicional e nos Romances um tom de sensibilidade melancólica.

*

É um tesouro de observações psicológicas acêrca de Portugueses e de Castelhanos a obra dramática de **Jorge Ferreira de Vasconcellos**.

Na *Comédia Eufrosina*, notou:

«E nam me negareis ser esta a principal incrinação portuguesa, e desta lhe veio a cavaleirosa opiniam e primor, que tem sobre todos essoutros, e estimarem as molheres sobre todos. Porque o engenhoso *Italiano* dissimula o amor, louva a sua dama por trovas, se a alcança logo a encerra, e tem como cativa, se desespera alcançala, diz mal della, e querlho. O alegre *Frances* trabalha contentala por serviços, cantigas e festas, vendose sojeito chora, como a alcança a despreza, e busca outra, se a nam pode aver ameaçaa e vingase se pode. O frio *Allemão* ama brandainente, segue com enganos e peitas: caso que deseje não se sogiga, alcançandoa esfriase, se nam a alcança esquecelhe desestimandoa. Soo o *Portugues*, amego e timbre dos *Espanhois* e grimpa de todas as nações, como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os efeitos de amor puro, nam consinte mal em sua dama, não sofre verse ausente della, busca de noite e de dia onde e como a veja, queria sempre estar com ella, emmagrece com cuidados e maa vida, muda toda maa condição em boa, queimase per dentro em pensamentos, que humilde representa com lagrimas e sopiros, sinais de verdadeira dor, em todo seu querer unido e conforme com o della, constante na sua fee, chama sempre por ella em suas afrontas,

como a alcança nunca a deixa até a morte, e assi a faz seõora de si mesmo. Nam pretende proveito, salvo o della, polo qual comete foute todos os perigos, nem dormindo perde della lembrança, antes nisso se deleita, determinado em viver e morrer com ella; se desespera, matase ou faz estremos mortaes. Tudo isto e muito mais se acha no bom *Portugues, de sua natural constelaçam apurado no amor...*» (Acto V, scena 5. Edição de 1918.

*

Representa o **lirismo do Minho**, um dos grandes poetas portuguezes do século XVI, **Diogo Bernardes**.

As *Elegias* e *Cartas*, do *Lima* têm alto relêvo artístico. Há religiosidade nas *Varias Rimas ao Bom Jesus*. As *Rimas Varias-Flores do Lima*¹ formam um livro de Amor, pleno de doce lirismo sentimental, cantando-se a Mulher. E como era o tempo sumptuoso e delicado da Renascença — da sedução e da doçura italianas — em efusões harmoniosas celebram-se *aqueles tempos tristes, que eram ledos, as recordações doloridas, as inquietações atormentadoras e o mal da ausência*.

Nestas líricas, alude-se ao *saudoso, brando e claro Lima*,² que baixa ao mar como uma carícia lenta, depois de cortar a mimosa paisagem do Minho — visão de sonho, que nos prende à terra.³

.....
«Escrevi não por fama, nem por gloria,
De qu'outros versos são merecedores,
Mas por mostrar o mal dos meus amores
A quem nelles de mim teve victoria.

Por tempo foi a dôr crescendo tanto,
Que já de ser mui grande me moveo
A descobri-la em rimas pobres d'arte.

Dei logo olhos a choro, lingoa a pranto,
A mão sem uso á pena, qu'escreveo
De mil partes, da minha esta só parte».

Rimas Varias — Flores do Lima, — edição de 1770 — son. 2.

¹ Nas *Rimas Varias — Flores do Lima* confessa ter gasto a mocidade no Amor — son. 76.

² *Varias Rimas ao Bom Jesus*. Edição de 1770. Pág. 134. *Flores do Lima* — son. 40.

³ Senhor D. Miguel de Unamuno, *Andanzas y Visiones Españolas*, pág. 67.

«De mil **sospeitas vãs** se me levantão
Trabalhos, e desgostos verdadeiros :
Ah que gostos d'Amor são feiticeiros,
Que nos levão tras si, que nos encantão :

Então nos matão, quando mais nos cantão,
Sereas para nós, nos marinheiros,
Começos amorosos, lisongeiros,
Fins crueis, e mortais qu'o mundo espantão».

.....

Idem, *son.* 70.

«Mas si conosco Amor, de que m'espanto?
Sus gustos dolor son, son quexa, y llanto.»

Idem, *pág.* 214.

*

Em a novela pastoril *Diana* de **Jorge de Montemor**,¹ apesar de escrita em castelhano,² palpita o coração português — na sua melancolia e saudade.

*

O cativo de África, depois do desastre de Alcácer-Kibir — *a jornada infelice* — que já acentuára a religiosidade de Diogo Bernardes, fez também avultar o misticismo português na obra de **Frei Tomé de Jesús** — *Trabalhos de Jesús*.³

*

¿E que é a *Historia tragico-maritima* — ingenua e dolorosa relação de naufrágios — senão a representação real e enérgica do ousado Portugal? Aí sim, aí é que está, na sua flagrante verdade, no vigor das impressões, a genuína prosa portuguêsã!

¹ «Ora de **amor i ausencia** estoi quejando, — Ora mi mal al mundo manifesto; — Ora ordeno partir me, ora me quedo; — En una ora mil vezes mudo el puesto; — Ora, a hurto de Amor, me finjo ledo; — Ora me veo tan triste que me muero; — Ora querría morir me i nunca puedo». *Carta ao senhor Francisco de Sá de Miranda*, versos 120-126.

² Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela II*, *pág.* 251-336.

³ «La cuerda del dolor es la que más y mejor suena en la poesía portuguesa, que es poesía doliente y dolorida. En el primero de los ascéticos portugueses, Fray Thomé de Jesús, brilla un sutilísimo ingenio para refinar los dolores — véase sus *Trabalhos de Jesús*...» Senhor D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, *pág.* 33.

Duma cela saíram para a glória da nossa Literatura as apaixonadas *Cartas* — cuja ingenuidade comovendo até às lágrimas raia pelo sublime — de Soror **Mariana Alcoforado**, onde o amor passa como tempestade. Estas *Cartas*, sendo a expressão fatal do temperamento psíquico português, são o documento mais lídimo que no género epistolar podemos apresentar ao concurso de todas as literaturas, porque são plenas de sentimento e sinceridade.

As *Cartas* de **Soror Mariana** são a história duma vida enclausurada na paixão.¹

O cavaleiro fidalgo **D. Francisco Manuel de Melo** tornou-se pela sua vida afectiva, com o Auto do *Fidalgo Aprendiz* e com a *prosa modelar* da *Historia de los Movimientos, y Separación de Cataluña*² um representante da psicologia nacional. Nas *Epanaphoras da Historia portugueza* (p. 239) observa: « . . . o nosso natural he entre as mais nações conhecido por amoroso . . . »

É um representante do génio nacional **Francisco Rodrigues Lobo**, porque no seu lirismo apaixonado e em prosa — o melancólico cantor do Liz — deu expressão á emotividade orgânica da alma portuguesa.³

¹ «Le retentissement de ces quelques pages, où la passion, pour la première fois, parvenait à rompre l'expression littéraire qu'il était convenable d'imposer aux sentiments amoureux, fut considérable et déborda sur le XVIII^e siècle, qui s'enthousiasma pour ces ardentes et douloureuses confidences.

Il faut bien le reconnaître: *Les Lettres Portugaises* sont uniques au XVIII^e siècle. Pourquoi cela? Peut-être, sans doute, parce que la grandeur de l'ordre politique, la solennité du décor et la forme majestueuse que l'on donnait au moindre écrit gênaient toute liberté d'expansion». M. Robert de Flers, *Les Lettres d'Amour*. Conferencia. Paris, 1922. N.º 20, p. 337. Vide Senhor Dr. Fidelino de Figueiredo, *Mariana Alcoforado*. O Instituto. Coimbra, 1920. Vol. 67. N.º 4.

² «...a *Guerra de Cataluña* é um painel grande e vigoroso, pintado por um artista e um pensador, e reproduz com realismo e sentimento admiráveis o drama da vida humana». Senhor Edgar Prestage, **D. Francisco Manuel de Mello** — *Esboço Biográfico* — pág. 416.

³ «Poeta mavioso, apaixonado e galanteador, preiteia culto às *damas*; da sentimentalidade e gosto delas fia a salvaguarda dos seus poemas de amor. Entra na tradição dos bardos portugueses, derretidos de amavios, apaixonados do belo sexo, de lira a vibrar sempre que lhe roce nas cordas lânguidas um volver de olhos ou um franzir de lábios de mulher. Senhor Dr. Ricardo Jorge, **Francisco Rodrigues Lobo** — *Ensaio Biográfico e Crítico* — *Revista da Universidade de Coimbra*. Vol. III. — N.º 3, pág. 549.

*

O intolerantismo sistemático, que no século XVIII abafou a vida nacional prejudicou os espíritos, que entre nós exerceram a sua actividade estética. Mas do outro lado do Oceano, no Brasil, que caminhava para a autonomia, surge a ternura amaviosa, a meiguice tocante do lirismo de **Tomás Antonio Gonzaga** — a *Marília de Dirceu*.

E notifiquemos que a **Literatura Brasileira** rica, levantada e bela ostenta hoje, num trasbordamento ardente de paixão, o **lirismo mais intensamente sentido** — ela é bem a continuação da Literatura Portuguesa.

*

Admirador das sentenciosas quintilhas mirandinas, deu-nos **Nicolau Tolentino**, em quintilhas pitorescas e sonetos, quadros dos amorosos nacionais do século XVIII, primorosamente observados e plenos de graça.

*

Bocage, a organização estética mais impressionável e fecunda, que o século XVIII produziu em a nossa terra, em cujo espírito ecoou o grito poderoso com que a Revolução incendiava a atmosfera revolucionária da França, foi bem nosso na vibratidade, no estranho colorido das suas líricas amorosas.

*

Há *sentimentalidade saudosista* no poema *Camões* de **Almeida Garrett**. As figuras lusitanas dos dramas românticos *Um Auto de Gil Vicente*, *Alfageme de Santarém*, *Frei Luís de Sousa*¹ e *Felipa de Vilhena* procuram levantar Portugal pelo amor das Tradições da Terra Portuguesa, porque *tudo, que foi alto ia baixando* . . .²

¹ E' interessante ver como para Edgar Quinet — *Mes vacances en Espagne, 1844* — esta obra foi uma revelação:

«Em sua comovedora simplicidade, o drama representa o fundo íntimo da vida portuguesa, com a mistura de anseios e tristezas, esperanças envenenadas de fortunas aparentes e impossíveis, que conduzem a essa *devoradora melancolia*, que se chama *saudade*. O efeito é tanto mais desolador, quanto a esperança realizada apenas serve para despedaçar os corações. No fim, quando as personagens principais dizem adeus ao mundo para entrar no convento, parece que a nação inteira pronuncia os votos».

² **Folhas Cahidas** — *No Lumiar*.

A deliciosa e viva prosa das *Viagens na minha terra* é iluminada pelo amor a Joaninha, a Laura, a Júlia, a Georgina. Nesta narrativa, com tranqüila audácia Garrett revelou francamente o que era o coração amoroso de Carlos, que é o seu próprio coração.

No seu exaltado lirismo, onde lateja a ardência dum temperamento português — grita-se a paixão pela embriagadora Viscondessa da Luz, que enche ardente e perturbadoramente as *Folhas Caídas*.

Na obra de Garrett descobre-se o carácter real, o carácter persistente do povo português. As raízes dêste carácter mergulham em sete séculos — é por elas que êle conserva a seiva moral.

*

O forte pensador e artista **Alexandre Herculano**, o historiador das origens nacionais, deixou-nos «os romances e escriptos humorísticos, onde transparece sempre o *gout du terroir*, cunho de portuguêsismo duro e pesado, mais aggressivo do que engraçado. Nos escriptos de polemista, a phrase rotunda é quente, a aggressão é viva, as palavras teem calor, e a dureza do genio lusitano acha nos sentimentos expressos em orações duras, uma convicção, uma independencia, que a ennobrecem». ¹

*

Em **Soares de Passos** o lirismo, avançando para o subjectivismo, surge profundamente elegíaco e docemente plangente como a alma portuguesa.

*

Com efusão lírica, iluminada pela Fé e pela Pátria, **Tomás Ribeiro** — que deu expressão à emotividade nacional no Ultra-Romantismo — cantou com entranhado affecto a **alma sonhadora** de Portugal e a paisagem rural e marítima da nossa terra.

*

Representante do **lirismo algarvio**, **João de Deus** celebrou a Divindade e cantou o *eterno feminino*.

Na sua Obra encontra-se o sentimento estético da Natureza, sente-se

¹ Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*, II, pág. 319.

a vibração da poesia popular, dos versos de Camões e do doce bucolismo da *Marília de Dirceu*.

Nas suas *maneiras* artísticas — em que há sempre frescura, delicadeza, bondade e sentimento — *poesias idealistas e melancólicas dos tempos de Coimbra, versos objectivos e idílicos e naqueles em que, na adoração da Mulher, há uma forte paixão* — demonstrou que a idealização do Amor é acentuada no sul do país.

*

Com fina sensibilidade e profunda agudeza de visão, **Eça de Queiroz** fixou nos seus Romances contemporâneos a psicologia passional sobretudo de tipos do sul do país. E, na sua última *maneira* estética, é um vibratil **sentimental**,¹ como na crítica da cidade e na íntima, profunda e amorosa apologia da vida no campo — *A Cidade e as Serras*, em que há emoção, melancolia, saudade.

*

Antéro de Quental ficou na Literatura Portuguesa como o Poeta do Desespêro e da Morte:

«Funerea Beatriz de mão gelada . . .
Mas unica Beatriz consoladora !

¹ «Na sua explicação da natureza, como o fundo nelle é dum idealista e dum contemplativo, a sua alma aspira sempre a *repousar do aspero estudo da Realidade humana, partindo para os campos do Sonho, vaguear por essas azuladas collinas romanticas, onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos verdes recobrem as ruinas do Idealismo, a fazer phantasia*. Assim, aos snrs. Jules Lermina e Ladislau Mickiewicz, que inseriram na sua revista a versão do *Mandarin*, fez protesto de culpa, que modestamente reportou da **fatalidade ethnica**. Mas não só ella é que faz com que a sua paizagem; o seu ceu, o seu mar, as florestas e as aguas correntes tenham uma alma; é elle, elle mesmo, que, pantheista; vitaliza a substancia. Como o disse nas *Singularidades duma rapariga loura*, o litterato alegra-se com a alegria das coisas, enriste-ce-se com a sua tristeza. E a **melancolia** é até a final nota querida, porque, como todo o que tem o dom terrivel de encontrar o comico, este homem é um **ensombrado**. Por isso, a sua prosa se orvalha duma nevoa de abstracta **saudade**, como a que Theodoro, perdido na barbárie asiatica, sentia entrar-lhe no coração, ao pensar nos seus ribeiros do Minho, *tão frescos, quando verdejam os linhos*...» Bruno, *A Geração Nova*, p. 191-2.

«La nota zumbona y satírica va en Portugal del brazo con la nota erótico-elegiaca. Parece un pueblo que no sabe sino llorar ó burlarse. Y el burlarse suele ser un modo de llorar. Enrique Heine se burlaba por no desgarrarse el pecho á gemidos. ¿Y creéis que la burla de Eça de Queiroz, de sus implacables sátiras, no son tan dolorosas y tan quejumbrosas como la más plañidera elegía? Leed *A illustre casa de Ramires*, y leed después *A Cidade e as Serras*, obras las dos traducidas ya al castellano.

Pero, si queréis conocer á Queiroz, ante todo su *Correspondencia de Fradique Mendes*. Aquí veréis lo corrosivo que és un espíritu supercrítico».

Senhor D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, p. 19-20.

A sua trágédia espiritual, o seu desalento e pessimismo são portugueses.¹

*

A cerebração opulenta, ardentemente idealista de **Camilo Castelo Branco** criou, entre nós, o Romance de costumes — onde há efusão lírica, plenitudes de amor e perpassam adorados vultos de mulher.

Psicológicamente, devemos destacar da galeria dos seus Romances passionais, em que o homem, *que envelheceu a amar* faz a história do coração português — o *Amor de Perdição*.²

São páginas românticas de desganhos de amor e de martírio, que o exuberante artista viveu intensamente.

As suas figuras de amorosas e de amorosos, principalmente do Norte do País — são medularmente nacionais.

Tôda a sua obra acusa a fatalidade audaciosa, apaixonada e violenta do sangue português.

*

No *Só* de **António Nobre** vibra uma dôr, uma emoção feita de melancolia e saudade. Na Literatura Portuguesa ele é o tradutor da *Decepção*, do *Tédio* lusitano.³

¹ «Los famosos sonetos de Antero de Quental son algo huesoso y duro con frecuencia: el elemento conceptual y abstracto aparece muy descarnado, no siempre bien recubierto por la fantasía. Pero ¡qué hondura de desesperación!, ¡qué intensidad de congoja religiosa! El pobre Antero, que acabó por suicidarse, es una alma que puede ponerse junto á las de Thomson (el del siglo pasado), Senancour, Leopardi, Kierkagard y los más grandes desesperados. En España no tenemos nada que se le parezca. Campoamor resulta á su lado un falsificador del escepticismo. Quental ha sido una de las almas más atormentadas por la sed del infinito, por el hambre de eternidad. Hay sonetos suyos que vivirán cuanto viva la memoria de las gentes, porque habrán de ser traducidos, más tarde ó más temprano, á todas las lenguas de hombres atormentados por la mirada de la esfinge.

Este tono de iristeza, es característico de la Literatura portuguesa». Senhor D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, pág. 18-19.

² «... La novela de pasión amorosa más intensa y más profunda, que se haya escrito en la Península...»

«... Camilo, el que nos ha dado en sus novelas toda el alma trágica, fatídica, patética de Portugal». D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, p. 20, 134.

³ «El culto al dolor parece ser uno de los sentimientos más característicos de este melancólico y *saudoso* Portugal...»

«... lo encontráis diluído en las vagarosas soñaciones de Antonio Nobre, que tanto influyó en un tiempo en la juventud portuguesa: aquel Antonio Nobre autor de un soneto, de un soneto de la más amarga desesperanza patriótica; de aquel soneto que acaba: «Amigos,— ¡que desgraça nascer em Portugal!»

«Este tono de desesperación resignada, ó de resignación desesperada, aparece á cada mo-

Fialho d'Almeida foi irreverente e sarcástico¹, analista, imaginativo, intensamente dramático, **poderosamente sensível** e dotado duma alta, intuição psicológica.

Na sua Obra opulenta, mas desigual, palpita vigorosamente a rútila alma da nossa terra, sobretudo nos quadros assombrosos e nos traços psicológicos, que nos legou do Alentejo.²

Na comovida Obra dramática do grande lírico **D. João da Câmara** desfilam personagens, em que êle fixou a **sensibilidade** e a **resignação** da gente português.

São as figuras bondosas e ternas dos *Velhos*,³ a resignação de *Afonso VI*

mento en la literatura portuguesa. De él sólo se libran, ó mediante el refugio de la burla, asilo de las almas desesperadas, ó gracias á cierta arrogancia, que en el fondo es española».

Senhor D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, p. 8, 19.

¹ «La blandura, la *meiguice* portuguesa, no está sino en la superficie; rascadla, y encontraréis una violencia plebeya que llegará á asustaros. La blandura es una máscara. El lenguaje de la Prensa sobrepuja aquí en violencia á todo lo más violento, que se escriba en España. Allí no habrían podido escribirse nunca páginas como las que Fialho d'Almeida dedicou en *Os Gatos* á la muerte del rey Don Luís y á la proclamación de Don Carlos...

Y en la literatura, nuestros más fogosos escritores tienen que ceder en fuerza á los de aquí. Este és un pueblo no sólo sentimental, sino apasionado, ó mejor dicho, *antes apasionado que sentimental*. La pasión le trae á la vida, y la misma pasión, cousumido su cebo, lo lleva á la muerte. Hoy, ¿qué le queda?

Dentro de unos días, el 1.º de Diciembre, celebrarán las fiestas de la restauración de su nacionalidad, de haber sacudido la soberanía de los Felipes de España. Al día siguiente volverán á hablar de bancarrota y de intervención extranjera. ¡Pobre Portugal!» D. Miguel de Unamuno, *Por Tierras de Portugal y de España*, pág. 127-8.

² «Los veranos son terribles en esta región. El que quiera formarse idea de ello lea en el libro portugués *Á Esquina*, de Fialho d'Almeida, aquella portentosa descripción de la siega en el Alentejo — que corresponde en Portugal á nuestra Extremadura —, aquel trozo que es de lo más fuerte, de lo más robusto, de lo más trágicamente sugestivo, que se haya escrito en la Península y fuera de ella. Se titula *A ceifa*. Aquello os dará idea de lo que ese infierno del verano extremeño sea». *Idem*, pág. 278.

³ É valiosa a observação do Senhor Carlos Malheiro Dias acerca da sensibilidade portuguesa em duas criações de D. João da Câmara: «Essas obras magistraes da psychologia dos humildes, que são *Os Velhos* e a *Triste Viuvinha*, admiravelmente testemunham a enternecida piedade do dramaturgo pela alma dorida dos que soffrem». *Em Redor de um Grande Drama*, pág. 38.

Em 17 de Janeiro de 1907 representaram-se *Os Velhos*, em Bruxellas, no Teatro do Parque. O jornal *Le Soir* apreciou a comédia nestes termos:

«*Os Velhos*, assim se intitula, muito simplesmente, a peça, que ontem se representou na-

e da *Triste Viuvinha*, as lágrimas da *Rosa Engeitada* e o misticismo da *Meia Noite*.

As personagens simples de D. João da Câmara patenteiam os sentimentos da alma lusitana.

*

Marcelino Mesquita, singular temperamento teatral, deixou-nos a nota trágica do Amor português em *A Noite do Calvário*, a nota melancólica no *Envelhecer*¹ e a vibração lusitana da honra, da nobreza, da bravura no *Regente*, que se destaca, rútila *frol de jentileza*,² perante a torpeza da traição de Alfaroabeira.

quele teatro pela primeira vez, em lingua francesa. E' uma obra original, onde o realismo se confunde com o sentimento, a observação minuciosa com a poesia mais terna e comovida, e onde uma rusticidade aflora entre o centeio e o trigo maduro, no perfume saboroso do pão fresco...

Segundo o sr. D. João da Câmara, os velhos são entes humildes errando na existência um pouco timidamente, obsediados pela recordação dos anos decorridos. Constantemente revivem um sonho ido, guardando com ciume as tradições antigas. Desgostosos, muitas vezes, com o desaparecimento dos seres e sobretudo das coisas, que lhes foram queridas, lutam tenazmente por manter o encanto do passado, mas muito débeis, muito fracos perante as manifestações do progresso, cedem sempre.

.....
O sr. D. João da Câmara traçou com piedade e emoção estes tipos de velhos. Com rara felicidade exteriorizou as suas revoltas débeis diante da civilização avassaladora.

Engenheiros percorrem a aldeia, estabelecendo o traçado de uma linha férrea. Que profanação! Campos arrancados à cultura! O silvo da locomotiva, — uma máquina infernal, de certo — substituindo o murmúrio das águas e o cantar das avezinhas! A invasão do estrangeiro, tôdas as tradições destruídas, talvez... «Vão construir uma ponte, — exclama dolorosamente o velho pároco, — e desviar assim o curso do ribeiro!» E aliam-se para a defesa comum. Mas o monstro aparece. O monstro é um personagem encantador, um empregado enviado pela companhia, um mancebo alegre e que impõe confiança.

Fala, e todos se calam; paga, e todos se convencem. E eis o caminho de ferro aceite, reconhecido. Ah! os velhos já não têm no coração e na alma a força das resistências enérgicas. Sofrem bastante, mas calam-se. O futuro triunfa. E mais tarde, como epílogo obrigado de deliciosas scenas de idílio, o mancebo, — o Progresso, — casa com a filha de um dos velhos mais recalcitrantes. — o Passado. Eu não sei se o sr. D. João da Câmara teve a intenção de mostrar-nos este símbolo; a sua obra não tem a gravidade de uma peça de tese; é tôda **doçura e sentimento**, mas invencivelmente esta idea aparece triunfante através da delicada filigrana poética, de que está ornada a peça. Eis o que explica o grande êxito, que *Os Velhos* tiveram ontem no Teatro do Parque.

¹ Quando, em fins de Fevereiro de 1916, se representou em Madrid o *Envelhecer*, a imprensa espanhola apreciou-o numa síntese: «a comédia, sobriamente composta, de tom sombrio, encerra profunda emoção e *desoladora melancolia*». A. B. C., *El Liberal*, *Correspondencia de España*.

² — Modêlo de cavaleiro, in *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. — II, pág. 88.

*

E' a psicologia, a paisagem, os hábitos e as crenças do Alentejo, que avultam também, com emoção e ardente colorido, nas líricas da *Musa Alentejana* do **Conde de Monsaraz**.

*

Interpretou a sentimentalidade portuguêsã com ternura o lirismo de **António Feijó**, cuja vida no estrangeiro não lhe apagou o inato nacionalismo.

*

Estudando subtilmente temperamentos nacionais, **Teixeira de Queiroz** analisou superiormente o coração português, observando casos de amor.¹

Na colecção de contos passados no Minho:² — *Comédia do Campo*³ e na *Comédia Burguesa*⁴ fixou meios sociais e figuras apanhadas em flagrante, que fornecem preciosos documentos para o estudo da nossa psicologia colectiva.

*

Em *Os Simples* e na invocação à Dor do poema *Pátria*,⁵ **Guerra Junqueiro**, tendo feito obras *ingenitamente lusitanas*, foi o intérprete da alma portuguêsã: campesina e heróica, dolorosa e sonhadora.

*

Em setecentos anos de Vida Literária o que avulta na Literatura Portuguêsã — é a floração exaltada do subjectivismo lírico e a simplicidade emocionante e verdadeira da prosa.

Em a nossa Literatura encontra-se a viva expressão do carácter nacional.

¹ *Cartas de Amor*.

² É também no Minho, cheio de côr e mimoso, que decorre a acção do Romance de Teixeira de Queiroz: *Amor divino*.

³ A *Comédia do Campo* compreende *Contos*, *Amor Divino*, *António Fogueira*, *Novos Contos*, *Amores*, *amores...* *A nossa gente*.

⁴ A *Comédia Burguesa* abrange *Os noivos*, *O Salustio Nogueira*, *D. Agostinho*, *Morte de D. Agostinho*, *O famoso Galvão*, *A Caridade em Lisboa*, *Cartas d'Amor*.

⁵ *Scena XXI*.

«Ô mon père et ma mère, ô mes
chers disparus . . . c'est à vous que
je dois tout». □ □ □ □ □

PASTEUR, *Discours*, 14-VII-1883.

À MEMÓRIA DE MEUS PAIS:

D. ADELAIDE SOFIA MARQUES BRAGA

DOMINGOS J. FERREIRA BRAGA

CONSAGRO ESTA EDIÇÃO DAS
ÉCLOGAS DE BERNARDIM
RIBEIRO □ □ □ □ □ □

M. B.

BERNARDIM RIBEIRO

ÉCLOGAS

ANOTADAS POR MARQUES
BRAGA, PROFESSOR DO
LICEU DE PEDRO NUNES

COM UMA GRAVURA DE
ALBERTO DE SOUSA

1923

Composto e impresso nas Oficinas
da Secção de Publicidade do Mu-
seu Comercial, R. do Quelhas, 6-A

Lisboa

PARA ESTA EDIÇÃO DAS **ÉCLOGAS**—QUE
NÃO É PARA ERUDITOS—SEGUIMOS O TEXTO,
QUE ACOMPANHA A “**Menina e Moça ou**
Saudades,”¹ DE BERNARDIM RIBEIRO
(LISBOA, 1785), TENDO-SE FEITO CORRECÇÕES
PELA «PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE DO LIVRO
CHAMADO SAUDADES DE BERNARDIM RIBEIRO,
COM TODAS SUAS OBRAS» (EVORA, 1557).

¹ Pág. 268-358.

«As bellissimas Éclogas de Bernardim Ribeiro são... segundo o meu parecer, as melhores que ha escriptas em verso de arte menor, e onde, como na mais pura fonte, se deve beber o verdadeiro estylo pastoril».

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras Poeticas*,
PÁG. 292.

.....
«Bernardim Ribeiro — no genero pastoril — foi um tanto mais original em sua simplicidade; o que lhe falta de sublime... sobejalhe em brandura, e numa ingenua ternura, que faz suspirar de saudade, daquella saudade, cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tam longo padeceu, e tam bem pintou».

ALMEIDA GARRETT, *Parnaso Lusitano*, I,
P. XII-XIII.

«Bernardim Ribeiro... alma muy poética, de sensibilidad casi femenina...»

MENÉNDEZ Y PELAYO, *Antología*. TOMO VII,
P. CLVIII.

ÉCLOGA I.

INTERLOCUTORES:

PERSIO E FAUNO *

AUTOR.

NAs selvas, junto do mar,
Persio pastor costumava
Seus gados apacentar:
De nada se arreceava,
5 Não tinha que arrecear.
Na mesma selva naceo,
Fez-se famoso pastor.
Tanto que veo do Ceo

6 — «... naceo» — Ed. Eb. de 1557, Ed. de 1645 e de 1785. 8 — «veo»
— Ed. Eb. 8 — «Mas foy permissam do Ceo» — Ed. de 1645 e de 1785.

* Acêrca das tentativas para identificar os dois pastores, consultem-se as Obras citadas na *Bibliografia*. Tenham-se porêem presentes as observações da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos à *Écloga Alejo* de Sá de Miranda, que podem ser applicadas às *Éclogas* de Bernardim Ribeiro: «os ornatos e recamos, os pensamentos e sentimentos de que a satura, são outras tantas referências a acontecimentos interiores e exteriores da sua vida, e da de amigos e inimigos. Poetizados, bem se vê. *Enganam-se os que procuram, nesta e nas outras Éclogas do poeta, nada mais do que relatos e retratos, inalterados, do natural — tam fiéis que a crítica os possa utilizar como documentos biográficos*». *Novos Estudos sôbre Sá de Miranda*, pág. 154.

Como nas *Églogas* de Jacobo Sannazaro e em Garcilaso de la Vega — nas *Éclogas* de Bernardim Ribeiro, assistimos aos debates de pastores, que lamentam doloridamente as suas desventuras amorosas.

1-7 — O Pastor *Persio* vivia feliz antes de ter encontrado *Caterina*.

- Fazer-lhe guerra o amor:
 10 Era mais forte, e venceo.
 Sendo livre, mui isento,
 Vio dos olhos Caterina:
 Cegou-lhe o entendimento,
 E Caterina era dina
 15 Pera dar pena e tromento.
 Logo então começou
 Seu gado a emagrecer;
 Nunca mais dele curou,
 Foi-se-lhe todo a perder,
 20 Co'o cuidado que cobrou.

15 — « . . . tromento ». — Ed. Eb. 20 — Co cuidado . . . — Ed. de 1785.

20 — *Co'o* — « Na metrica precamoniana era frequentissimo a vogal ou ditongo nasal do fim de uma palavra formar com a vogal ou ditongo inicial da pal. seg. uma só syllaba ». E. Dias, *Rev. Lus.*, II, p. 277.

9 — Dar-lhe inquietações angustiosas o amor — a *guerra* da paixão. Cfr.: «E' mi tolse di pace, e pose in *guerra*». Petrarca, *Canzone* CCCLX, 30. «Amor mi diè per lei sì lunga *guerra*». Idem, *Tr. div.* 140. «Di quella che mi fa sì lunga *guerra*» Sannazaro, *Egl. terza*, 76. 11 — *Isento* — livre de afeição. Vide na *Écl.* IV versos 211 e 246-8. Cfr.: «Contente vivi já, vendo-me *isento*. — Deste mal de que a muitos queixar via: — Chamão-lhe amor; mas eu lhe chamaria. — Discórdia e semrazão, guerra e tormento». — Camões, *Son.* 249. 12-13 — Cfr.: «Porque assi como vos *vi*, — *Cegou minha alma* e a vida; — E está tam fóra de si, — Qu'em partindo vós daqui — He partida». — G. Vic., *O Velho da Horta*. 18 — Nunca mais tratou do gado . . . 20 — Com a inquietação de alma, que se apossou dêle. O vocabulo *cuidado* foi muito usado pelos Poetas palacianos do *Canc. Geral* e pelos Quinhentistas. Em B. Rib., é muito freqüente: «*Cuidado*, pode-se tomar, e tolher, não.» *Men. e Moça*. P. I, cap. 23. Cfr.: «E o triste meu *cuidado* . . .» G. Vic., *Juiz da Beira* — «Regendo em outro tempo o manso gado, — Tangendo a minha frauta nestes vales, — Passava a doce vida alegremente: — Não sentia o tormento destes males; — Menos sentia o mal deste *cuidado* . . .» Cam., *Écl.* 4. Vide ainda Cam., *son.* 208: «Ondados fios de ouro, onde enlaçado — Continuamente tenho o pensamento; — Que quanto mais vos solta o fresco vento, — Mais preso fico então do meu *cuidado* . . .» — «. . . a dor do meu *cuidado* . . .» Diogo Bernardes, *Rimas Varias* — *Flores do Lima*, *son.* 14. Ed. de 1770.

- Dias e noites velava,
 Nenhum espaço dormia.
 Caterina bem o oulhava,
 Cuidou Persio que valia,
 25 Não valia o que cuidava:
 Confiou no merecer,
 Cuidou que a tinha de seu,
 Veo ahi outro pastor ter,
 Com o que prometeu, ou deu,
 30 Se leixou dele vencer.
 Levada pera outra terra,
 Vendo-se Persio sem ela,
 Vencido de nova guerra,
 Mandou a alma tras ela,
 35 E o corpo ficou na serra.
 Veo Fauno, outro pastor,
 Que pera al vinha busca-lo,
 Seu criado, e servidor,
 Começou a consola-lo,
 40 O conselho era pior.

23 — « . . . oulhava » — Edição Eborense e Ed. de 1785.

24 — « Cuidou per si o que valia » ; — lição da Edic. de 1852.

28 — « veo . . . » — Ed. Eb. 33 — « . . . da . . . » — Ed. de 1785.

36 — « veo . . . » — Ed. Eb. 40 — « . . . pior » — Edição Eborense.

22 — « . . . então eu, triste, com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa, onde Deos me é boa testemunha de como as noites *dormia* ». *Men. e Moça*. P. I, 2. « . . . & Aonia, porque tinha seu cuidado, não podia *dormir* . . . » Idem, id., cap. 22. 30 — respondeu ao seu amor. *Leixou* = deixou *de laxare* — As duas formas alternam. 33 — *Guerra* = desassossêgo angustioso. Vide nesta *Écl.* nota ao verso 9. 34 — Cfr.: na *Écl.* IV, v. 143. « E leva-me a *alma* e tudo ». G. Vic., *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrela*. « Sem *alma* fico, qu'apos si ma leva. » Diogo Bernardes, *Rimas Varias — Flores do Lima — Son.* 33.

34-5 — Vide: « Y ando un *cuerpo* sin *alma*, — Um papel que lleva el viento . . . » G. Vic., Farsa chamada *Auto da Índia*. 37 — *al* = outra cousa.

FAUNO. Como descansas assi,
 Persio; longe de teu gado?
 Vejo-te jazer aqui,
 Sem cuidado do coitado,
 45 Menos cuidado de ti:
 Por os matos, sem pastor,
 Vão os cordeiros bramando
 Sem pacer, porque o temor
 De ver os lobos em bando
 50 Lhes tira da erva o sabor.
 Perdidas e tracilhadas
 As tuas ovelhas vejo,
 Delas morrem de cansadas,
 E tu tens morto o desejo
 55 D'acudires ás coitadas.
 Andam fracos, desmaiados,
 Os mastins, que as guardavam;
 Desfeitos e mal tratados,
 Não ladram, como ladravam,
 60 Nem podem, de mal curados.

48 — « . . . pacer . . . » — Ed. Eb. e Ed. de 1645 e de 1785.

54 — « . . . desejo » — Ed. Eborense.

44 — *do coitado* = do gado abandonado. Cfr.: *Écl.* III, 12.

Coitado, mesquinho, triste, malaventurado, são epítetos muito freqüentes na Obra de B. Ribeiro — vide *Écl.* III, 1-2. 47 — *bramando* = balindo.

48-50 — «Triste lupus stabulis. . . Vergilio, *Buc.* III, 80. ¹ («Triste a vista he do lobo ao manso gado . . . » Antonio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, I, *Écl.* III, pag. 204. Edição de 1829). — «Et non teman de'lupi — Li agnelli mansueti . . . » Sannazaro, *Egloga terza*, 30-1. ²

51 — *tracilhadas* = muito magras.

53 — *delas* = algumas. 51-4 — Cfr.: «Infelix o semper, oves, pecus! (Ó ovelhas, rebanho sempre infeliz!) — Vergilio, *Buc.* III, 3. ³

54-5 — Cfr.: *Écl.* IV, 324-5. 57 — *Mastins* = cães de guardar gado.

¹ Nesta passagem de Verg. ha uma reminiscência de Teocrito, VIII, 57.

² Cfr.: Verg., *Buc.* IV, 21 e segs.; Hor. *Od.* III, 18; Claudiano, *De raptu Praserpinae*, II, praef. 52 e segs. ³ Teoc., IV, 13.

Qu'é do teu rabil prezado,
 Teu cajado, e teu çurrão?
 Tudo te vejo mudado;
 Tinhas um cuidado então,
 65 Tens agora outro cuidado;
 Mal que não temias, creio,
 Que te vejo; isto temo:
 Tomou-te sem ter receo,
 Então pos-te em tal extremo,
 70 Que te fez de ti alheo.
 A' sombra dos arvoredos
 Teu gado apacentavas;
 E se os ventos eram quedos,
 Mil vilancetes cantavas
 75 Conformes a teus segredos.

66 — « . . . creio . . . » Ed. Eb. 67 — «Que te veio; isto temo»: — variante nas Ed. de 1645 e de 1785. 68 — « . . . receo . . . » Ed. Eb. 70 — « . . . alheo . . . » Idem. 72 — «O teu gado . . . » Edição de 1785. 74 — « . . . ornavas » Edição de 1785.

61 — *Qu'é* = que é feito. *Rabil* ou *arrabil* — instrumento musico de cordas e arco, uma das fôrmas antigas de rabeca. — «Outro traz graças na boca. — Faz falar seu *arrabil*». Sá de Mir., *Poesias*, p. 157. «Quem me dera um *arrabil*». Gil Vicente, *Cortes de Jupiter*. 62 — O *cajado* simboliza a profissão de pastor. — *Çurrão* = bolsa de coiro de uso dos pastores. 61-2 — «Os *çurrões e cajados*, todavia. — Neste comprido tronco penduremos . . . » Cam. *Écloga* I. — Vide: «Falou, por affectar musa campestre. — Em *çurrão e cajado* muitas vezes; . . . » Nicolau Tolentino, *O Bilhar* (sátira).

63 — Cfr.: *Écl.* II, 290. 70 — Cfr.: *Écl.* IV, 249, 279-80. « . . . estando eu aqui só, tam longe de toda a outra gente, & de mim ainda mais longe . . . » *Men. e Moça*. P. I, cap. I. 74 — *Vilancetes*¹ — acêrca destas composições poéticas — vide nota ao verso 114 desta *Écl.* — Cfr.: na *Écl.* III versos 81-2.

¹ «No moderno Vilancete... ao *Mote* de tres versos (ou de dois), mas às vezes tambem de um só verso, segue-se uma Volta, ou seguem-se varias. Cada uma consta de sete versos, dos quais os quatro primeiros formam uma quadra; os ultimos tres são ligados pela rima tanto ao *Mote* como à quadra; todos em redondilha maior ou menor». D. Carolina M. de Vasconcellos, *A Saudade Portuguesa*. Pag. 86.

- Então teu gado engordava,
 Tinhas pasto todo o ano.
 Todo pastor confessava
 Seres tu o mais oufano,
 80 Qu'em toda esta serra andava.
 Acorda, acorda, coitado,
 Dá-me conta de teu dano,
 Porque a um desconsolado
 Um conselho, ou um engano
 85 Tira ás vezes de cuidado.
 Poderás julgar então,
 (Se quiseres rezão ter)
 O teu cuidado por vão:
 Mas, no grande bem querer,
 90 Poucas vezes ha rezão.

PERSIO. Os males, que são sem cura,
 Mal os pode outrem curar;

78 — *confessava* = reconhecia.

79 — *oufano* = contente de si. Vide na *Écl.* III verso 203. Cfr.: «*Oufana* e dando ó quadril». Gil Vic., *Barca do Purgatorio*.

81 — liberta-te desse amor . . .

82 — *dano* — é um vocabulo freqüente na Obra de B. Ribeiro.

84 — *engano* = ilusão. Vide na *Écl.* III verso 443. Cfr.: «Mundo do meu doce *engano*». Gil Vicente, *Almocreves*. « . . . acordo & vejo, — Que nem um breve *engano* posso ter.» Camões, *son.* 72.

88 — *cuidado* — vide nesta *Écl.* verso 20.

89-90 — *bem querer* = amor — vide *Écl.* V verso 163. — «Que amor não quer *rezão* . . .» G. Vic., *O Velho da Horta*. «Mas ao amor quem lhe porá lei?» *Men. e Moça*, P. I., cap. 13. «Amor bravo e *rezão* dentro em meu peito — Têm guerra desigual.» Sá de Miranda, *Poesias*, pg. 68. «Ved! *razon* ante amor de que aprovecha?» Idem, pg. 119. — « . . . amores não guardão lei . . .» Idem p. 405. — «Quem ajuntar poder com agoa o fogo, — Quem misturar co dia a noite escura, — E quem o máo pecado com a virtude, — Este no amor ajuntará *razão* . . .» Antonio Ferreira, *Castro*, Acto I, pg. 169, Ediç. de 1829. — «Sempre a *Razão* vencida foi de Amor . . .» Cam. *son.* 149. 91 — *cura* = remedio.

Nem na gram desventura
 Não ha mais que aventurar,
 95 Que deixar tudo á ventura.
 Não me digas que ha hi bem,
 Que é maior mal pera mi,
 Nem que ouviste a ninguem
 Que me vai lembrar dahi
 100 Que perdi o que outrem tem.
 Vi-me ja preso; contente
 A meu mal queria bem;
 Agora fujo da gente,
 Não vejo triste ninguem
 105 Que viva mais descontente.
 Té no pasto de meus gados
 Tinha a condição oufana,
 Mas aos malaventurados,
 Crê, que tudo se lhes dana
 110 Co a mudança dos cuidados.
 Sentava-me em um penedo
 Que no meo d'agoa estava;
 Então ali só, e quedo,

93 — « . . . desventura » — Ed. Eb., Ed. de 1645 e de 1785.

109 — « Cree . . . » Ed. Eb. 112 — « . . . meo . . . » Ed. Eb.

113 — « . . . soo . . . » Ed. Eb.

96 — *ha hi* = no mundo; *hi* = aí. *Ha hi* = construção muito frequente em linguagem arcaica — vide «nem *ha hi* chronica nem estorya em que se conte o contrairo.» Eannes de Zurara, *Chronica da Guiné*, cap. 31, Ed. de 1841. 100 — O amor de Caterina. 101 — *preso* — cfr.: «Nesta materia foi ele *preso* do amor da senhora Aonia . . . » *Men. e Moça*, P. I, cap. 9. — «Ora sois ja na corte onde se atea — Para vos outra fragua, outras contendas, — Outra *prisão* mais nobre, outra cadea, . . . » Sá de Mir., *Poesias*, p. 808. 102 — Cfr.: *Écl.* III, 206-10. 103 — « . . . ha ja muitos anos que eu não vivo pera mim, & que vim para estes ermos fogindo das gentes . . . » *Men. e Moça*, P. I, cap. 3. — Cfr.: *Écl.* IV, 301-5. 110 — *cuidados* — vide nesta *Écl.* nota ao v. 20. 113 — *quedo* = não receando nada — tranqüilo

A minha frauta tocava.

115 Bem fóra de nenhum medo:

Muito livre de cautelas,

Os olhos nas mesmas agoas,

E o cuidado longe delas,

Chorava ali minhas mágoas

120 Folgando muito com elas.

114 — A *frauta* simboliza a poesia pastoril.

«Conheciam-no porem ja todos os de casa, & chamavam-lhe o *pastor da frauta*: porque ele acostumava trazer-la sempre: ca pera remedio da sua dor a escolhera, depois de se desconhecer. Tambem assi muitas vezes, ora pela ribeira deste rio, & outras horas por aquestas altas assomadas (que fazem como vedes mais gracioso este vale) andava *tangendo*, & *cantando em palavras pastoris*. Ca este só contentamento lhe era algum conforto pera o seu mal, & pera desabafar o seu coração, que tam occupado de profundos e muito penosos pensamentos trazia».

« . . . Disse (se vos lembra) que ãa só **cantigua** me lembrava: que dezia meu pay que lhe ouvira a ama, & foi desta maneira: Começava a cair a calma, & havia pedaço que o pastor da *frauta* estava sentado á beira deste ribeiro, sobre um torram, oulhando pera outra parte contraira, donde a ama acertou tambem acaso de vir. *Estava tangendo mançosinho a frauta antre si*. Estando ele nisto, leixara-se vir um rebanho de vacas correndo, apressadas da mosca: passando por ele se foram meter n'agoa té os peitos, & leixando ele então de tanger, ficou como cuidadoso um pouco, porem sem tirar a *frauta* donde a dantes tinha como tresportado. Olhou pera isto a ama, & quisera-lhe dizer que tangesse, que bem lhe parecera dantes. Mas estando pera lho dizer, começou ele então *tocar a frauta docemente*, de maneira que fez detença a ama. Parecendo-lhe cousa triste, & mais que de pastor, deo-se toda a ouvi-lo, senão quando ele, depois de um pedaço grande, soltou a *frauta*, & começou assi:

«Pera todos houve hi remedio».¹

Men. e Moça, I, cap. 17-18.

116 — *Cautelas* = cuidados previdentes.—Cfr.: «Vida em tanta *cautela* tanto aviso,—Quando me deixarás?». Antonio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Tomo II, p. 67.—*Carta a Diogo Bernardes*.

119-20 — Cfr.: na *Écl.* V, 111-15. . . . como receará meu pensamento,—Os males, se com elles mais se apura?» Cam. *Son.* 275.

¹ Esta **Cantigua** encontra-se em pág. 131 desta Edição.

Um pastor, que eu não temia,
 De muito mais gado que eu,
 Que longe dali pacia,
 Creio que, pelo mal meu,
 125 Veo ali ter um dia.
 Então, vendo pasto tal,
 Sem rezão, ou com rezão,
 Fez-se logo maior al:
 Senti eu meu mal então,
 130 Mas depois senti mor mal.
 FAUNO. Quem pena por cousa leve,
 Deve ser sempre penado:
 Quem co'a vida não se atreve,
 Deve ser dela privado,
 135 Se a morte faz o que deve.
 Molher, que a outrem se entrega,
 Querer-lhe bem em extremo
 Vem de andar a rezão cega,
 Ou do espirito ser pequeno;
 140 E ãa destas não se nega.

123 — «... pacia». Ed. Eb. 124 — «Creo...» Idem. 125 — «Veo...» Id.
 136 — «Molher . . . » Ed. Eb., Ed. de 1645 e de 1785.

121 — *Um pastor, que eu não receava* . . . 124 — *pelo mal* = por minha desgraça. 128 — ficou *logo* a dominar . . . 129 — *mal* = infelicidade. 131 — *pena* = sofre. 133 — Quem não tem coragem para arrostar com as dificuldades da vida . . . — *co'a* — vide nesta *Écl.* verso 20.

136 — Acêrca deste verso, vide: «Era Cruelsia uma de duas filhas a quem sua mãy mais que a si queria, e de boa fermosura; mas obrigou tanto este cavaleiro, com cousas que fez por ele, que o endividou todo nas obras; nam lhe leixou nada, tam só pera que lhe devesse a fermosura. Parece q̃ lhe quis camanho bem, que não sofreu a tardança de o hir obrigando pouco a pouco; *deu-se-lhe logo toda.*» *Men. e Moça.* P. I, cap. 13.

139 — *espirito* — alma.

136-40 — Cfr.: « . . . indigno amore peribat? » Verg. *Buc.* X, 10.

- PERSIO. A gram dor, quem a tiver,
 Se com dor ha de passa-la,
 Em quanto lhe ela doer,
 Pode mal dissimula-la,
 145 Pior a pode esconder.
 Se não lanço esta de mi
 Não posso tanto comigo;
 Leixa-me morrer assi,
 Que a morte é menos perigo,
 150 Que outros perigos que vi.
- FAUNO. Os fracos de coração
 Obedecem á vontade.
 E muito mais sem razão
 E' perder a liberdade
 155 Por algum cuidado vão.
 Se dessejas descansar
 Deste, que te traz cansado,
 Lança-te, Persio, a cuidar
 Que, ás vezes, o desejado,
 160 Alcançado, dá pesar.
- PERSIO. Conselho quero de ti,
 Mas não ja pera ter vida;
 Se o pode haver ahi.
 Pera a poder ter perdida.

141 — « . . . door » na Ed. Eb. encontra-se algumas vezes a duplicação da vogal. 145 — « Pior . . . ». Ed. Eb. 156 — « . . . dessejas . . . ». Idem. 159 — « . . . desejado ». Idem.

142 — *dor* = angustia. 146-7 — se não me liberto desta dôr, não lhe posso resistir . . . 149-50 — Cfr.: « . . . a dor que o amor me deu — Nunca a mais pude esquecer . . . » Gil Vic., *Exhortação da Guerra*.

151 — Os sem coragem . . . Cfr.: « Esforço, força, ardil e *coração* ». Cam., *Lus.* X, 20. 157 — *deste* = do cuidado — inquietação d'alma.

159-60 — Porque a ambição não se detem. Quando se adquire uma cousa, deseja-se imediatamente outra. Cfr.: « O que hontem muito aprouve, hoje aborrece ». — Sá de Miranda, *Poesias*, pág. 810.

- 165 Esse me dá tu a mi:
 Que está mais certo o perigo
 Onde a vida é triste, e tal.
 Leixa-me acabar, te digo,
 Que pôde ser que meu mal
 170 Se acabe tambem comigo.
- FAUNO. Nas cousas que dão pesar,
 Tristeza, pena e tromento,
 Nestas has tu de mostrar
 Temperança e sofrimento,
 175 Que o al não é de louvar;
 Se agora padeces dor,
 Ela se te irá mingoando,
 Cada vez será menor;
 Ir-se-ha o tempo gastando,
 180 Leva-la-ha por onde fôr.
- PERSIO. Bem vejo que peno em vão;
 Mas quem será rezoado
 Em males tam sem rezão?
 Pois não ha modo temperado
 185 No amor e na afeição.
 Se dizes que é vaidade
 Ter lembrança do perdido,
 Vou sentindo que é verdade;

172 — « . . . tromento » — Edição Eborense.

165 — *mi* = mim. 167 — *tal* = isto é — perdida. 175 — *al* = vide nesta *Écl.* verso 37. 171-5 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 336-40.

179 — Cfr.: « . . . o tempo que tudo desbarata ». Cam., *Son.* 135. Vide para contraste: « . . . que, té agora, me soía eu andar espantada de mim comigo, como podia durar tanto uma dor, depois d'acabada a causa dela, e como a não *gastava o tempo*, como as outras cousas que nele ha. » *Men. e Moça*, P. I., cap. 17.

180 — *i-la-ha* gastando tambem. 181 — *em vão* — baldadamente.

182-85 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 86-90. 186 — *vaüdade* — cfr.: *Écl.* I, 297.

Mas quem viste tu esquecido
 190 Daquilo que dá saudade?
 FAUNO. Nos extremos sinalados
 Se conhece toda a gente;
 No perigo, os esforçados:
 Que em bonança ser valente
 195 Não é de animos ousados.
 Por isso quero de ti
 Que te não leixes morrer.
 Crê-me, Persio amigo, a mi,
 Que não ha maior vencer
 200 Que vencer-se homem a si.
 PERSIO. Mal pode ser esquecida
 A cousa mui dessejada;
 Lembrança nalma comprimida,
 Não pode ser apartada
 205 Se se não aparta a vida:
 Em quanto me vires vivo,
 Não me verás descansar,
 Pregunto-te, Fauno amigo,
 Como poderá repousar
 210 Quem traz a morte consigo?

196 — «...isto...» — Ed. de 1785. 198 — «Cree me...» — Ed. Eb.
 202 — «...dessejada» — Idem. 209 — «...pode...» — Ed. de 1785.

186-90 — Cfr.: *Écl.* III, 301-5.

189-90 — «Do mal ficão as mágoas na lembrança. — E do bem (se algum houve) as saudades». Cam., *Son.* 57.

191 — nas ocasiões arriscadas. *Estremo* — é um vocábulo freqüente na Obra de B. Ribeiro.

194 — *em bonança* = quando não haja perigo.

199 — *vencer* = dominar-se (*vitória*, triunfo).

200 — que refrear as paixões. 199-200 — Cfr.: «Vencer-se a si é mais que vencer o mundo». — «Mais valente é o que domina seu animo, do que o que vence cidades». 205 — se se não morre.

203-5 — Vide em pág. 139 nota aos versos 1-4.

FAUNO. Passa teus males com tento

Se lhe queres achar cura.

Põe em al o pensamento;

Que o que parece sem cura

215 A's vezes o cura o tempo,

Resistir graves paixões

Vem de esforço e valentia,

Porque aos fracos corações

Falta-lhe a ousadia,

220 Nas maiores aflições.

PERSIO. Falas, Fauno, como quem

Vive livre e descansado;

Crê-me, amigo, que ninguém

Pode mudar o cuidado,

225 Se não quer piqueno bem.

Nunca lho eu mereci

Desamar-me, e eu ama-la,

Ela me deixou, assi,

E eu não posso deixa-la,

230 Que o amor pega de mi.

FAUNO. Parece que o seu amor

Era muito mais piqueno:

218 — «Porque os fracos coraçãoens» — Ed. de 1785.

211 — Sofre os teus infortúnios resignadamente . . . 212 — *lhe* por *lhes* — é corrente no séc. XVI. — *cura* — *Écl.* I, 91. 214-15 — Cfr.: o proverbio: «Sofra-se quem penas tem, que atrás do tempo *tempo* vem». Vide nesta *Écl.* versos 179-80. 216 — *Resistir* = suportar. 218 — *fracos corações* — descoroçoados. 219 — *lhe* em vez de *lhes* — vide nesta *Écl.* nota ao verso 212.

221-2 — Cfr.: «Pois falas isento assi, = Certo a mi se m'afigura — Que nunca chegou a ti — O impeto que contra mi — Tomou a desventura». Gil Vicente, *Romagem de Aggravados*. 223-4 — « . . . não ha lugar, cá neste mundo, que defenda ninguém de si mesmo». *Men. e Moça*, P. I, cap. 23. 225 — se não quando o *cuidado* é pequeno . . . 226-7 — Cfr.: nesta Edic. pág. 138, 76-80. « . . . amor nunca perdoou desamor . . . » *Men. e Moça*, I, 6. 230 — *pega de mi* = domina-me, apodera-se de mim.

Persio, não ha maior dor,
 Que querer bem em extremo,
 235 A quem t'ó a ti quer menor:
 Que os que em tal extremo vem
 Sua vida aventurada,
 Tu, Persio, sentes mui bem
 Quam cansada ou descansada,
 240 A terá quem na assi tem.
 PERSIO. Não me aconselhes (te digo)
 Nem julgues a mi por ti:
 Chora meus males comigo,
 Que isto me convem a mi:
 245 Fa-lo-has se es meu amigo;
 Nisto só está meu bem,
 Em outro me não confio.
 O' Fauno, que fará quem
 Tem a alma posta no fio,
 250 E não sabe em que se tem?
 FAUNO. Bem vejo que teu tromento
 É grande: por isso ousou
 Falar-te craro e isento,
 Que no animo sem repouso
 255 Não ha craro entendimento.
 Entregaste-te ao amor,

246 — « . . . soo . . . » — Ed. Eb. 251 — « . . . tromento » — Ed. Eb.

253, 255 — « . . . craro . . . » — Ed. Eb.

233-5 — Vide «Muito triste padecer — No inferno sinto eu, — Mas a dor que o amor me deu — Nunca a mais pude esquecer». G. Vic., *Exhortação da guerra*. 235 — A ordem das palavras é: *a quem t'ó a ti quer menor a ti* . . . 236-7 — os que veem sua vida aventurada em tal risco . . . Os textos estão evidentemente corrompidos nesta passagem, em que não há seqüência gramatical. 249 — perdeu todas as ilusões e esperanças. Cfr.: *Écl.* V, 57.

250 — *em que se tem* = o que é que o sustenta, porque é que ainda vive. 253 — dizer-te francamente o que penso . . . ; *craro* — claro. 254-5 — a alma atribulada não pôde discernir. 256-7 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 13 e 89-90.

Cegaste todo á rezão,
 Queres bem á tua dor;
 Buscas-lhe a salvação
 260 Onde o remédio é pior.
 PERSIO. No tempo que eu mais penava,
 Dormia a noite ao sereno;
 Sostinha-me o que esperava;
 Sobre ãa cama de feno
 265 Muitas vezes repousava:
 Agora, em nenhum lugar
 Acho descanso, nem vida,
 Pera poder descansar.
 Tenho a esperança perdida;
 270 Não me fica que esperar.
 FAUNO. Não tenhas o perigo em nada,
 E passa-lo-has melhor;
 Que a vertude esforçada,
 No grande medo e temor,
 275 Se estima, e é estimada;
 Não te espante esta mudança
 Que o tempo traz consigo;
 Tras o mal está a bonança.
 Folga de viver, te digo,
 280 Que quem vive tudo alcança.

260 — « . . . pior » — Ed. Eb. 263 — « Sostinha me no que esperava »
 — Idem. 273 — « . . . vertude . . . » — Ed. Eb.

262 — *ao sereno* = ao ar, ao relento. 266-7 — Cfr.: « Só Binnarder não podia repousar . . . E quando a todos a escura claridade das estrelas — (Cfr.: Verg., *Georg.* I, 395) — amoestava sono, dele o tinham desterrado os seus cuidados ». *Men. e Moça*, P. I, cap. 16. 269-70 — Cfr.: *Écl.* II, 184, *Écl.* IV, 108 — vide nesta Edição *Memêto*, p. 135, verso 3. — « Ai baldias esperanças! » Sá de Mir., *Poesias*, pg. 236. 271-2 — despreza o *perigo* vence-lo-has *melhor* . . . 273-5 — porque o valor é tido em conta no *grande medo* . . . 278 — Cfr. o proverbio: « Não ha mal, que sempre dure, nem bem, que se não acabe ». Vide nesta *Écl.* versos 176-80, 214-15.

PERSIO. No campo sempre dormia,
 Fugia do povoado;
 Se algũa pena sentia,
 Praticava-a com meu gado,
 285 A ninguem outrem a dizia;
 Desque me este mal chegou,
 Camanho me pareceo,
 Que o campo me enfastiou,
 E o gado me avorreceo,
 290 Aqui verás qual estou.

FAUNO. Nenhum trabalho tam forte
 Nesta vida é de sofrer,
 Que o coração não soporte,
 Nem ha mais certo morrer,
 295 Que temer homem a morte;
 Isto, porque tu padeces,
 Bem vejo que é vaidade,
 Julga-o tu, se o conheces,
 Pois sabes que á vontade,
 300 E não a outrem, obedeces.

285 — «A ninguem mais ...» — Ed. de 1785. 285 — «... dizia». — Ed. Eb.
 293 — «... soporte». — Idem 295 — «... hum homem ...» — Ed. de 1785.

281 — i. é: . . . *eu sempre dormia* . . . 282 — vide na *Écl.* II nota aos versos 239-41. 283 — *pena* — mágoa.

284 — desabafava-a . . . Cfr.: *Écl.* III, versos 11-12. — «. . . cuyas ovejas al cantar sabroso — Estaban muy atentas, los amores, — De pacer olvidadas, escuchando». Garcilaso, *Égloga primera*, 4-6.

285 — *A ninguem* mais *a dizia*. 287 — *camanho* (*quam magnus* — *quam grande*) tam grande. *Camanho* é freqüentissimo na *Men. e Moça*.

289 — *avorreecer* por aborrecer — vide *Écl.* III, verso 177.

291-5 — Cfr.: «Que el amor, — A medida del dolor — Suele dar el sufrimento . . . » Boscán, *Cancioneiro General*, I. — «Bemaventurado se pode chamar nesta vida quem tem dor que se *soporte*; pois segundo parece não se pode viver sem ela . . . » *Men. e Moça*, Parte I, cap. 23. — Vide nesta *Écl.* 131-5. 297 — *vaidade* — vide acepções de *vaïdade* — nesta *Écl.* 186 e na *Écl.* IV, 62 e 218.

- PERSIO. Buscava sempre ribeiros
 D'agoa mui crara e fresca:
 Ali, antre os meus cordeiros
 Soía dormir a sesta,
 305 Á sombra dos amieiros.
 Se algũa hora ali vou ter,
 Que cuidas que me parece?
 Lugar onde houve prazer
 Não no posso agora ver,
 310 Que por isto me avorrece.
 FAUNO. Não sintas tristeza tanta
 Por tão piqueno cuidado.
 Folga, pratica, e canta,
 Que o coração esforçado
 315 De poucas cousas se espanta
 Que se agora te alembrar
 Tanto, que te faça dano,
 Deixa o tempo assi andar,
 Que com a mudança do ano,
 320 Tu verás tudo mudar.
 PERSIO. Se per palavras podera
 Aqueste meu mal contar,
 Pouca tristeza tivera,

302 — « . . . crara . . . » — Edição Eborense.

302 — Cfr.: — « *Chiare, fresche e dolci acque*, . . . » Petr., Canz. CXXVI. — « *Claros y frescos rios* . . . » Boscán, *Cancione*. — « esta *agua* que corre *clara* y pura . . . » Garcilaso, *Égl.* I 178. « Este vale per onde correm estas *agoas craras*, que vedes . . . » *Men. e Moça*. P. I, cap. 2. — Vide *Écl.* V, 42 e 362. 304 — soía = costumava (de *solere*). 310 — *avorrece* — *Écl.* I 289. 314 — porque quem tiver coragem . . . 316 — *se te alembrar* — i. é. — o cuidado — a inquietação da alma. 318-20 — vide nesta *Écl.* versos 176-80 e 214-15. 322 — *aqueste* = este.

321-5 — « Hũ cuidado que me canssa, — se o calo, abafarey, — dyze lo nam me *descanssa*, — nem com outro nam *samanssa*, — que farey ». — Jorge Daguyar, *Canc. Geral*, II, pg. 155.

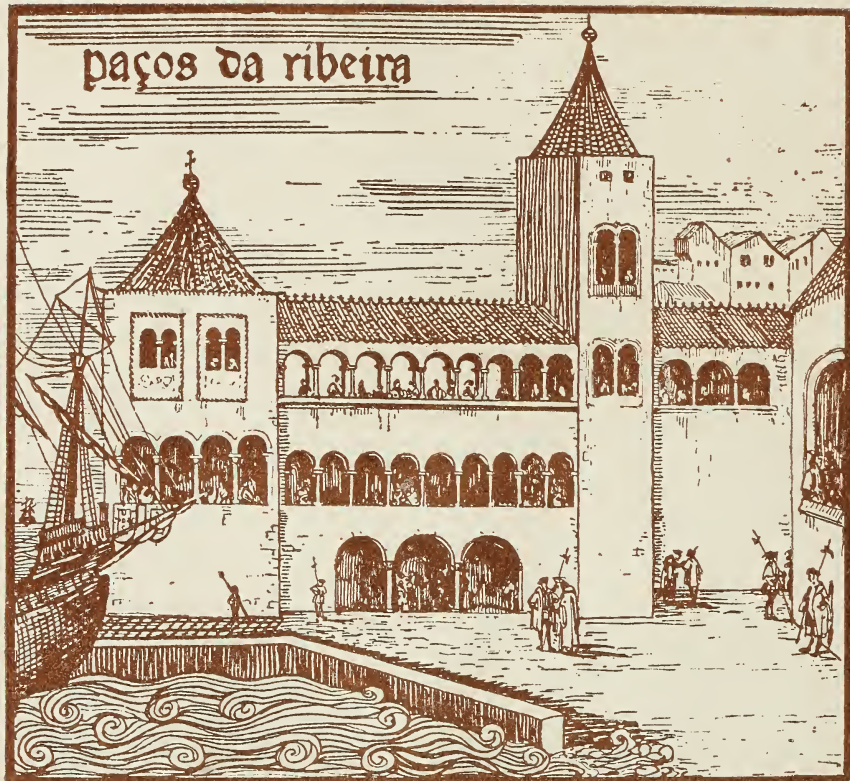
Que o poder desabafar
 325 Algum descanso me dera.
 Mas crê, que não pode ser,
 Que é tam grande meu dano
 Que dessejo ja de ver
 De meu mal o desengano,
 330 E não no posso fazer.
 FAUNO. Lança de ti, se te vem,
 Aquesta lembrança tal,
 Persio, que não ha ninguem,
 Que possa sofrer um mal
 335 Sem se alembrar de algum bem.
 Leixa, leixa este cuidado
 De que te vês combatido,
 E quando mais atrib'lado,
 Sê esforçado e sofrido,
 340 Serás bem aventurado.

326 — « . . . Cree . . . » — Ed. Eb. 328 — « . . . dessejo . . . » — Idem.
 338 — E quando mais atriblado — Ed. Eb. — « . . . tribulado — Ed.
 de 1785. 339 — « See . . . » Ed. Eb.

324, 327 — *que* = porque. 331 — Cfr.: o verso 146 desta *Écl.*
 332 — *aquesta* = esta — a recordação do dano — i. é da sua desgraça.
 336-7 — Cfr. verso 9 desta *Écl.* e verso 424 da *Écl.* V. « Combatido assi
 de uma cousa e de outra . . . ergueu-se, como forçado da noite mais que
 da vontade. » *Men. e Moça.* P. I. cap. 15. — « Hos esforços esperados, — pro-
 metidos, — de muytas contras cercados, — conquistados, — derreços *com-*
batidos. — Doutra parte socorridos, — e esforçados — nos esforços dos ou-
 vidos, — merecydos — em nos ver contrariados ». Nuno Pereyra, *Canc.*
Geral, I, p. 311. « De dous males desigoões — me vejo tam *combatido*, — que
 perco todo sentido, — sem saber nem ser ssabido — que mal destes me doy
 mays. — Com ambos me nam leyxais, — coraçam nō me rrepousa — com
 desejar hũa cousa ». *Idem*, IV, p. 110-11.

337 — que te dá inquietações . . . 338 — *atriblado* = atribulado.
 338-40 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 171-75. 339-40 — Serás feliz, se fôres
 corajoso e resignado — Vide nesta *Écl.* versos 314-15.

paços da ribeira



ÉCLOGA II.

INTERLOCUTORES:

JANO E FRANCO*

DIZEM que havia um pastor
Antre Tejo e Odiana,
Que era perdido de amor
Por ãa moça Joana:
5 Joana patas guardava
Pola ribeira do Tejo,
Seu pai acerca morava,

* *Jano* (B. Ribeiro), *Franco* (Sá de Miranda)—vide *Bibliografia*, p. 161.

2 — É o verso 296 da *Écloga Crisfal*. — Antre-entre (lat. *inter*). Odiana — forma arcaica de Guadiana. 4 — *Joana* (Aonia, na *Men. e Moça*.) vide nesta *Écl.* nota ao verso 41. 6 — As alusões tam freqüentes à ribeira do Tejo — parecem designar o **Paço da Ribeira**,¹ local do encontro do pastor Jano com Joana (Tavares Zagalo.)² Vide nesta *Écl.* os versos: 33, 35-6 213 e 392; na *Écl.* III o verso: 104; na *Écl.* IV os versos: 101 e 196 e na *Écl.* V os versos: 2, 60, 66, 81-3, 124, 463, 468, 503, 506, 519, 545, 602, e 639.

7 — *acerca* = perto.

¹ Julgamos que ha referência ao **Paço da Ribeira** na passagem que segue: «cuidava eu, que um cavaleiro, apostamente¹ armado, sobre seu fermoso cavalo pola **ribeira de um rio**, de gracioso campo passeando, podia ir tam triste como uma delicada donzela **em alto aposento encostada a seu estrado**, antre paredes só podia estar, vendo-se **de altos muros cercada**, e **tantas guardas**, — feitas pera tão pequena força. Mas pera lhe tolherem as vontades fizeram grandes defesas e pera lhe entrar o nojo, ² muito piquenas». *Men. e Moça*, I, 3.

² Vide *Bibliografia* no fim desta edição.

¹ bem. ² mágoa.

- E o pastor, de Alentejo
 Era, e Jano se chamava.
- 10 Quando as fomes grandes foram,
 Que Alentejo foi perdido,
 Da aldea que chamam Torrão
 Foi este pastor fogido.
 Levava um pouco de gado,
 15 Que lhe ficou de outro muito
 Que lhe morreo de cansado;
 Que Alentejo era enxuito
 De agoa, e mui seco de prado.
 Toda a terra foi perdida!
- 20 No campo do Tejo só
 Achava o gado guarida:
 Ver Alentejo era um dó!

12 — « . . . aldea . . . » — Ed. Eb.

20 — « . . . soo ». — Idem. 22 — « . . . doo ». — Id.

9 — *Jano* é Bernardim Ribeiro — vide o retrato de expressão moral: «&, por acerto, perguntando-lhe (Aonia) ãa vez de que feições era, lhe disse a ama: Eu ja outras vezes o vi: de bom corpo, & de boa disposição; a barba um pouco espessa, & um pouco crecida que a ele traz, parece que é aquela a primeira ainda;¹ os olhos brancos, de um branco um pouco nu- blado, na presença logo se enxerga que alguma alta² tristeza lhe sogiga³ o coração. *Men. e Moça*, I, 19. 10⁴ — Vide nesta *Écl.* versos 17-18.

12 — «No Arcebispado de Evora, sete legoas ao Sudueste daquela Ci- dade, em lugar plano está situada a Vila do Torrão, banhada pela parte do Norte com a ribeira do Charrama . . . A esta vila deo foral hum Mestre de Santiago, que depois reformou El Rey D. Manuel em Lisboa a 20 de No- vembro de 1512.» Antonio Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, 1868, pag. 322. 17 — *que* = porque. 17-18 — notifica-se a falta de água no Alente- jo e como consequência a falta de pastagens. Cfr.: versos 285-7 desta *Écl.* 21 — *guarida* — refúgio e pastagens.

¹ Vid. verso 306 da *Écl.* II.

² Na *Men. e Moça*, é um epíteto favorito de B. Ribeiro. ³ domina.

⁴ — *fomes grandes* — «As molestias contagiosas, pestes e fomes, que devastaram Portu- gal no sec. XVI oram tantas que é difficil determinar todas as allusões, que a ellas se refe- rem nas obras dos quinhentistas». D. Car. M. de Vasconcellos, *Poesias de Sá de Mir.*, p. 771.

- E Jano, pera salvar
 O gado que lhe ficou,
 25 Foi esta terra buscar,
 E se um cuidado levou,
 Outro foi ele la achar.
 O dia que ali chegou
 Com seu gado e com seu fato,
 30 Com tudo se agasalhou
 Em ãa bicada de um mato!
 E levando-o a pacer,
 O outro dia, á ribeira;
 Joana acertou de hi ver,
 35 Que andava pola ribeira
 Do Tejo a flores colher.
 Vestido branco trazia,
 Um pouco afrontada andava,
 Ferosa bem parecia
 40 Aos olhos de quem na olhava.
 Jano, em vendo-a foi pasmado,

32 — « . . . pacer » — Ed. Eb.

29 — Cfr.: «Embebido em um longo esquecimento — De si, e do seu gado e pobre *fato* . . . Cam., *Écl.*, VI, versos 67-8. 30 — *agasalhou* — recolheu. 30-1 — recolheu-se sob a rama de arvores. Cfr.: «Saepe greges inter requievimus arbore tecti;— Mixtaque cum foliis praebuilt herba torum» Ovidio, *Heroides*, V, 13 e seg. 32-33 — Cfr.: «Soñaba que en el tiempo del estío — Llevaba, por pasar allí la siesta, — A' beber en el Tajo mi ganado; — . . . » Garcilaso de la Vega, *Égloga primera*, 116-18.

32-6. — É q encontro de *Jano* com *Joana* na **Ribeira** do Tejo.

34 — viu casualmente *Joana* . . . 39 — isto é: — parecia muito ferosa . . . 38-9 — Cfr.: E como hia afrontada do caminho, — tão ferosa no gesto se mostrava . . . » Cam., *Lus.*, II, 34. 41 — *pasmado* — cheio de admiração e enleio. — «Vi vos, foi a alma *pasmada* . . . » S. de Mir. *Poesias*, pág. 446. — Cfr.: «E, entrando, que vio a senhora Aonia, que em grande estremo era ferosa, soltos os seus longos cabelos, que toda a cobriam, e parte deles molhados em lagrimas, que o seu rosto per algũa parte descobriam: — foi logo trespassado do amor dela, sem haver

- Mas, por ver que ela fazia,
 Escondeo-se antre um prado:
 Joana flores colhia,
 45 Jano colhia cuidado.
 Depois que ela teve as flores
 Ja colhidas e escolhidas,
 As desvariadas cores
 Com rosas entremetidas,
 50 Fez delas ãa capela,
 E soltou os seus cabelos
 Que eram tam longos como ela;
 E de cada um a Jano em ve-los
 Lhe nacia ãa querela.
 55 E em quanto aquesto fazia
 Joana, o seu gado andava
 Por dentro da agoa fria
 Todo apos quem o guiava.
 Um pato grande era guia,
 60 E todo junto em carreira,
 Ora rio acima ia,
 Ora, na mesma maneira,
 O rio abaixo decia.

63 — « . . . decia » — Ed. Eb., Ed. de 1645 e 1785.

quem por parte doutrem fizesse defesa algũa: que como o amor viesse juntamente com a piadade, parecia que vinha só; mas tanto que se descobrio, eram ja conhecidas tantas rezões por parte da senhora Aonia, que não tam sòmente lhe esqueceo a outra, mas não lhe lembrou mais, senão pera lhe pesar do tempo, que gästara em seu serviço. Nesta materia foi ele preso do amor da senhora Aonia; & depois, veo morrer por ela.» *Men. e Moça*, I, 9.

45—*cuidado*—vide na *Écl.* I nota ao v. 20. 48—Vide na *Écl.* V 480-1.

50—*Capela*—grinalda de flores. 51-2—Cfr.: «A Senhora Aonia . . . rasgando os toucados dos seus fermosos cabelos, que *longos* eram á maravilha . . .» *Men. e Moça*, P. I, 9. 54—*querela*—motivo de queixa, por se ter enamorado dela. 55-6—isto é: *E em quanto Joana fazia* isto, os patos *andavam* . . . 58—*todo* = o gado todo—isto é: os patos.

Joana como assentou
 65 A capela, foi com a mão
 A' cabeça, e atentou
 Se estava em boa feição:
 Não ficando satisfeita
 Do que da mão presumia,
 70 Partio-se dali direita
 Pera onde o rio fazia
 D'agoa ãa mansa colheita.
 Chegando á beira do rio,
 As patas logo vierom
 75 Todas ãa e ãa, em fio,
 Que toda a agoa moverom.
 De quanto ela ja folgou
 Com aquestes gasalhados,
 Tanto entonces lhe pesou,
 80 E com pedras e com brados
 D'ali longe as enxotou.
 Depois que elas foram idas
 E que a agoa assossejou,

74 — « . . . vierom » — Ed. Eb. 76 — « . . . moverom ». — Id.

66-69 — *Joana* esteve a verificar se a grinalda lhe tinha ficado bem, paraceu-lhe, porém, que não.

70-2 — para vêr a sua imagem no espelho das águas.

72 — *colheita*, — lugar — em que as águas se juntavam tranqüilas, remansosas.

73 — Cfr.: « *Chegando á borda do rio . . .* » *Men. e Moça*, I, 2.

76 — *que* — o antecedente é patas.

78 — *gasalhados* — acolhimento, carinho. — « As duas irmãs, que já dantes eram decidas pera darem as andas, se foram pera ela, & tomando-a antre si, começaram a *agasalha-la*, á maneira de a quererem consolar, que a linguagem daquela terra, não a sabiam. » *Men. e Moça*, P. I, cap. 6.

79 — *entonces* = então. 80 — *brados* = gritos.

82 — Ha Edições das Obras de Bernardim Ribeiro, como as de 1645 e de 1785, em que faltam os versos 82-154.

- Joana as abas erguidas
 85 Entrar pol'agoa ordenou;
 E assentando-se, então
 As çapatas descalçou,
 E pondo-as sobre o chão
 Por dentro d'agoa entrou,
 90 E a Jano polo coração,
 Em quanto com passos quedos
 Joana pola agoa ia,
 Antre uns desejos e medos
 Jano, onde estava ardia;
 95 Não sabia se falasse,
 Se saísse, se estivesse.
 Que o amor mandava que ousasse,
 E porque a não perdesse
 Fazia que arreceasse.
 100 Dizem que naquesto meo
 Se esteve Joana olhando.

93 — « . . . desejos . . . » — Ed. Eb. 100 — « . . . meo » — Idem.

84 — *as abas erguidas* — arregaçadas as saias . . . 85 — *Ordenou* = resolveu. 90 — fixou-se a imagem de *Joana* no coração de *Jano* — («Que eu por amor sómente m'ê contento — De trazer esculpido eternamente — Vosso fermoso gesto dentro da alma». Cam., Son. 151). Cfr.: « . . . foi logo trespassado do amor dela . . . » *Men. e Moça*, I, 9.

91 — *com passos quedos* = lentamente. *Quedo* é um epíteto favorito de Bernardim Ribeiro. 94 — *Jano* estava impaciente.

94 — *ardia* — Cfr.: «Não no conhecia Aonia, porque nunca saíra fóra; mas como então logo pos na sua vontade de olhar por ele, & de buscar maneira pera isso, tamanho dó lhe fez ouvir dele o seu canto, enganada assi daquela falsa sombra de piedade,¹ que, toda aquella noite seguinte, não pôde dormir. Mas não que ainda fosse declarada consigo, nem, debaixo daquele desejo, detreminasse nada, porem *ardia em fogos de dentro de si.*»² *Men. e Moça*, I, 19. 97 — *que* = porque. 98 — *porque.* = para que.

100 = *naquesto meo* = entretanto.

¹ *piedade* — ternura.

² Cfr.: «...siquos *ignes* habes... (Se tens alguns amores...) Verg., *Buc.* V, 10-11.

E descobrindo o seu seo,
Olhou-se, e disse, um ai dando:
«Eu guardo patas, coitada,
105 Não sei onde isto ha de ir ter,
Mais era eu pera guardada,
Que concerto foi este, ser
Fermosa e mal empregada!»

Em aquisto Jano ouvindo,
110 Não se pôde em si sofrer,
Que d'antre as ervas saindo
Se não lançasse a correr:
Joana, quando sentio
Os estrompidos de Jano,
115 E que se virou, e o vio,
Temor do presente dano
Lhe deo pés com que fogio.

Mui perto estava o casal
Onde vivia o pai dela,
120 Que fez ir mais longe o mal,
Que Jano teve de ve-la:
Mas o medo que causou,
Joana partir-se assi,

102 — « . . . seo » — Ed. Eb.

104 — *coitada* — vide *Écl.* I verso 44.

105 — é tambem o verso 14 do *Cantar à maneira de Solao*, p. 133 desta Edição.

106 — mais era eu para ser guardada do que para guardadora . . .

107 — que desconcerto! — Cfr.: «Não sei este desconcerto do mundo, onde ha de ir ter . . .» *Men. e Moça*, I, 4.

108 — Sou *formosa* e o meu emprego é guardar patas!

109 — *aquisto* = isto.

114 — *estrompidos* (estrupidos, estrepitos — de *strepitus*) ruido, rumor (dos passos).

118 — vide nesta *Écl.* verso 7.

120 — opondo-se a estes amores.

Tanto as mãos lhe embarçou,
 125 Que a çapata esquerda, ali,
 Com a pressa lhe ficou.
 Jano quando vio, e olhou
 Que nenhum remedio havia
 Pera o lugar se tornou
 130 Aonde ela nagoa se via;
 E vendo a çapata estar
 No areal, á beira d'agoa,
 Foi correndo a abraçar.
 Tomando-a creceu-lhe a mágoa
 135 E começou de chorar.
 Toda a çapata e os peitos
 Em lagrimas se banharam.
 Muitos foram os respeitos
 Que tanto choro causaram.
 140 Encostado ao seu cajado,
 A çapata na outra mão,
 Depois de um longo cuidado,
 De dentro do coração
 Começou falar, cansado:
 145 «Despojo da mais fermosa
 Cousa, que viram meus olhos,
 Pera eles sois uma rosa,
 E pera o coração abrolhos:
 Çapata, deixada aqui,
 150 Pera mal de outro mor mal,
 Quem te leixou, leva a mi:

130 — vide nesta *Écl.* versos 71-2.

133 — *abraçar* — isto é — a çapata.

138 — *respeitos* = motivos: o amor nascente, as consequências que poderia vir a ter esse amor, a opposição do Pai dela, a fuga de Joana . . .

140 — *cajado* — *Écl.* I, 62. 145 — *despojo* = a çapata.

148 — *abrolhos* = saudade. 151 — *leixou* — *Écl.* I, 30.

Que troca tão desigoal!
 Mas pois assi é, seja assi.
 Agora hei vinte e um anos,
 155 E nunca inda té agora
 Me acorda de sentir danos,
 Os deste meu gado em fóra.
 Hoje, por caso estranho
 (Não sei em que hora aqui vim)
 160 Cobrei cuidado camanho,
 Que aos outros todos pôs fim;
 Eu mesmo, a mi mesmo estranho.
 Antes que este mal viesse,
 Que me tantos vai mostrando,
 165 Que alguns cuidados tivesse,
 Não me matavam cuidando.
 Agora por meus pecados,
 E segundo em mi vou vendo,
 Não podem ser outros fados:
 170 Meus cuidados não entendo,
 E moiro-me assi de cuidados.

171 — «E moir me assi de cuidados». — Ed. Eb. — «Moiro me assi de cuidados» — Edições de 1645 e de 1785.

153 — resigno-me, conformo-me. 156 — *acorda* = recorda.

157 — a não ser a preocupação do gado. 160 — a paixão por *Joana*. — *cuidado* — vide na *Écl.* I verso 20 e nesta *Écl.* verso 45.

162 — Cfr.: na *Écl.* I verso 70, na *Écl.* III, 254 e na *Écl.* V os versos 158-9: «Foi de tal sorte meu fado, — *Que não sei parte de mi . . .*» — «Lembre-vos que me lembrais — *E que não fico comigo*». G. Vic., *O Velho da Horta*. — «E ando fora de mi». Idem, *Romagem de Aggravados*.

163 — *mal* = o amor nascente.

164 — *mostrando* = descobrindo. 165 — *que* = ainda que.

167 — *por meus pecados* = por desgraça. Vide as frases — *por meu mal* no verso 124 da *Écl.* I. — e — *mal pecado* (= infelizmente) em a *nota* ao verso 313 desta *Écl.* 169 — *ser* = existir para mim. 170 — Porque era o amor nascente, que ele desconheceria até ali. 171 — Cfr.: *Écl.* IV, 159-60.

Dentro de meu pensamento
 Ha tanta contrariedade,
 Que sento contra o que sento
 175 Vontade e contra vontade;
 Estou em tanto desvairo,
 Que não me entendo comigo.
 Donde esperarei repairo?
 Que vejo grande o perigo
 180 E muito mor o contraíro.
 Quem me trouxe a esta terra
 Alhea, onde guardada
 Me estava camanha guerra
 E a esperança levada?
 185 Comigo me estou. espantando

182 — «Alhea . . .» — Ed. Eb. e Ed. de 1645.

172-75 — Cfr.: «Mas, assentado o cavaleiro ao pé do freixo, estive per longo espaço revolvendo muitas cousas na fantasia. ¹ E, quando se lembrava do que a Cruelsia devia, parecia-lhe sem razão deixa-la: per outra parte, lembrando-se de quam bem lhe parecera Aonia, parecia-lhe desamor não lhe querer bem. Tinham-no assim antr'ambas, fermosura e obrigação, a ver quem o levaria: mas, per derradeiro pôde mais a de mais perto. Soía dizer meu pae, que fora vencida a obrigação, como cousa que lhe não vinha de direito o pago no amor: e vencera a fermosura, como quem de só o amor se pagava²». *Men. e Moça*, I, 12. 174 — *sento* = *sinto*. A forma *sento* é freqüente no século XVI. 172-75 — Vide na *Écl.* IV os versos 79, 153-60 e 313; na *Écl.* V o verso 101 e o *Vilancete* de B. Ribeiro: — «Antre mim mesmo, & mim — nam sey q̃ salevanhou, — *que tam meu ymiguo sou*». — *Canc. Geral*, V, p. 271.³ 177 — Não atino com o conforto, — com o remédio. Cfr.: verso 162 desta *Écl.* 178 — Vide observação anterior ao verso 177; — donde me virá o amparo? 176-80 — «O poeta (ou o pastor) quer dizer que, no desvairamento, em que se vê, não atina com o remédio da sua desgraça; porquanto, se a sua paixão o expõe a grande risco, ele considera *maior ainda o perigo*, apartando-se da mulher, que adora». Camilo C. Branco, *Curso de Litteratura*, 1876, p. 333. 181-2 — vide nesta *Écl.* versos 359 e 474, na *Écl.* IV 11-12, 291 e na *Écl.* V 167. 183 — *guerra* — vide obs. ao v. 33 da *Écl.* I. 184 — *levada* = desaparecida. Vide *Écl.* IV, 108.

¹ «Multa movens animo...» Verg., *Aeneid.* III, 34. ² se contentava ³ Nesta Ed. p. 142-3.

- Como em tam pouco me dei,
 Mas cuidando nisto estando,
 Os olhos com que outrem oulhei
 De mi se estavam vingando.
- 190 E por meu mal ser mor inda
 De mi tenho o agravo mor
 Que da minha mágoa infinda
 Eu fui parte e causador.
 Que se me não alevantara
- 195 D'antre as ervas onde estava,
 Mais dos meus olhos gozara,
 E ja que assi se ordenava
 Isto ao menos me ficara!
- Desastres! cuidava eu ja,
- 200 Quando eu ontem aqui cheguei,
 Que a vós, e á ventura má,
 Ambos acabava! e errei!
 Triste, que me parecia,
 Que, o meu gado remediado,
- 205 Comigo bem me haveria!

187 — « . . . oulhei». Ed. Eb. e Ed. de 1785. 194 — « . . . levantara» — Ed. de 1645 e Ed. de 1785. 201 — « . . . maa» — Ed. Eb.

189 — porque chorava. 193 — *parte* = vítima. 194 — *que* = porque.
 196 — « . . . Aonia não pareceu um grande tempo, para Bimnarder ao menos levar aquele contentamento, que a vista dos olhos dá áqueles que do mais carecem». *Men. e Moça*, I, 17. — « . . . & o vi (a Bimnarder) sair da tenda com os olhos cheos da senhora Aonia, & d'agoa; & todo o tempo que ahi estivera d'antes, sempre a oulhou de ãa maneira como que não podia al fazer, & que não desejava fazer al. Que vos heide dizer? Verdadeiramente me pareceo que se hia ele então, como que lhe ficava ahi o coração». *Idem, Idem*, cap. 20. 199 — *Desastres* — é vocativo.

202 — Ambos acabariam, vindo apascentar aqui o gado, mas enganei-me. 199-202 — Cfr.: versos 23-7 desta *Écl.*

203-5 — Triste, que me parecia livre de cuidados, tendo achado pastagem para o meu gado. — *Triste* — vide *Écl.* I, nota ao verso 44.

E estava-me ordenado
 Est' outro mal que inda havia!
 Ó mal! não vos sabe a vós
 Quem me vos a mi causou!
 210 Tristes dos meus olhos sós,
 Que trouverão, aonde estou,
 Olhos, a certo lugar,
 Ribeira mor das ribeiras,
 Que levão as agoas ao mar,
 215 Vós me sereis verdadeiras
 Testemunhas do pesar». —

AUTOR.

E em dizendo isto, parece,
 Tresportou-se no seu mal
 E como a quem o ar falece
 220 Caío naquele areal.
 Grande espaço se passou
 Que esteve ali sem sentido;
 E neste meo chegou
 Um pastor seu conhecido,
 225 E que dormia cuidou.

208 — «O mal . . . » — Ed. de 1645 e Ed. de 1785. 211 — « . . . trou-
 ceram . . . » — Ed. de 1785. 213 — « . . . moor . . . » — Ed. Eb.

205-7 — vide nesta *Écl.* versos 181-4. 207 — *mal* = o amor por *Joana*.
 208-9 — desconhece-vos quem vos causou em mim. 213-14 — *ribeira* — vide
 nesta *Écl.* v. 6. 212-16 — olhos, vós me sereis *testemunhas*. . . — «Nacerão
 os meus *olhos* para praçto, — *Testemunhas* me são campos, e montes, —
 Dos rios, que derramo noite, e dia. ¹» Diogo Bernardes, *Varias Rimas ao*
Bom Jesus. Ed. de 1770, p. 146. 219 — *falece* = falta. 220 — Vide v. 132
 desta *Écl.* 219-22 — Cfr.: « . . . E caeu antr'ũas flores. — Hũa gran peça ²
 do dia — jovv'ali, que non falava, — e a vezes acordava — e a vezes esmo-
 recia . . . » D. Denis, *Canc. da Vaticana*, p. 28. 223 — *meo* — intervalo.

¹ «O poggi, o valli, o fiumi, o selve, o campi, — O *testimon* della mia grave vita» . . .
 Petr., *Canz.* I, 6. ² parte.

- Franco de Sandovir era
 O seu nome, e buscava
 Ua frauta que perdera,
 Que ele mais que a si amava.
 230 Este era aquele pastor
 A quem Celia muito amou,
 Ninfa do maior primor,
 Que em Mondego se banhou,
 E que cantava milhor.
 235 E a frauta sua era aquela
 Que lhe Celia dera, quando
 O desterrarão por ela,
 Chorando ele, ela chorando.
 Viera ele ali morar,
 240 Porque achou aquelas terras
 Mais conformes ao cuidar;

226-7 — *Franco de Sandovir* (Francisco de Sá de Miranda). — Cfr.: «Nè guari era ancora dal primo luogho dilungato, quando per aventura trovai in via un pastore *che Montano havea nome...*» Sannazaro, *Prosa seconda*, 54. 228-9 — vide na *Écl.* I obs. ao verso 114. 231 — Acêrca das hipóteses para a identificação de *Celia* com D. Isabel Freire,¹ vide as notas da Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos às *Poesias*, de Sá de Miranda p. 820, 833-4 e Menéndez y Pelayo, *Antología*, Tomo XIII, Madrid, 1908. Pág. 56-60. 232 — Garcilaso na sua *Egl.* III, v. 226 — chama «*ninfa delicada*» a *Elisa* (D. Isabel Freire). 232-3 — Cfr. na *Écl.* V, o v. 354. 234 — O antecedente de *que* — é *pastor* (verso 230). 235-6 — A inspiradora de *Franco* foi *Celia*.

229-41 — Cfr.: «Escolhi, pera meu contentamento (se antre tristezas e saudades ha algum) vir-me viver a este monte, onde o lugar & mingoa da conversação da gente fosse, *como pera meu cuidado*² *compria*: porque grande erro fôra, depois de tantos nojos³, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanso, que ele nunca deu a ninguem. Estando eu aqui só, tam longe de toda a outra gente, & de mim ainda mais longe; donde não vejo senão serras de um cabo, que se não mudam nunca & do outro agoas do mar, que nunca estão quedas . . .» *Men. e Moça*, I, 1.

¹ A dama de honor — D. Isabel Freire acompanhou para Espanha a Infanta D. Isabel, que casou com Carlos V. Em Toledo, consorciou-se com D. Antonio da Fonseca, de Toro.

² Vide na *Écl.* I a nota ao verso 20. ³ pesares.

D'ambas partes cercão serras,
No meo campos pera olhar.

De outro tempo conhecidos
245 Estes dous pastores erão,
D'estranhas terras nacidos,
Não no bem que se quiserão.
E por aquesta rezão
Tornou Franco a lhe notar
250 Como jazia no chão,
E deu-lhe que sospeitar
O lugar, e a feição.
Muito esteve duvidando
O que aqui Franco fariã;
255 Indo-se e Jano leixando,
O coração lhe doía.
Tambem pera o acordar.
Não sabia se acertava,
Que Jano era no lugar,
260 Novo, e arreceava
Em cabo de o anojar.
Naquesta duvida estando,
Jano estava emborcado;
Dixe, um suspiro dando:

243 — « . . . oulhar » — Ed. Eb. 264 — « Dixe . . . » — Idem.

244-5 — Acêrca da convivência de B. Rib. e Sá de Mir. — vide nesta edição, em pág. 146-7, os **DIALOGOS**, que seguem os versos do *Canc. Geral, em que ambos colaboraram*. 246 — *Jano* (B. Rib.) era do Torão e *Franco* (Sá de Mir.) era de Coímbra. Na *Carta a Pero de Carvalho*, diz Sá de Mir. referindo-se a Coímbra: «Da antiga e nobre cidade — Som natural, som amigo . . .» *Poesias*, p. 215. 259 — *que* = porque.

261 — de vir a enfada-lo, a desgosta-lo. *Em cabo* = por fim. *Anojar* é freqüente na *Men. e Moça*. 263 — com o rosto sôbre o areal — vide verso 220 desta *Écl.* 264 — *Dixe* = disse. — *sospiro* = suspiro amoroso. Vide Petr., *Canz.* CXXXV, 68; Cam., *Son.* 295: «Quantos mortais *suspiros* derramados — Do coração por tanto a ti sujeito . . .»

265 — «Ai cuidado, e mais cuidado!» —

Ouvindo-lhe isto dizer,
Franco se ficou pasmado,
E tornando a melhor ver,
De sob seu esquerdo lado

270 Vio-lhe a çapata ter.

Sospeitou logo o que era,
(Que era tambem namorado)
E no que Jaño dixerá,
Se houve por certificado.

275 Naquesto, Jano acordou;
Quando vio Franco estar,
Sem fala um pouco ficou;
Franco, apos o saudar,
Falar-lhe assi começou:

280 «Cuidava eu agora, Jano,
Que estavas em outra parte,
E polo teu, aquesto ano
Me pesava ir por esta arte;
Dessejava ver-te aqui

285 Quando me contava alguem
A seca grande que ahi ha
Em Alentejo, e porem
Não quisera eu ver-te assi.

Conta-me que mal foi este,
290 Que tam demudado estás?

267 — «Franco se ficou pasmado» — na Edição de 1645 e de 1785.

270 — «Sem sentido o vio jazer» — Id., id. 273 — «... dixerá» — Id., id.

265 — *cuidado* — vide na *Écl.* I nota ao verso 20. 272 — *que* = porque.
273 — vide verso 265 desta *Écl.* 275 — *acordou* = recuperou os sentidos do
desmaio — vide versos 218-20 desta *Écl.* 282-3 — sentia que o ano decorresse
desta maneira. — *polo teu* = por tua causa e por causa do teu gado.

286-7 — Vide nesta *Écl.* versos 17-18. 288 — *assi* = nesta situação
desolada. 290 — como ele estava diferente do que era. — Vide na *Écl.* I
verso 63 e na *Écl.* V versos 216-17. — «Che t'ha fatto cangiar volto et

Ou que houveste? ou perdeste?
 Se ha remedio, have-lo-has
 Fez Jano então por se erguer;
 Não podendo de cansado,
 295 Foi-lhe a mão Franco estender,
 E a um freixo encostado
 Lhe começou responder.
 JANO. Vim a estes campos, que vejo,
 Por dar vida a este meu gado:
 300 Vi acabado um dessejo,
 Outro maior começado:
 Ás minhas vacas dei vida,

costume?» Sannazaro, *Egl. prima*, verso 59. Cfr.: «... de penas tam lastimada — tam triste, tam demudada — que casy a nam conhecy». Duarte de Brito, *Canc. Geral*, I, p. 365. — «Que é isto, Gil, que assi triste — Te nos fez este ano abril? — Não sei que demo tu viste, — Que tu não pareces Gil.» Sá de Mir. *Poesias*, p. 159, versos 91-4. — Tu cantavas amor, amor tangias; — Fallava a tua frauta; agora he muda: — Que mal te mudou tanto em poucos dias?» Bernardes, *Lima, Écl.* III.

296 — Ao freixo, que nos bosques era considerado formozíssimo por Vergilio: — «Fraxinus in silvis pulcherrima»¹ — *Buc.* VII, 65 — e a que se refere Ovidio — «Ut quatitur trepido fraxina virga Noto». *Epist.* II e Hor. na *Od.* III, 25. — aludem tambem os poetas portuguezes: «Debaixo ou d'esta faia, ou d'este freixo — Por onde me ora queixo, andando em vão». Sá de Mir., *Poesias*, p. 486. Na *Men. e Moça*, são frequentissimas as referencias ao freixo. «A fonte, o rio, o prado, o freixo, o louro — Bem sabê quanto peno estando ausente — Do teu fermoso rosto . . .» Bernardes, *Rimas Varias* — *Flores do Lima, son.* 42. — Vide em Cam., *Écl.* II: «Chorando ao pé dum freixo o triste caso . . .» — «Meneia os altos freixos — A branda viração de quando em quando . . .» Idem. *Ode* XII. — «... Eu quero-me esconder antre estes ramos — E tu dali de tras daquele freixo — Verás se nos amores concordamos». Fr. Agostinho da Cruz, *Varias Poesias*. Edic. de 1761. *Écl.* III. 302 — Acêrca de Jano (B. Rib.) apparecer disfarçado em pastor de vacas — vide *Men. e Moça*, I, 17: «Eis Binnarder pastor de vacas, que não houve ahi nada impossivel ao amor grande.» Idem, cap. 20:

¹ «El fresno por la selva em hermosura — sabemos ya que sobre todos vaya...» Garcilaso, *Egloga Tercera*, 361-2. Alude tambem ao freixo, Sannazaro, *Arcadia*, p. 6. Edic. de 1888.

E a mim a fui tirar!
 A profecia é comprida
 305 Que me Pierio foi dar
 Vendo-me a barba pongida.

AUTOR.

De Pierio vai gram fama
 (Disse Franco) antre os pastores
 Todos por amigos chama,
 310 E dizem que é dado a amores.

FRANCO. Rogo-te, Jano, me digas,
 Pois te ele avisou primeiro,
 Como cobraste fadigas?

«Deveis de saber . . . que este pastor é um cavaleiro . . .» — «O pastor da frauta (*que não era pastor!*) . . .» Idem I, 22.

302-303 — Vide versos 23-7 desta *Écl.*

306 — quando me viu com a barba a apontar. Vide nota ao verso 9 desta *Écl.* Cfr.: «A barba então nas faces me apontava . . .» Camões *Écl.* II.

312 — pois ele te pressagiou o perigo . . .

313 — Como te meteste em trabalhos? — Cfr.: «Gravemente, & com muita prudencia, devia cada um cuidar se o que faz, ou o que detremina fazer, é cousa honesta & que convenha; que, se lhe sahe bem, todos lho tem a bem, & se não, ainda que o mundo lho tenha a mal (o que muitas vezes acontece) porque, mal pecado, ja as cousas não são julgadas senão pelas sahidas delas,² não tem ao menos de que se queixar consigo. E grande bem é, a meu ver, escusar a pessoa as imisades antre si, pois não ha lugar cá neste mundo que defenda ninguem de si mesmo. Pode-se tolher imigo & imiga, frio & chuva. Cuidado pode-se tomar, & tolher, não. Ja quem faz o que deve, sahindo-lhe como não deve, não quero afirmar que lhe não dará paixão, que a perda de qualquer preposito, ainda que seja desarrezoado, a dá.» *Men, e Moça*, I, 23. — «Como não quereis que seja — Meu perigo em todo estremo — Se minha alma assi deseja — Tudo o de que me eu mais temo?» Sá de Miranda, *Poesias*, p. 22. — «Ponhamo-nos em rezão. — Causa é que verá um cego. — Queremos repouso ou não? — Queremos, todos dirão. — E ninguem busca asossego.» — Idem, *Poesias*, p. 231. — «Pero costumbre es antiga — Que ande tras su mal la gente». Idem, *Poesias*, p. 105.

¹ — que se disfarçava em pastor...

² — pelas conseqüências, pelo resultado.

Que ouço que é mui verdadeiro
 315 Pera amigos e amigas.
 JANO. Tão cansado, respondeo,
 D'um cuidado, Franco, me acho,
 Que me agora aqui naceo,
 Que até na voz tenho empacho.
 320 Aos que hão-de aquecer
 Não pode homem resistir,
 Que o que ha-de ser, ha-de ser,
 Não se lhe pode fogir,
 Defender, nem esconder.
 325 Mas porque, Franco, contigo,
 Desabafo eu em falar,
 Porque sei que és meu amigo,
 Tudo te quero contar:
 Nem remedio, nem conforto,
 330 Não te hei, Franco, de pedir,
 Que do mal em que estou posto
 Não me espero de remir,
 Senão depois que for morto.
 Dia era de um gram vodo
 335 Que a um santo se fazia,

320 — «...aquecer» — Ed. Eb. 320-24 — «Não te posso encarecer — A grande dor que me obriga — A calando padecer, — Porque de minha fadiga — He só descanso o morrer». — variante das Edições de 1645 e de 1785.

314 — que é um amigo verdadeiro. 316-17 — *Cansados d'um cuidado* — abatido por causa duma inquietação d'alma... Cfr.: na *Écl.* III, versos 323-5. 319 — *empacho*, turbação. — «Es que da le amor *empacho*...» Sá de Mir., *Poesias*, p. 114. 320 — *aquecer* — *acaecer* — acontecer — cair em sorte — Vide *Elucidario* de Viterbo, I, p. 47. 325-8 — «...mágoa é manter verdade desconhecida». *Men. e Moça*, I, 3. 334 — *vodo* e bodo, festa. Cfr.: «Ia ao bodo da ermidá — Cada sancta Margarida, — E dava esmola aos andantes». G. Vicente, *Auto da Barca do Purgatorio*. Na *Men. e Moça*, I, 28 — descreve-se a ida de *Aonia* numa romagem a uma Santa, que é pretexto para se encontrar com *Bimnarder*.

Onde ia o povo todo
 Por ver, e por romaria.
 Lembra-me que andava eu então
 Vestido todo de novo,
 340 Ao hombro um chapeirão
 Que pasmava todo o povo,
 Com um cajado na mão.
 Tomando-me polo braço
 Pierio, então me levou
 345 D'ali um grande pedaço
 Onde melhor sombra achou.
 E, mandando-me assentar,
 Ele tambem se assentou,
 E antes de começar
 350 Pera mi um pouco oulhou,
 E a voltas de chorar,
 PIERIO. — «Vejo-te (dixe ele) Jano,
 Dos bês do mundo abastado,
 Mas contando ano e ano
 355 Fico de todo cortado:
 Vejo-te ca pola idade
 De nuve negra cercado,
 Vejo-te sem liberdade,

350 — « . . . oulhou » — Ed. Eb. 352 — « . . . dixे . . . » — Idem.
 353 — « bês . . . » — Id. 357 — « . . . nuve . . . » — Id. e Ed. de 1645 e de 1785.

340 — *chapeirão* = capa rústica com capuz. Este vocábulo é empregado algumas vezes por Gil Vicente. 342 — *cajado* — Vide na *Écl.* I, nota ao verso 62. 346 — «Chegando á borda do rio, oulhei pera onde havia *milhores sombras* . . . » *Men. e Moça*, I, 2. 350-1 — olhando e chorando. Cfr.: « . . . se punha a chorar com ela, a *voltas* de palavras tristes . . . » *Men. e Moça*, P. I, 28. 352 — Principia a profecia de *Pierio*. 353 — É o verso 47 da *Écl. Crisfal*. 355 — *cortado* — cheio de dôr, de pena — Cfr.: «Bimnarder . . . tam *cortado* ficou das palavras da ama . . . » *Men. e Moça*, I, cap. 24. «Ficou Bimnarder tam *cortado*, que d'ahi a mais de uma hora não cuidou nada». — Idem, I, cap. 30¹

- De tua terra desterrado
 360 E mais de tua vontade.
 Em terra que inda não viste,
 Polo que nela has de ver,
 Vejo-te o coração triste
 Pera em dias que viver.
 365 Has de morrer de ãa dor,
 De que agora andas bem fóra;
 Por isso vive em temor,
 Que não sabe homem aquela hora
 Em que lhe hade vir o amor.
 370 Não pode ja longe vir,
 Jano, aquisto que te digo;
 Vejo-te a barba pongir,
 Olha como andas contigo.
 A terra estranha irás
 375 Por teu gado não perderes,
 Longos males passarás
 Por uns mui breves prazeres,
 Que verás, ou não verás.
 (E dando um pouco á cabeça
 380 Á maneira d'anojado)

359 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 181-2 — *terra alhea*.

358-364 — Vejo-te saído da tua terra, contrariado na tua vontade — no teu amor — para toda a tua vida. 363 — Vide verso 412-13 da *Écl.* III. — Cfr.: «Antre temor e desejo, — Vã esperança, e vã dor, — Antre amor e desamor — Meu *triste coração* vejo». Sá de Mir., *Poesias*, p. 443. «Amor cruel! que já nunca te fartas — De nossa morte, dize porque assi — Hum *triste coração* d'hum corpo ápartas?» Antonio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, I, p. 181. « . . . Quantas vezes mostrei meu rosto ledo, — Quando meu *coração triste* chorava? . . . » Fr. Agostinho da Cruz, *Varias Poesias* — *Écl.* III. 366 — de que estás bem longe — isto é: que não imaginas. 367 — acautela-te. 373 — vide nota ao verso anterior. 374-5 — Continúa a profecia de Pierio. Cfr.: versos 23-5 desta *Écl.* 376-7 — «Quanta tristeza custa hũa alegria!» Antonio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, vol. I, *son.* 55 do Livro I.

380 — *anojado* — magoado. Vide verso 261 desta *Écl.*

Por teu bem, porem te creça
 A barba (dixe) de honrado!
 Treslada-o no coração
 Isto que te aqui direi,
 385 Que ainda alguns tempos virão,
 Jano, que te alembrarei.
 Mande Deos que seja em vão!
 Por cobrares a fazenda
 A ti mesmo perderás;
 390 Perda que não tem emenda
 Depois quando o saberás.
 Nos campos de ãa ribeira
 Onde vales ha a lugares
 Te está guardada a primeira
 395 Causa destes teus pesares,
 Noutra parte a derradeira.
 Geitos em çousas piquenas,
 Louros cabelos ondados,
 Porão pera sempre em penas
 400 A ti, e a teus cuidados.
 Falas cheas de desdem,
 De presunção cheas delas,

382 — « . . . dixе . . . » — Ed. Eb.

401, 402 — « . . . cheas . . . » — Idem., e Ed. de 1645.

383 — grava-o no coração.

387 — Oxalá a minha profecia seja desmentida.

388-9 — Para não perderes o gado, has de te perder por amores. *Cobrar* — é um verbo muito usado por B. Ribeiro. 390-1 — quando o souberes, será uma perda irreparavel. 392-5 — a primeira parte dos teus males passa-la-has nos campos duma Ribeira — porventura o encontro com *Joana* no **Paço da Ribeira**. — Vide nesta *Écl.* nota ao verso 6.

396 — Noutra terra te está guardada a última causa dos teus pesares.

397 — « Quem quereis que veja olhinhos, — Que se não perca por elles, — Lá per huns *geitinhos* lindos, — Que vos metem em caminhos — E não ha caminhos neles, — Senão espinhos infindos? » G. Vic., *Almocreves*, últ. scena. — Cfr.: « Um mover de olhos, brando e piedoso, — Sem ver de que ;

Cousas que outras cousas tem
 Te causarão as querelas
 405 De que morrer te convem.»—
 JANO. De todo o que te hei contado,
 Todo quasi aconteceu,
 Que o que ainda não é passado
 Polo pasado se crêo:
 410 Agora dantes pouco ha
 Víão meus olhos, que foram,
 Quem m'os leva, apos si, lá;
 A alma e vida se me foram,
 Desprezão-se de mi ja.

AUTOR.

403 — seria a lição primitiva — «cousas que outras causas tem (?)»

hum riso brando e honesto, — Quasi forçado; um doce e humilde gesto, — De qualquer alegria duvidoso. — Um despejo quieto e vergonhoso; — Um repouso gravissimo e modesto; — Uma pura bondade, manifesto — Indicio da alma, limpo e gracioso. — Um encolhido ousar; uma brandura; — Um medo sem ter culpa; um ar sereno; — Um longo e obediente soffrimento; — Esta foi a celeste fermosura — Da minha Circe, e o magico veneno — Que pôde transformar meu pensamento». Cam., *son.* 35. — «Mas quem pode livrar-se por ventura — Dos laços que Amor arma brandamente . . . —» *Lus.*, III, 142. — «Quem vio hum olhor seguro, hum gesto brando, — Hũa suave e angelica excellencia — Que em si está sempre as almas transformando, — Que tivesse contra ella resistencia?» — *Idem*, idem, 143.

398 — É tambem o verso 111 do Romance — *Ao longo de uma ribeira* . . . que a Edição das *Saudades* (1645) **atribuiu** a B. Ribeiro, e que segue a *Écl.* V — vide nesta Edição pág. 129.

410-12 — Agora, pouco tempo decorrido, meus olhos, que fôram lá, viram quem m'os leva após si, isto é. a sua amada.

413 — «Quien todo lo llevó, lleve la vida!» diz *Anton* — B. Ribeiro — na *Écl. Alejo* de Sá de Miranda, *Poesias*, p. 121. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos., *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, p. 138. Vide na *Écl.* I verso 34 e na *Écl.* IV 143.

- 415 Um cão que Franco trazia,
De grande faro, entramentes,
Deu com a frauta onde jazia,
E trouxe-a então antre os dentes.
Vendo-a Franco alvoroçou-se,
420 E foi correndo ao cão,
Que nos pés alevantou-se,
E deu-lhe a frauta na mão,
E apos aquilo espojou-se.
Escontra Jano, tornou
425 Então Franco assi dizendo:
FRANCO. — Quem vê o que dessejou,
Não se lembra de al em o vendo.
Fui-te a palavra cortar,
Mas de aquisto dá tu a culpa
430 A quem a eu não posso dar;
Ou, Jano, por ti me desculpa,
Pois sabes que é dessejar. —
JANO. — De cousa que muito queiras
Deve essa frauta de ser,
435 Disse Jano. — São primeiras,
Lhe tornou Franco a dizer. —
— Quem te tal dom otorgou,

421 — « . . . peis . . . » — Ed. Eb. 426 — « . . . dessejou » — Idem.

434 — « . . . seer » — Idem.

416 — *entramentes* = entretanto Cfr.: «dizendo-lhes o que haviam de fazer *entramentes*». *Men. e Moça*, I, 7. 417 — onde jazia = onde estava, por ter sido perdida — vide versos 227-229 desta *Écl.*

424 — *escontra* = para, em direcção a — prep. usada no português arcaico desde os Trovadores. « . . . disse, *escontra* as outras . . . » *Men. e Moça*, I, 8. 433 — *que muito queiras* = que muito estimes. Vide versos 234-237 desta *Écl.*

435 — *são primeiras* = é a primeira cousa que eu desejava — aquilo que eu mais desejava — é a coisa que eu desejava acima de todas . . .

437 — quem te deu tal presente . . .

(Lhe disse Jano apos isto)
 A muito a ti te obrigou;
 440 A la fé, gram mestre nisto
 Deves ser, se o cão não errou.
 Canta, Franco, algũa cousa:
 Ama a musica a tristeza!
 Veremos se me repousa
 445 Onde a mágoa tem firmeza. —
 Disse Franco: — Certamente,
 Cantarei pola vontade
 Te fazer, como a doente,
 Inda, Jano, que, á verdade,
 450 A minha é chorar sómente.
 FRANCO. Quero-te cantar aquela
 Que ontem, depois que perdi
 A frauta, cantei sem ela,
 Á noite. Quando me vi
 455 Cansado de não na achar,
 Mais muito que de buscá-la,
 Me fui eu ontem lançar.
 Mas, Jano, faço-te fala

440 — « . . . fee . . . » — Ed. Eb.

440 — *A la fé* — na verdade, realmente — locução adv. popular e fórmula de juramento, que era muito usada desde os Trovadores. Cfr.: « . . . ajuntou quanto gado tinha, que estava, *a la fé*, bom pedaço dali». *Men. e Moça*, I, 16. 442 — *Jano* (Bernardim) pede a *Franco* (Sá de Miranda) que o conforte com o canto.

443 — ordem das palavras: — a tristeza ama a musica.

444 — Veremos se (a musica) me dá descanso — pacificação. — Cfr.: «por espaçar meu cuidado . . .» G. Vic., *Almocreves*.

448 — isto é — como se faz a um doente . . .

446-50 — Cfr.: « . . . quem não tem vida, a ninguem a pode dar ». *Men. e Moça*.

455-57 — deitou-se muito mais cansado do que de procura-la. — *lançar* = deitar na cama. 458 — *faço-te fala* = digo-te, — asseguro-te . . .

Que não pude ôlho cerrar.
 460 La, depois da noute mea,
 Quando tudo se calava,
 Comecei em fala chea,
 Um moucho me acompanhava;
 De longe me parecia,
 465 Não sei se me enganava eu,
 Que ele a mim me respondia,
 Com um ai! grande como o meu,
 Mas o canto assi dizia:

CANTIGA:

P ERDIDO e desterrado,
 470 Que farei? onde me irei?
 Depois de desesperado
 Outra mor mágoa achei.
 Desconsolado de mim,
 Em terra alhea alongado,
 475 Onde por remedio vim
 E repairo do meu gado.
 Mas, ó malaventurado
 De mim, sem consolação,
 Temo que ha de ser forçado,
 480 Pois que fui tam malfadado
 Matar-me com minha mão.
 Que conta darei eu agora
 A quem não ma ha de pedir?

462 — *fala chea* — voz clara e forte. 463 — *moucho* e *mocho* — «Já sobre hum seco ramo estava posto — O *mocho*, com funesto, e triste canto, — A cujo som o pastor ergueo o rosto, e vio a terra envolta em negro manto...» Cam., *Écl.* V — últ. estrofe. Edição de 1759. «Do passaro nocturno o triste canto . . .» Cam. *Écl.* II, 24. 474 — *alongado* = posto longe. — *terra alhea*, *longes terras*, *longes terras estranhas* — são frases muito freqüentes na *Men. e Moça*. 475-6 — vide nesta *Écl.* versos 23-5 e 203-5.

- Que desculpa porei ora
 485 A quem não ma ha de ouvir?
 Frauta, dom da mais querida
 Que cobre esta noute escura,
 Frauta minha, sois perdida!
 Façam-me ãa sepultura,
 490 Que muito ha que estou sem vida!
 E ponham na sepultura,
 Letras que digam desta arte:
 A da alma está em outra parte.
 Se aprouver aos longos anos
 495 E aos tempos que hão de vir,
 Que destes graves meus danos
 Venha Celia parte ouvir,
 La onde triste estiver
 Se ela consigo apartada
 500 Lagrimas ter não puder,
 Será minha alma pagada,
 Ou o que então de mim houver.
 Inda que não queira nada,
 Tudo é menos de passar,

491-502 — Faltam estes versos nas edições de 1645 e 1785.

486-7 — Cfr.: versos 235-7 desta *Écl.* — *mais querida* = da mulher mais amada.

488 — deixei de escrever poesias pastoris. Vide na *Écl.* I nota ao verso 114.

489-90 — «A sepultura é devida aos mortos . . .: olhae que é o derradeiro dom da vida». *Men. e Moça*, I, 11.

493 — a (sepultura) da alma está no coração da mulher, que amo.

497 — *Célia* — vide nesta *Écl.* v. 231.

500 — *ter* = sustentar.

501 — *pagada* = satisfeita — porque é uma prova de que ela me tem amor. « . . . assi sam senhora *pagada* de vós». *Men. e Moça*, I, 2.

- 505 Que la os olhos soem levar.
Fogirão contando os dias,
Fizérão-se as noutes sós
Pera os tristes como nós. —
Jano, esta é a cantiga,
510 Ca a derradeira cri que era,
E por sair de fadiga
Confesso-te que o quisera.
Mas se a alma e entendimento
Não morrem com o corpo, a mágoa
515 Me fic'rá. Vam-nos que sento
Que é tempo do gado ir á agoa,
Tambem tem tempo o tromento.

513-16 — «Mas se ha alma e entendimento — nã morrem cõ ho corpo, a magoa — me ficara, vam nos que sento — q̃ he tempo do gado hir a agoa». — Final da *Écl.* II na Edição Eborense (1557-8).

513-17 — «Mas pera poder amor —
Sustentar mais minha magoa
Entre o fogo & seu ardor
Conserva dos olhos a agoa, —
Eternizando-me a dor». — nas Edições de 1645 e 1785.

517 — «Tambem tem tempo o tormento». — Ed. 1852.

514 — *com o* — vide na *Écl.* I — nota ao verso 20.

515 — *que* = porque.

515-16 — É uma das formas classicas de terminar as *Éclogas*. Vide na *Écl.* III, v. 501 e seg. e na *Écl.* V, v. 663 e seg.

O Professor Epiphanio Dias fez uma síntese da primeira parte desta *Écloga* :

«A formosa *écloga* segunda abre apparecendo em scena o pastor *Jano*, — que fugindo ás fomes da região Transtagana viera trazer o que salvara do seu gado, para os pascigos do Ribatejo —, e *Joana*, guardadora de patos, que vivia com o pae em um casal cerca das margens do Tejo. Um dia, no immediato ao da chegada d'aquelle pastor, *Joana*, entretanto que os patos folgavão na veia do rio, andou a colher flôres pela ribeira, entre-teceu com ellas uma capella, pô-la na cabeça, e, para melhor se certificar se lhe ficava bem, quis ir ver-se no espelho das agoas. Descalçando as çapatas e arregaçando-se entrou por um remanso do Tejo dentro, e, depois de mirar-se, soltando um ai, lastimou que formosura tal se empregasse em tão humilde mister. *Jano*, que d'entre as hervas tudo presenciára e que desde logo se enamorara apaixonadamente de *Joana*, no momento de lhe ouvir aquellas lástimas, não se pôde conter mais e correu para ella. *Joana* sentindo o rumor da corrida foge açodada para o casal paterno deixando, com a precipitação, ficar no areal uma das çapatas. O pastor, então, encaminhando-se ao sitio, onde *Joana* estivera a contemplar-se nas agoas, dá com os olhos na çapata, aperta ao peito, como fino amante, este despojo adorado, e desata em um frouxo de lagrimas, que lhe inundão o seio e a amorosa reliquia».

Revista Lusitana, Vol. II, pág. 287.

ÉCLOGA III.

INTERLOCUTORES:

SILVESTRE E AMADOR *

AUTOR.

- UM coitado de um pastor,
Triste, malaventurado,
Vencido de grande dor,
Ao derredor de seu gado
5 Se queixava do amor:
Com palavras mui cansadas,
Sem descanso e sem cansar,
A quantos via passar,
Com vozes desesperadas
10 Os fazia esperar.
Depois de falar consigo,
E com seu gado mesquinho,
Vio passar um seu amigo
Afastado do caminho
15 Caminho de seu perigo,

* Acêrca dos Interlocutores, consulte-se a *Bibliografia*. Na *Écl. Montano* de Sá de Mir., um dos pastores é *Silvestre*. — Na farça do **Juiz da Beira**, (1525) Gil Vicente — chama **Amador** — a um personagem — «**que sempre fala amorés**». — Numa *Cantiga do Cancioneiro Geral*, diz B. Ribeiro: «Fuy, e ssam grande amador . . . »

Que também se ia queixando
Do grande mal que sentia;
E com ele se ajuntando
Estiveram todo um dia

20 Um ao outro consolando.

Tristes praticas passavam,
Contavam grandes tristezas,
Gotas de sangue suavam
Ledos com suas firmezas,

25 Elas mesmas os matavam:

Sentiam mui grande dor
Cada um com seu marteiro,
Que nunca se vio maior,
Começa logo primeiro

30 Silvestre, sem Amador:

SILVESTRE. Triste de mi, que será,
Ó coitado, que farei,
Que não sei onde me vá

23 — «Em grande tristura estavam» — variante nas Edições de 1645 e 1785.

24 = satisfeitos por serem leais no amor. — *firmezas* = constancia. Vide em Camões: — «Dais manifesto sinal — De minha muita *firmeza* ...» *Redondilhas*, Edic. Juromenha, p. 85. — Cfr.: Clerigo: — «Que manhas,¹ que gentileza — Ha de ter o bom galante?» Policena — «A primeira he ser constante, — Fundado todo em *firmeza* . . .» Gil Vic., *Exhortação da Guerra*. Vide para contraste: «Alegre com my tristeza, — alegre com my partyr, — senhora, de v' servyr — por vossa pouca *firmeza*.» Dom Goterre, *Canc. Geral*, II, p. 206.

27 — *marteiro* — martirio.

29-30 — São os versos 31-140 do *Solilóquio* de *Silvestre*.

31 — «Triste de mim...» — é uma frase muito freqüente na *Men. e Moça*.

32-3 — Cfr.: «Coitada de mim que farei, onde me irei?» *Men. e Moça*, I, 9. — «Triste de mym que farey, — que sera de mym coyado, ...» Dom Goterre, *Cancioneiro Geral*, II, p. 208.

¹ manhas. = boas qualidades

- Com quem me consolarei?
 35 Ou quem me consolará?
 Ao longo das ribeiras,
 Ao som das suas agoas,
 Chorarei muitas canseiras,
 Minhas mágoas derradeiras,
 40 Minhas derradeiras mágoas.
 Todos fogem ja de mim,
 Todos me desepararam,
 Meus males sós me ficaram
 Pera me darem a fim
 45 Com que nunca se acabaram.
 De todo bem desespero,
 Pois me desespera quem
 Me quer mal que lhe não quero,
 Não lhe quero senão bem,
 50 Bem que nunca dela espero.
 Ó meus desditosos dias
 Ó meus dias desditosos,

40 — Cfr.: A seguir a este verso, que finaliza a 4.^a estrofe, vem na **Folha volante de 1536**, a que nos referimos em nota a esta *Écl.*—pag. 76, a estrofe seguinte: — «Pois que sam tã magoado — nam quero nunca prazer, — ja sam mais que sepultado — tam certo de me perder, — sem perder hũ soo cuidado. — De todo bem desesperado, — pois me desespera quem — me quer mal que nã lhe quero — nam lhe quero se nam bem — se nam bem que nam espero». 42 — « . . . desepararom . . . » Ed. Ebor. 43 — « . . . ficarom . . . » Idem. 43 — «Meus males soo se dobrarom» — lição na **Folha volante de 1536**. 45 — « . . . acabarom». Ed. Eb.

34-35 — Cfr.: «com quem nos consolarem' — ou quem nos conso-laraa». Pedroomem, *Cancioneiro Geral*, Tomo II, p. 98.

44 — Para me matarem. *Fim* — tambem era fem. na linguagem arcaica.

46 — «De vosso bem *desespero* . . . » Dom Goterre, *Canc. Geral*, II, p. 208. 46-50 — «Mas com quanto *desespero*, — he em mym tanta afeyçam — que deseja o coração.» Conde do Vimioso, *Cancioneiro Geral*, II, p. 277.

Como vos is saudosos,
Saudosos de alegrias,
55 D'alegrias dessejosos:
Leixai-me já descansar,
Pois que eu vos faço tristes,
Tristes porque meu pesar
Me deu os males que vistes,
60 E muitos mais por passar.
Aceitei ser namorado,
Não tive meo em o ser;
Ja sam mais que sepultado,
Sam certo de me perder,
65 Sem perder meu só cuidado:
Não sei polo que espero,
Nem o que espero de ver,
Perco-me pelo que qüero,
Nem me acabo de perder,
70 Porque mais perder espero.
I-vos, minhas cabras, i-vos,
Gado bemaventurado,
Em outro tempo passado,
Ficai-vos, ou despedi-vos
75 Despojo do meu cuidado:
Ja vos não verei comer
Penduradas no penedo
Onde vos soía ver
Andar saltando sem medo,
80 Sem medo de me perder.
Ja vos mais não cantarei
Nenhūs versos, nem cantigas,

55 — «*dessejosos* . . . » — Edic. Eborense.

60 — *por passar* = que ainda hei de experimentar.

62 — Fui-o em extremo. 81-2 — Cfr.: na *Écl.* I versos 71-74.

- Mas a todos contarei
 As minhas tristes fadigas
 85 Com que sempre viverei:
 Minhas cabras desditosas,
 Ja vos não verei roer
 As salgueiras amargosas,
 Que sóeis de pacer
 90 Polas ribeiras fragosas.
 Andarei de vale em vale,
 E de lugar em lugar,
 Não acharei quem me fale,
 Nem com quem possa falar,
 95 Nem quem diga que me cale;
 Sobir-me-hei aos outeiros,
 E deita-los-hei a giros
 Polos pés dos sovereiros,
 Meus suspiros derradeiros,

98 — « . . . peis » — Edição Eborense.

71-90 — « *Ite, meae, felix quondam pecus, ite, capellae. — Non ego vos posthac viridi projectus in antro — Dumosa pendere procul de rupe videbo; — Carmina nulla canam; non, me pascente, capellae, — Florentem cytisum et salices carpetis amaras.* » — Verg., *Bucol.* I, 74-8. — « . . . Florentem cytisum sequitur lasciva capella . . . » Idem. *Bucol.* II, 64. — « Ma le pecore et le capre, che più di pasciare che di riposarse erano vaghe, cominciarono ad andarsi appicziando per luochi inaccessibili et ardui del selvatiche monte, quale pasciendo un rubo, quale un arbosciello che allora tenero spontava da la terra; alguna se alzava per prendere un ramo de salcie, altra andava rodendo le tenere cime di querciole et di cerrecti; . . . in maniera che, chi di lontano vedute le avesse, avrebbe di legiero potuto credere che pendessero per le scoverte ripe. Le quale cose mentre noy taciti con attento occhio miravamo, non ricordandone di cantare nè di altra cosa . . . » San-nazaro, *Arcadia, Prosa quinta*, 109-123.

83-4 — Vide na *Écl.* I, 321-5 e na *Écl.* II, versos 325-333. 86 — Cfr. : verso 12 desta *Écl.* 96 — Vide verso 424 desta *Écl.* 97-100 — soltarei, de vez em quando, suspiros amorosos. Vide na *Écl.* II, nota ao verso 264.

- 100 Meus derradeiros sospiros.
 E ir-me-hei assentar
 A' sombra de ãa asinheira
 Que está fóra do lugar
 Ao longo da ribeira
- 105 Onde eu soía andar:
 Verei a casa caída,
 Sem parede, e sem telhado,
 E verei meu mal dobrado,
 Cuidado de minha vida,
- 110 O' vida de meu cuidado.
 Ouvirei cantar os galos
 Naldea, e ladrar os cães,
 E jazerei antre os pães,
 Verei berrar antre os vales
- 115 Os novilhos polas mães:
 Deles berrarão do fato,
 Porque mor pena me dem
 Chorarei meu desbarato,
 Eu não sei porque me mato,
- 120 Mato-me não sei por quem.
 Queixar-me-hei a grandes brados,
 Mas que aproveita bradar,
 Que trago os olhos quebrados,
 Quebrados ja de chorar

101 — Neste verso, seguimos a lição da *Folha Volante*. — *E vir me hei assentar* — lição da Edic. Eborense e das Edições de 1645 e 1785.

102 — Cfr.: «... nemorum Jovi quae maxima frondet — *Aesculus*...» — Verg., *Georg.*, II, 15-6. 104 — Vide verso 36 desta *Écl.* 108 — *mal* = infelicidade. 113 — *pães* = trigo. Cfr. verso 332 da *Écl.* IV.

116 — *deles* — vide *Écl.* I, verso 53. 116 — *fato* — vide *Écl.* II, verso 29.

116 — alguns deles *berrarão* dentre a manada... Cfr.: «*Berrando* andava em roda o manso gado...» Cam., *Écl.* V. 123-4 — Cfr.: nesta *Écl.* — 528-30.

125 Todos os gostos passados:
 Aquele que vem bradando,
 Se s'aqueixará d'alguem?
 Ou com seu mal ou seu bem,
 Virá consigo falando

130 Sem se aqueixar de ninguém.
 Se me ele quisesse ouvir,
 Mas se me ele a mi ouvisse
 Por grande mal que sentisse
 Eu lhe faria sentir

135 O que eu lhe nunca visse:
 Quero ver de que se aqueixa,
 Ou se se aqueixa de si:
 Leixar-me-hei estar aqui,
 Mas minha dor não me leixa,

140 Que em forte ponto a vi.

AMADOR. O' enganosa ventura
 Que queres deste pastor?
 Leixa-me ir com minha dor,
 Que minha desventura

145 Traz consigo outra maior:
 Leixa-me ir tras um desejo
 De grande engano forçado,
 Triste, malaventurado,
 Que um cuidado sobejo

150 Me dá sobejo cuidado.

126-30 — Nestes versos seguimos a lição da *Folha volante de 1536*.

127 — «Se s'aqueixa ora d'alguem?» — Edição Eborense.

127 — «Se se aqueixa hora d'alguem?» — Edições de 1645 e 1785.

127 — por ventura se queixará d'alguem? 140 — *forte ponto* — vide nota ao verso 189 desta *Écl.* 142 — *deste pastor* = de mim.

148 — Vide na *Écl.* I a nota ao verso 44.

148-50 — Cfr.: « . . . curis ingentibus aeger . . . » Verg., *Aen.*, I, 208.

O' meus olhos saudosos,
Minha grande soïdade,
Meus suspiros tam queixosos,
O' choros tam deleitosos,
155 Por deleite, e por vontade;
Quem sospirasse algum dia
Pera só desabafar;
Mas eu ja não ousaria,
Porque um suspiro daria
160 Sinal de quem mo faz dar.
Tudo o que vejo parece
Triste de minha tristeza,
E tudo mais me entristece:
Coitado de quem of'rece
165 A vida a quem lh'a despreza.
Ando com a fantasia
A meude maginando,
Que a quantos vejo diria
Que é o que ando buscando;
170 Mas triste não ousaria.
Quem se podesse fiar
Do falso do pensamento,
Falso, foste-me enganar
Com falso contentamento,
175 Pera me logo engeitar:
Vinga-te agora de mim,
Que é razão pois te avorreço,

151 — *olhos saudosos* — cfr.: « . . . Estendo estes meus *olhos saudosos* — Á parte aonde tinha o pensamento». Camões, *Elegia* I, versos 53-4.

153 — *suspiros de amor* . . .

155-6 — cfr.: « . . . desejava ir-me por lugares sós, onde *desabafasse em sospirar*». *Menina e Moça*. Parte I, cap. 2.

156-70 — Cfr.: na *Écl.* I, verso 75 — em que alude ao *seu segredo* de Amor. 175 — *engeitar* — patentear a realidade, desiludir.

Mas ãa cousa te peço,
 Que dês a meus males fim
 180 Pois que lhe deste o começo.
 SILVESTRE. Como vens afadigado,
 Amador, quem te afadiga?
 Que vens sem ti, e sem gado,
 Sem tento, como atentado,
 185 Que não sei o que te diga:
 Dessejava de te ver,
 Pesa-me porque te vejo
 Tam fóra de teu poder,
 Foste la em forte ensejo
 190 Tam asinha a te perder.
 Agora onde te vás,
 Dize-me como te vai?
 AMADOR. Eu to diria, mas aí,
 Minha vida onde estás,
 195 Quanta canseira me sai:
 Ja começo d'acabar,
 Mas nenhũa cousa acabo,
 Porque vim a começar
 Em males que não tem cabo,

191 — «Agora aonde te vás,» — Edições de 1645 e 1785.

179 — *males* — cfr.: *soneto* 27 de Camões: «*Males*, que contra mi vos conjurastes...» 181 — *afadigado* — atormentado. Cfr.: «Era tão *afadigado* com seu desejo, que não sabia o modo, que nisso podesse ter». João de Barros, *Clarimundo*, Liv. I, cap. 10. 183 — Vide nesta *Écl.* verso 513.

188 — tam cativo — cfr.: «*coração. . . preso*». Cam., *Lusiadas*, III, 142.

189 — *forte ensejo* — má ocasião — cfr.: forte ponto, forte hora, hora mofina, hora aziaga, hora infausta, negra hora, hora mingoada. — *Diabo*: «Muchacha, venhas embora». *Moça*: «Mas na *negra*, pois te vejo. — Ah! desaparece-me ora, — Que faleci ind'agora — Em mui perigoso *ensejo*». Gil Vicente, *Auto da Barca do Purgatorio*. — «Oh *forte* hora!» G. Vic., *O Velho da Horta*. 190 — *asinha* = depressa.

- 200 Nem lho posso dessejar.
 Não preguntes o que sento,
 Vai-te, que ainda te vejas
 Tam contente, e tam isento,
 Que o mesmo contentamento
 205 Sejas de quem tu dessejas;
 Não cuides que minha dor
 Me dá repouso em dizê-la,
 Que quanto mais cuido nela
 Tanto ela é maior,
 210 E eu mais contente dela.
 Leixai-me nestes estremos
 Onde tudo me leixou,
 Meu mal e eu ficaremos
 E nunca nos leixaremos,
 215 Que este só bem me ficou:
 Busca outra companhia
 Com que possas descansar,
 Porque eu busco outro pesar,
 Se hi mor pesar havia,
 220 Mas esse meu não tem par.

200 — « . . . *dessejar* ». — Edic. Eborense.

203 — *isento* — vide verso 11 da *Écl.* I.

201-10 — «O grande contentamento — que tenho de ser perdido — me faz ser arrependido — do tempo' que fuy isento». *Canc. Geral*, II, p. 234.
 « . . . Menos se teme a dor quando se sente ! » Cam., *son.* 75.

201-10 — Cfr. « . . . Louvado seja Amor em meu tormento . . . »¹
 — « . . . Do tempo, que fui livre, me arrependo ». ² — «Hum coração constante, que se ofrece — A ter por gloria o ser atormentado ». ³ — «Porém não quer Amor que lhe resista, — Nem a minh'alma o quer; qu'em tal tormento, — Qual em gloria maior está contente ». ⁴

211 — *estremos* = riscos — lance derradeiro.

220 — *par* — igual, i. é — comparação.

¹ Camões, *son.* 7 — ² *son.* 77 — ³ *son.* 124 (211 nas *Rimas* — Ed. de 1759) — ⁴ *son.* 257.

- Silvestre, pastor amigo,
 Tempo é de me leixares,
 Não posso falar contigo,
 Que a mi pesa-me comigo,
 225 Comigo quero pesares:
 Já os meus dias passaram,
 E eu todos os passei,
 Tras um engano andaram,
 Deles me desesperaram,
 230 E doutros desesperei.

SILVESTRE. As cousas que não tem cura,
 Amador, não cures delas;
 E as que não tem ventura.
 Não te aventures por elas,
 235 Porque causam mor tristura;
 Leixa-as ir por onde vão,
 Não vás onde te levarem,
 Que se ãas se acabarem
 Outras se começarão
 240 Pera mais paixão te darem.
 Não estês assi pasmado,
 Que bem pasmado estou
 De te ver mudo, e mudado,
 Ó Amador, quem cuidou,
 245 Que fosses tão descuidado:
 Não cuides o que farás,
 Nem faças o que cuidares,
 Oulha bem onde te vas,

226 — «passaram . . . » — Ed. Ebor. 228 — « . . . andarom . . . » — Idem. 229 — « . . . desesperaram . . . » — Idem.

227 — *passei* = experimentei. 228 — *engano* = ilusão. 231 — Cfr.: na *Écl.* I verso 91. 240 — *paixão* — sofrimento, dôr. 241 — *estês* — forma arcaica do conjuntivo presente = estejas. 242-3 — Cfr.: versos 289-90 da *Écl.* II.

Se contigo não acabares,
 250 Crê que nunca acabarás.
 Repousa hoje aqui;
 Não te aproveita fogir,
 Pois que contigo ha de ir,
 Quem te faz andar sem ti,
 255 Sem comer, e sem dormir,
 Ao longo deste prado
 Falar-te-hei, e falar-me-has,
 Cada um com seu cuidado,
 Comigo descansarás,
 260 Posto que venhas cansado.
 AMADOR. Ó que enganosa perfia,
 Ó que perfia de engano,
 Que tanto tempo escondia
 De um dia em outro dia,
 265 De um ano em outro ano:
 Meu mal eu t'ó contaria,
 Mas é mal que não tem conto,
 Ditoso quem o sentia,
 Que ja teria um desconto,
 270 Com que se satisfaria.
 SILVESTRE. Se tu soubesses o meu
 A osadas, Amador,
 Que tu calasses o teu,
 Que tanto é mor a dor,
 275 Quanto é mor quem na deu.
 Por isto não te pareça,

254 — Cfr.: verso 70 da *Écl.* I e 162 da *Écl.* II.

255 — Vide na *Écl.* V. 176 e 180. Cfr.: por contraste *Écl.* IV, 246-8.

257 — Vide verso 326 da *Écl.* II. 258 — Vide nota ao verso 20 da *Écl.* I.

268 — Vide versos 206-210 desta *Écl.*

271 — se soubesses bem o meu sofrer... 272 — *A osadas* — locução adv. de afirmação — *certamente* — é freqüente na Obra vicentina.

Amador, que és tu só,
 Que em que te a dita faleça,
 A mim falece-me o dó,
 280 Pera que mais lh'avorreça.
 Tua afeição te desculpa,
 Que sei que és afeicionado,
 Magôas um magoado,
 Em que não pode haver culpa,
 285 Posto que anda culpado.
 Prouvera a Deos que podera
 Ter meu mal comparação,
 Este só bem me fizera,
 Que este cuidado vão
 290 Vãas esperanças me dera.

AMADOR. Busca outro companheiro,
 Silvestre, e descansarás,
 Falar-te-ha, falar-lhe-has;
 Que este é o derradeiro
 295 Lugar onde me verás;
 Ó que dor, e que receos!
 A culpa é de quem mos deu:
 A pena, tenho-a eu,
 Os sentidos são alheos,
 300 E o sentimento é meu.

SILVESTRE. Lembram-me cousas passadas,
 E quantas passadas dei,
 Horas bemaventuradas
 Por quem choro, e chorarei

278 — *em que* = ainda que. 279 — *dó* = piedade.

289-90 — Cfr.: «Et nunc ille quidem spe multum captus inani . . . » Verg., *Aeneidos*, Liber XI, 49. 303 — *bemaventuradas* = felizes.

301 — *passadas* — experimentadas . . .

301-5 — « . . . tornandomi ala memoria y lieti tempi . . . » Sannazaro, *Arcadia*, *Prosa settima*, 204-5.

- 305 Em quanto forem lembradas.
 Õa vontade me engana,
 Com lembrança do passado,
 Tempo bemaventurado,
 E outro me desengana,
 310 Pera ser mais enganado.
 A causa de meus cuidados
 Foi buscar longos destertos,
 Levam-m'a meus tristes fados
 De uns erros em outros erros,
 315 Por erros mui enganados:
 Os seus olhos me enganarão,
 Mas eles o pagarão
 Apesar do coração;
 Porque eles começarão
 320 O que nunca acabarão.
 Leixou-me só nestes vales,

311-14 — Ha causa de meus cuidados — foy buscar longos destertos — leva ma meus tristes fados — de huns erros em outros erros.— Ed. Eb.

300-8 — Cfr.: «Se quando vos perdi, minha esperança, — A memoria perdera juntamente — Do doce bem passado e mal presente, — Pouco sentira a dor de tal mudança. — Mas meu *fado cruel*, que não descansa — De sempre me cansar continuamente, — Me faz lembrar que já me vi contente, — Por me fazer mais triste na lembrança. — De cousas, de que não deixou sinal — *o leve tempo*, delas avaro — Agora quer que seja perseguido: — E pera dar mór força a meu tromento, — Não me busca de novo novo mal, — Antes me poem diante o bem perdido. — »¹

311-12 — vide «... as suas desditas, e as minhas, o levaram pera *longes terras* estranhas...» *Menina e Moça*... P. I, 1. 313 — *Levam-m'a* — «refere-se o pronome *a* á «causa dos cuidados». E. Dias, *Rev. Lusit.* II, p. 283.

313-15 — Cfr.: «*Erros* meus, má Fortuna, Amor ardente — Em minha perdição se conjurarão: — Os *erros* e a Fortuna sobejarão: — Que para mi bastava Amor sómente». Cam., *son.* 193. 321 — Vide nesta *Écl.* verso 91.

¹ Acêrca deste *Son.* — vide nas *Rimas* de Cam.—*son.* 25, nas *Rimas Varias* de Bernardes —*son.* 142—e as obs. da Senhora D. Car. M. de Vasconcellos, nas *Investigações sobre Sonetos e Sonetistas*, p. 67.

E fiquei acompanhado
De cuidados de um cuidado
Em que repousam meus males,
325 Porque viva mais cansado :
Mas cedo me irei buscar,
Pois me isto aconteceu,
Mas eu ja não me hei de achar,
Que meu bem cá se perdeo
330 Pera nunca se cobrar.

Com quanta mudança vejo,
Não me sei arrepender,
Dessejo de me perder,
Perco-me polo dessejo,
335 Que não lhe posso valer:
Ó meus enganos cansados,
Cansai ja de me enganar,
Devereis ja de acabar,
Que os meus males passados
340 Todos estão por passar.

AMADOR. Pesa-me, mas que aproveita
Esta vontade engeitar,
Quem o desengano engeita
Por força se ha de enganar
345 D'outra vontade sogeita;

341-50 — «Pesa, mas que aproveita — esta vontade engeitada, — a verdade he enganada — mas a vontade sojeita — nam pode ser magoada. — Nam cures de t'aqueixar — que nam t'ade aproveitar — porque mal tam desigoal — nam ha nele menor mal — nem bem pera s'esperar». — *Folha volante* de 1536.

325 — *cansado* = enfadado, abatido. 328 — Vide nesta *Écl.* o verso 254 e a nota. 330 — *cobrar* = recuperar. 331 — *mudança* — Cfr.: *Écl.* III, 146-50. 339-40 — Cfr.: versos 59-60 desta *Écl.* 341 — «*Pesa-te mas desingulas*»¹ Gil Vicente, *Farça dos Almocreves*.

¹ desingulas = dissimulas.

Não cures de te queixar,
 Pois em teu mal não és só,
 Que em te ver agastar
 Hei de ti camanho dó,
 350 Que sento meu mal dobrar.

SILVESTRE. Não te pese com meus danos,
 Pois que eu folgo com eles,
 Leixa-me ir com meus enganões,
 Que não sei viver sem eles,
 355 Pera esperar desenganões:
 Não cuides que me arrependo
 De me ver andar perdido,
 Mas ando triste gemendo,
 Porque me fica o sentido
 360 Pera sentir o que entendo.

AMADOR. Não me posso andar detendo,
 Leixa-me agora partir,
 Minhas mágoas te encomendo,
 Vai-se-me o tempo perdendo,
 365 Perdendo me quero ir:
 Mas parece desamor
 Apartar-me assi de ti,
 Dize, que fazes aqui?
 Ua dor a outra dor,
 370 Que conta dará de si?

SILVESTRE. Ando por esta defesa
 Como tu, Amador, ves,
 Que ha passante de um mes,

347 — *mal* = desgraça. 350 — Vide verso 108 desta *Écl.*

351 — *Não te pese* = não te condôas — Cfr.: «E segundo se ouve por certo, ao Duque (de Bragança) *pesou* muyto de os ver . . . » Garcia de Resende, *Chronica de D. João II*, cap. 31. 351-2 — Vide versos 206-10 desta *Écl.* e na *Écl.* V os versos 111-12. 355 — *desenganões* = desilusões.

371 — *defesa* — devesa — «Polas *defesas* . . . » Sá de Mir., *Poesias*, p. 486.

- 375 Que folgo com o que me pesa,
E pesa-me em que me pês;
Ora bravo, ora manso,
Cercado de mil temores,
Se cuido em minhas dôres,
380 As dôres me dão descanso,
E o descanso outras mores.
Ponho os olhos no chão
Quando me os cuidados vem;
Us vem, e outros se vão,
385 E outros nem vão, nem vem,
Mas comigo sempre estão:
Us me leixam sem sentidos,
Outros me fazem sentir
Os males que estão por vir,
390 Ó meus desejos perdidos,
Quem vos podesse seguir!
Vou de mudança em mudança,
Sem me ver nunca mudado,
De ãa em outra lembrança,
395 Falece-me a esperança
Pera ser desesperado:
Trago desejo sobido;
E ando fogindo dele,
Mas nunca me acho sem ele,
400 Nem o posso ver perdido,
Porque me perco por ele.
Quando vem ao sol posto,

375 — Cfr.: «E era esta senhora — a Senhora Desherdada — mais fermosa pera antre homens, que pera antre molheres: de ãas feições grandes naquela grandeza bem posta: porem sobrava na graça do seu ar, que derramava per tudo que ela fazia, ou dezia, de maneira que a quem a visse, *mal que lhe pes*,¹ i lhe havia de aprazer». *Men. e Moça*, II, 5.

¹ *mal que lhe pes* — frase já usada pelos Trovadores.

Que então sóia de ver
 Aquele fermoso rosto
 Torno a ensandecer,
 405 Porque perdi tanto gosto:
 Que vinha sempre cantando
 Tam dessejoso de ve-la,
 E agora ando chorando,
 Porque a achava fiando,
 410 E porque me fiei dela.
 Cada vez que anoutece
 Cobre-se-me o coração
 De ãa grande escuridão,
 Com ela passo o serão,
 415 E com ela me amanhece:
 Dobra-se-me a fantasia
 Em mil castelos de vento,
 Coitado do pensamento,
 Que está, de noute e de dia,

407 — Vide nesta *Écl.* nota ao verso 55.

409 — *fiando* = reduzindo o linho a fio. Cfr.: «Quando eu era da vossa idade, e estava em casa de meu pae, nos longos serões das espaçosas noutes de inverno, antre as outras mulheres de casa, delas fiando, e outras devando,¹ muitas vezes pera enganarmos o trabalho, ordenavamos que alguma de nós contasse historias, que não leixassem parecer o serão longo; e uma mulher de casa já velha, que vira muito, e ouvira muitas cousas — por mais ancian — dizia sempre, que a ela pertencia aquele officio. E, então, contava historias de cavaleiros andantes». *Menina e Moça*, P. I, 3.

410 — *fiei dela* — lhe dei crédito. — «Quem se fosse em vós *fiar*! — O que vos disse o outro dia, — Tudo lhe foste contar». Camões, *Filodemo*, Acto I, Sc. V. 411 — Vide na *Écl.* V verso 706.

413 — *escuridão* = tristeza profunda. Vide na *Écl.* II verso 363.

417 — *Castelos de vento* — vide: «Os meus castelos de vento — Que me em tal cuita² pusestes, — Como desaparecestes!» — Sá de Mir., *Poesias*, p. 33.

¹ *devando* = dobando. ² *cuita* = angústia.

- 420 Antre tromento e tromento.
 Quando vem a madrugada,
 Antes que o gado va fóra,
 Por ver a casa em qué mora,
 Subo-me em ãa assomada:
 425 O' quem visse sempre esta hora!
 Ali me leixo estar,
 E nunca dali me vou,
 Sem que a veja passar,
 Mas nunca passa o pesar,
 430 Que me a mi dela ficou.
 Soem os tristes pastores
 De seu mal desabafar
 Cada um em o contar,
 E em mim as tuas dores
 435 Me fazem novo pesar;
 Amador, tu não esperes
 Nenhum consolo de mim,
 Tristezas quantas quiseses,
 Folga com elas, que em fim,
 440 Este é o fim do que queres.
 AMADOR. Não creas a fantasia,
 Lijongeiros pensamentos,

418-20 — Cfr.: na *Écl.* II versos 172-77.

420 — Vide: « . . . coração . . . tam ocupado de profundos e muito penosos pensamentos . . . » *Menina e Moça* . . . P. I, 17.

424 — *assomada* = lugar alto, que domina o vale. Vide verso 96 desta *Écl.* — Cfr.: «Tambem assi muitas vezes ora, pola ribeira deste rio, e, outras horas, por aquestas altas *assomadas*, — que fazem, como vêdes, mais gracioso este vale, — andava tangendo em palavras pastoris . . . » *Menina e Moça*, I, 17. «Os pastores, tangendo as suas frautas e rodeados dos seus gados, começavam *assomar* polas cumiadas». Idem, Idem, cap. 2.

431-3 — « . . . ma perchè lo sfogare con parole ay miseri suole ale volte essere alleviamento di peso . . . » Sannazaro, *Arcadia*, *Prosa settima*, 12-15.

438 — espera tristezas... 442 — «Se não como *lijongeiros*». S. M., P. p. 412.

Doces enganos de um dia,
 Que a quem os não contraria
 445 Dão falsos contentamentos;
 Leixa a vontade sobeja
 Seguir sobejos extremos,
 Que não sabe o que desseja;
 E nós ambos nos iremos
 450 Onde nos ninguém mais veja.
 SILVESTRE. Onde queres que nos vamos,
 Ou onde podemos ir,
 Que ù ao outro não vejamos
 As mesmas dores sentir,
 455 De que nos não contentamos?
 Não aproveita andar
 De ùs vales em outros vales,
 Que aproveita tal mudar,
 Pois que mudando o lugar
 460 Não s'hão de mudar os males.
 AMADOR. Bem sei que tudo é engano
 Ir-me eu, e tu ficar,
 Mas eu quero-me enganar
 Porque tanto desengano
 465 Já não se pode falar:
 Vou-me, ficai vós embora,
 Desejos desesperados,
 Pensamentos enganados,
 Que não espero já agora

458-60 — «Que nam t'am d'aproveitar;— Nem que se muda o lugar.— Nam se mudarão os males». — variante na *Folha volante* de 1536,

441-5 — Cfr. os versos anteriores 416-17.

446 — *sobeja* = audaz. 456-60 — Cfr.: versos 91-2 desta *Écl.*

463 — Cfr.: «Triste de quem se não póde enganar já». *Men. e Moça*. P. II, 13.

- 470 Outro fim de meus cuidados.
 Não te alembre que me viste,
 Pois nunca mais me has-de ver,
 Leixa-me a mi esquecer,
 Que minha lembrança triste,
 475 Mais triste te ha-de fazer:
 Ir-me-hei comigo queixoso;
 Sem me aqueixar do que sento,
 Em meus cuidados cuidadoso,
 Ó quem fôra tão ditoso
 480 Que perdera o pensamento!
 Agora me leixareis,
 Desejos desordenados,
 Ja cansareis, meus cuidados,
 Ja me não enganareis,
 485 Enganos tão dessejados:
 Sobejas desaventuras,
 Contentes deveis de estar,
 Não tenho que arreçar,
 Que já vos tenho seguras;
 490 Convosco quero acabar.
 SILVESTRE. Amador, pois que te vás,

478 — *cuidoso* = pensativo, triste. Epíteto empregado pelos Trovadores e Poetas palacianos. Cfr. « . . . e leixando ele então de tanger, ficou como *cuidoso* um pouco . . . » *Menina e Moça*, P. I, 18. « . . . acertou-se também de estar olhando pera o chão, *cuidoso* como soía . . . » Idem, 21.

474-80 — Cfr.: «Oh cuán de mala gana mi memoria — renueva aquesta historia!» Garcilaso de la Vega, *Egl. segunda*, 753-4.

479-80 — Cfr.: «De cousas de que apenas um sinal — Havia, porque as dei ao esquecimento — Me vejo com memorias perseguido. — Ah dura estrela minha! Ah gram tromento! — Que mal pôde ser mór, que no meu mal — Ter lembranças do bem, que he ja perdido? ¹ — «Se me desses huma arte, que em meus dias — Me nam lembrasse nada do passado, — Oh quanto melhor obra me farias!» Camões, *Elegia* III, 19-21.

¹ Acêrca deste *soneto*, vide última nota da página 66.

As boas horas vão contigo,
 Comigo fiquem as más,
 Que não sei se as verás,
 495 Que as não vejas comigo:
 Deos te cumpra teu desejo,
 E a mi tire o meu,
 Ou me mostre quem mo deu,
 Que com quantos males vejo,
 500 Sempre me hei de chamar seu.
 Tempo é de vos leixar,
 Gado meu, meu pobre gado,
 Não posso mais aguardar
 Pois me não soube afastar
 505 Do que me estava guardado:
 Tudo se vai a perder,
 Vai-se a vida após a vida;
 Quem a mais deseja ter
 A vê mais cedo perdida,
 510 Ou se perde por a ver.
 Ficai embora, currais,
 Riquezas de meus avós,
 Vou-me sem mi, e sem vós,

501-10 — Faltam estes versos na *Folha volante de 1536*.

492 — *As boas horas* = a felicidade. Vide nesta *Écl.* verso 303.

500 — Sempre a hei de amar. Cfr.: «Por vos he meu mal sem fim, — e sem vos viver nam posso — nem tenho mays partẽ mym — que aquilo que he vosso». Conde do Vimioso, *Canc. Geral*, II, p. 300.

501 — Vide na *Écloga* II os versos 515-17.

502 — Cfr.: verso 12 desta *Écl.* 505 — do mal que me estava destinado. 511 — *Ficai embora* — vide nesta *Écl.* o verso 466. 507-10 — «La vita fugge e non s'arresta un'ora, — E la morte vien dietro a gran giornate». — Petr. *Son.* II, 4. — «Che volan l'ore, i giorni e gli anni e i mesi». Id., *Tr. Tempo*, 76. 513 — Vide nesta *Écl.* verso 183.

- Eu me vou, e vós ficais
 515 Desemparados, e sós:
 Não verei vir passeando
 Os novilhos furiosos,
 Seus pescoços levantando,
 Com seus passos vagarosos
 520 Após as vacas bradando.
 Agora me leixarão
 Esperanças vagarosas,
 Agora se acabarão
 As vontades rigorosas,
 525 Que tanta pena me dão:
 Deixai-me, cuidados vãos,
 Dessejos desesperados!
 Olhos malaventurados,
 Quanto me foreis mais sãos
 530 Se vos tivera quebrados!

516 — «*Ja não verei vir berrando*¹» — na *Folha volante* de 1536 — os versos 516 e seguintes tem por rubrica — **Amador**.

518 — «seus pescoços *coleando* . . .» — Idem.

520 — Na *Folha volante* de 1536 — entre este verso e o 521, está impressa — como rubrica dos versos, que seguem — a palavra **FIM**.

530 — É com este verso, que termina a *Écl.* III na Edição Eborens (1557-8), na Edição de 1645 e na de 1785.

516-520 — Cfr.: versos 114-16 desta *Écl.*

525 — *pena* = dôr.

526-30 — Estes versos aparecem também na *Esparça* III da Edição de *Colônia* (1559). — *Hystoria da Men. e Moça por B. Ribeyro*. Os versos desta Edição foram publicados por Epiphanyo Dias na *Revista Lusitana*, Tomo IV.

528-530 — «Ho *olhos*, por q̃ *quebrados* — nam fostes . . .» — Francisco da Silveira, *Canc. Geral*, II, p. 330 — passagem também citada por E. Dias, *Rev. Lus.*, IV, p. 146. 530 — Vide nesta *Écl.* verso 123-5.

¹ Acêrca de *berrar* — vide nesta *Écl.* os versos 114 e 116.

Nota a esta *Écloga* na Edição de 1852:

«Em um **impresso do anno de 1536**, achamos esta *Écloga* III, tendo addicionados os versos, que formam *écço*,¹ e vão seguidos no texto: versos que não encontrámos nem na primeira edição de 1557, nem nas posteriores, que nos vieram á mão. A data da impressão do referido folheto, nos faz suppôr que esta *Écloga* foi estampada ainda em vida do author, juntamente com outras poesias, de que Manuel da Silva Mascarenhas,² compilador das obras do seu parente, não teve conhecimento. O impresso, a que nos referimos, é em oitavo, e tem por frontispicio uma gravura tósca imitando portico, com dois pastores *Silvestre* e *Amador* em attitude de conversarem junto a uma ermida, que, collocada no centro dos interlocutores, os separa. Tem depois estampado o seguinte: «Trovas de dous pastores. s. «*Silvestre* e *Amador*. Feitas por Bernaldim Ribeiro. Novamente emprimidas com outros dous româces com suas grosas, que dizem: *O' Belerma, Justa fué mi perdicion, e Passando el mar Leandro...*»³

¹ Seguem os versos em Eco **atribuidos** a B. Ribeiro pela *Folha volante*:

(Aqui vai bradando, e responde-lhe um Eco):

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------|
| 1 Quem foi nunca tam sandeu? | Eco. Onde? — |
| Eco. Eu — | Mas onde me falas tu? — |
| Tu serás, pois me respondes; | Que será isto, Jesu, — |
| E se o és, por que te escondes — | 15 Que o não vejo! Responde. — |
| 5 De quem não pode ser seu? — | Quero m'ir d'es'outra banda. — |
| Andas tu, ou vás falando? — | Eco. Anda. — |
| Eco. Ando. — | Pois me não queres leixar — |
| E eu por que te não vejo? — | Ir minhas mágoas contando, — |
| Sei que me cega o desejo, — | 20 Quero-me ora calar. — |
| 10 Per que ando dessejando, | Irei comigo chorando — |
| Quero m'ir pois se m'esconde. — | O que não posso falar. — |

Como notifica a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos: «**As Poesias em Echo são uma especie rara em Portugal até ao tempo de Sá de Miranda**». *Poesias de F. de Sá de Mir.*, p. 756. — Vide: «Domingas no valle brado, — Responde o eco Domingas...» Cam., *Redondilhas*, p. 77 (Ediç. Juromenha). — «Acteon aonde estàs? acude asinha, — Que tardar tanto he este? lhe dizia: — *He este, he este* o eco respondia». Idem, *Écl.* VII. — Ediç. de 1759.

1 — *sandeu* — louco — voc. empregado desde os Trovadores. — Cfr.: «E por isso diguo eu — duas myl vezes cadora, — que sam *sandeu* — damores pola senhora — dona Felypa dabreu». Conde de Tarouca, *Canc. Geral*, IV, p. 77-8.

² Foi o editor, em 1645, da *Menina e Moça* ou *Saudades*.

³ «No quedan versos castellanos de B. Ribeiro, aunque es de presumir que los hiciesse como todos los poetas de su tiempo. Se le han atribuido, no obstante, algunos sim más razón que hallarse al fin de una de sus *églogas*, en un pliego suelto de 1536. Una de estas composiciones es aquel tan sabido *soneto* de Garcilaso, paráfrasis de un epigrama de Marcial, — *Passando el mar Leandro el animoso...* Las otras son dos glosas de romances, uno de ellos el de Durandarte y Belerma» Menéndez y Pelayo, *Antología*, Tomo VII, p. CLX.

ÉCLOGA IV.

CHAMADA JANO

UM pastor, Jano chamado,
De amor da fermosa Dina,
Andava tam tresportado,
Que por dita, nem mofina,
5 Nunca era outro seu cuidado,
Segundo o bem que queria
Tam mal do mal se guardou,
Que vendo a Dina, um dia,
Logo da vista cegou,
10 Que dantes d'alma não via.
De si ela o desterrou.
Pera longe terra estranha

* Acêrca de Jano — (B. Ribeiro) — vide *Écl.* II, verso 9 e a Bibliografia.

3 — tresportado = enlevado. «Ficou como *cuidoso* um pouco, porem sem tirar a frauta donde a dantes tinha como *tresportado*». *Men. e Moça*, I, 18, e «A isto oulhou Bimnarder, e conhecendo-a tresportou-se, e lhe caíu o cajado no chão». *Men e Moça*, I, 21. 4 — que na felicidade ou infelicidade... «... vistes nunca mor *mofyna*...» Fernam da Silveira, *Canc. Geral*, II, p. 169. 8-9 — Cfr.: «Ut vidi, ut perii!» — (Desde que te vi, fiquei perdido de amor) — Verg., *Buc.* 8, 41.¹ 12 — Vide nota ao verso 474 da *Écl.* II.

¹ «Ut vidi, ut perii! ut me malus abstulit error!» Verg., *Écl.* 8, 41. «Este verso lê-se tambem no poema *Ciris*, v. 230. É imitado de Teocrito, II, 82, III, 42». *P. Virgilii Maronis Opera*, Edição de E. Benoist, Paris, 1884. Pag. 76.

- Seu mal só o acompanhou,
Sobre ãa mágoa camanha
15 Camanha mágoa ajuntou:
Vendo-se assi desterrado
Muitas vezes se sobia
Pera um despovoado,
Onde ir ninguém podia
20 Senão desencaminhado.
Ali triste se assentava;
Pacendo ao derredor,
Seu pobre gado o cercava,
E o coitado do pastor
25 Nunca ãa hora repousava;
Encostado a ãa mão,
Os olhos postos na terra,
E a Dina no coração,
Assi antre aquela serra
30 Se estava queixando em vão.
— Dina minha, ou, se me engano,
Ao menos muito querida,
E com tanto desengano,
Ja me vós fostes a vida,
35 Agora me sois o dano:
Danos meus, tão encobertos,
Aqui podereis sem medo
Ser agora descobertos;
Se ficou algum segredo
40 Al de menos nos desertos.

15 — camanha mágoa — vide « . . . contando tudo, (a Ama) da maneira que o ela cuidou, primeiro, a Aonia, que lh'o ouviu com *camanha mágoa* . . . » — *Men. e Moça*, P. I, 27.

24 — *coitado* — vide nota ao verso 44 da *Écl.* I.

30 — *em vão* = baldadamente.

40 — *al de menos* = loc. adv. arcaica — ao menos, quando muito.

- A outro nenhum lugar,
Por minha desventura,
Vos não posso já levar,
Levou-me tudo a ventura,
45 Leixou-me só o pesar:
Pesar nunca me leixou
Depois que por meu pecado
Tudo me desemparou;
E eu mais desemparado
50 Fico com o que me ficou.
Andem polos povoados
Os pastores, que não tem
Cuidados sobre cuidados,
Logrem seu mal e seu bem,
55 Cansados, ou descansados:
Que pera mi nam naceram
Senão dores, e pesares,
Pera os que dita tiveram
Se fizeram os lugares,
60 Que tanto mal me fizeram.
Eu polo pé destas serras,
De ãa em outra vaidade,
Sofro, andando, longas guerras,
Que me fazem soidade
65 Dela, e de tão longas terras:
Com cuidados me anoutece

56 — « . . . nacerom . . . » — *Ed. Ebor.*58 — « . . . tiverom . . . » — *Idem.* 60 — « fizerom ». *Idem.*

47 — *meu pecado* — vide verso 167 da *Écl.* II.54 — *logrem* = fruem, gozem. Cfr.: « Quando vos eu via, — Esse bem *lograva*, . . . » Camões, *Redondilhas*. Edic. Juromenha, Vol. IV, p. 127.58 — *dita* — vide verso 278 da *Écl.* III.62 — *vaidade* = desejo, aspiração. Cfr.: nesta *Écl.* nota ao v. 218.63 — *guerras* — vide na *Écl.* I verso 9 e verso 183 da *Écl.* II.

- Um dia, e outro dia
 Com cuidados me amanehece,
 Tras um vem a fantasia,
 70 Que tam longe me parece.
 Quem me meteo neste enleo,
 Pois nunca mais saí dele,
 Tem-me cercado o receo.
 Mal se me creo por ele,
 75 Mal tambem se o não creo :
 Certa está ja minha fim.
 Minha vida está em perigo,
 De mi eu me desavim,
 E pois eu me sam imigo
 80 Quem me vingará de mim ?
 Coitado, não sei que diga,
 A nenhũa parte vou
 Que la não ache fadiga,
 Que aquesta só me ficou
 85 De minha amiga, ou imiga :
 O deserto, e povoado,
 Todo é cheo de meus males,
 Vim a esta serra cansado,

69 — *fantasia* — Vide na *Men. e Moça*, I, cap. 7, 15, 16, 23, na *Écl.* III, versos 166, 416 e 441. 66-70 — vivo continuamente num desassossêgo angustioso.

71 — *enleo* → vide nota ao verso 160-2 da *Écl.* II. 76 — *fim* = morte.

77 — Acêrca de não se ter feito a elisão do *i* em *perigo*, observa Epiphânio Dias: «pode *-ta* em formar por synerese uma só syllaba; . . . » *Revista Lusitana*, II, p. 280. 79 — «Y pues fuy my enemigo . . . » Dom Jorge Manrique, *Canc. Geral*, III, p. 146. — Cfr.: «Por isso, senhora, vos peço que aprendais de mi, que vi culpas e os danos delas, que assim como toda pessoa no bem é mais amiga de si que doutrem, assi tambem no mal (quando acontêce que haja algum desvairo consigo) é mais imiga de si do que de ninguém. E isto não é pera espantar, que é *imigo de casa, como dizem*». *Men. e Moça*, I, 23. 81 — vide nota ao verso 44 da *Écl.* I. 83 — *fadiga* = pena. 87 — *males* = desgraças. 88 — vide verso 282 da *Écl.* I.

- Não ha lugar nestes vales,
90 Onde não tenha chorado.
 Donde vos começarei,
 Mágoas minhas, a contar?
 Porque palavras direi
 Do mal que soube buscar?
95 Queixar-me agora não sei:
 A lingoa, e o sentido
 Tudo anda tam ocupado,
 Tam cansado, e destruido,
 Que seria mal contado
100 Como foi mal merecido.
 Pola ribeira do Tejo
 Guardando eu o meu gado,
 Nunca inda vira dessejo,
 Quando me dum vi levado,
105 Onde me agora não vejo:
 E foi camanha a mudança,
 Que quando ja m'acordei
 Achei ida a esperança,
 E essa pouca que achei,
110 Em outra maior balança.
 Deste mal outros vieram,
 Era, parece, ordenado;
 Pouco e pouco se puseram
 Onde eles tinham lançado

103 — « . . . *dessejo* . . . » — Edic. Eborense.

111 — « . . . *vierom* ». Idem. 113 — « . . . *puserom* ». Id.

98 — *destruido* = abatido. 101 — **ribeira do Tejo** — Vide verso 6 da *Écl.* II. 104 — Cfr.: na *Écl.* II: verso 34-6, 181-4 e 298-301. 108 — Vide versos 269-70 da *Écl.* I e 184 da *Écl.* II. 106-110 — Vide, por contraste, versos 392-93 da *Écl.* III. 110 = *mais arriscada* — Vide: « Senhor, a longa esperança — Mui curto prazer ordena; — Minha vida está *em balança* . . . » Gil Vic., *Ao Conde do Vimioso*. « Trazes a vida *em balança* ». S. M., *Poesias*, p. 404.

- 115 O bem que nunca me dêrão :
 Fizêrão-se assi tam senhores
 De mi, ou não sei de que,
 Que forão os causadores
 D'eu tornar a pôr a fé
- 120 Em outros enganos mores.
 Não ficou cousa nenhũa
 Desta vez pera ficar ;
 Se antes tinha pena algũa,
 Agora por me matar
- 125 Mil se me faz cada ũa ;
 Minha alma é desesperada,
 Com o mal, que sempre sento ;
 Que triste em hora mingoadada,
 Um em tanto crescimento
- 130 Vi, que depois não vi nada.
 Este Outubro fez um ano,
 Quando eu na vila era,
 Vi criar-se este dâno,
 Que agora, e então ja era,
- 135 Tirar-m'ô podia engano :
 E cuidando que o lugar
 Fosse a causa principal
 Houve-o emfim de leixar,

115 — « . . . derom » — Ed. Eb. 129-30 — « Hum em tanto crescimento — Vi, que depois nam vi nada ». Ed. Eb. e Edições 1645 e 1785. — « O texto tradicional está evidentemente corrompido. Talvez haja de ler-se: « *U* (isto é: em que) *m' em tanto crescimento — Vi* ». — (Esta separação do pronome *me* não é senão muito frequente na syntaxe antiga). — Mas, ainda depois desta emenda, o texto não fica de todo sanado ». Epiphanyo Dias, *Revista Lusitana*, II, p. 286.

119 — *a por a fé* = a acreditar. 120 — *enganos* = ilusões.

127 — *sento* — Vide verso 174 da *Écl.* II. 128 — *em hora mingoadada* = aziaga, infeliz — vide nota ao verso 189 da *Écl.* III.

- E o meu pera meu mal
 140 Estava noutro lugar.
 Mudei terra, mudei vida,
 Mudei paixão em paixão,
 Vi a alma de mi partida,
 Nunca de meu coração
 145 Vi minha dor despedida :
 Antre camanhas mudanças,
 De um cabo minha sospeita,
 E de outro desconfianças,
 Leixam-me em grande estreita,
 150 E levam-me as esperanças.
 Nesta triste companhia
 Ando eu, que tam triste ando ;
 Ja não sam quem ser soía,
 Os dias vivo chorando,
 155 As noutes mal as dormia :
 Temo descanso tornado

136-40 — Cfr.: versos 58-60 desta *Écl.* 141-5 — Vide «Mudando andei costume, terra & estado,— Por ver se se mudava a sorte dura . . . » Cam., *son.* 89.—«Mudança de lugar, menos de estado,—Nam muda hum coração de seu cuidado». Cam. *Écl.* IV, versos 38-9. 143 —Vide verso 34 da *Écl.* I. Cfr.: «A alma se me queria sair¹». G. Vic., *Farça chamada Auto da India.* — Id., Romance á Morte D'El Rei D. Manoel, verso 30. 149 — *estreita* = infortunio. 146-150 —Vide versos 106-110 desta *Écl.* —«Olhai a camanha *estreita*, —Senhora, minha alma é vinda:—Na vida ha infinda sospeita,—Na morte suidade infinda!» Sá de Miranda, *Poesias*, p. 37. 152 — *triste* = desconso-lado. 155 — *as dormia* = isto é = as durmo. Cfr.: *Lus.* III, 127,8. «Mas, quando vinha a noite, accepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pousos, ãas chamarem as outras, parecendo que queria assossegar a terra mesma,—então eu triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa (onde Deos me é boa testemunha de como as noites dormia)». *Men. e Moça*, I, 2.

¹ = parecia-me que morria.

Mal, que por meu mal o vi,
 E eu malaventurado
 Moiro-me, andando assi
 160 Antre cuidado, e cuidado.
 Por me nada não ficar
 Que não me fosse tentado,
 Provei dar-me a trabalhar,
 Mas nunca me achei cansado
 165 Pera depois descansar:
 Quando mais cansado estava,
 Ali o meu mal então
 A meu mal se apresentava;
 E o corpo e o coração,
 170 Ambos cansados levava.
 Não sabendo onde me iria,
 Que m'a mi la não levasse,
 Roguei a Deos, não só um dia,
 Que da vida me tirasse,
 175 Pois muda-la não queria:
 Mas com cuidados maiores,
 Crê que Deos se não cura
 Ca dos pobres pastores,

175 — «Pois me da la nam queria». Ed. Eb. — Seguimos a correcção de E. Dias. 175-77 — E do mal, que padecia: — Mas com cuidados mayores; — Crê que amor senam cura». — Edições de 1645 e 1785.

160 — Cfr.: «Entre cuidado e cuidado!». Sá de Miranda, *Poesias*, pg. 99 — este verso é da *Écl. Alejo*, em que na figura de *Anton* — se personifica Bern. Ribeiro. 171 — *onde* — «empregava-se tambem na designação do termo do movimento». E. Dias, *Rev. Lusit.*, II, p. 280.

177-8 — Cfr.: «si qua est caelo pietas, quae talia curet». Verg. *Aen.* II, 536. — «E se cosa di qua nel ciel *si cura*». Petr., *Canz.* IV, 2. — «E se prego mortale al ciel s' intende». Idem, *son.* I, 102. — «Andiamo colà, pastori; che se dopo le exequie *le felice anime curano* dele mondane cose, la nostra Massilia ne havrà gratia nel cielo del nostro cantare . . . » Sanza-zaro, *Arcadia, Prosa decima*, 340-43. — « . . . Ma se'l pianger in Cielo ha

Como que eles por ventura
 180 Não sentem la suas dores.
 O' quam bemaventurado
 Fôra ja, se me matara
 Minha dor ou meu cuidado!
 Eu morrera, e acabara,
 185 E o meu mal fôra acabado:
 Não vira tal perfeição,
 De mi e de tanta cousa,
 Perdido tudo em vão;
 Porque ãa paixão não repousa
 190 Em outra maior paixão.
 A la fe, de culpa sou,
 Que bem mo disse Africano
 Quando a Felipa falou,
 E lhe deu o desengano
 195 Com que lha vida tirou;
 Quantas vezes na ribeira,

183 — «Minha dor o meu cuidado». — Ed. Eb. — E. Dias — *Rev. Lusit.*, II, 283 — propõe a correcção: *Minha dor e meu cuidado*.

qualche merito . . . » Idem, *Egloga* duodecima, 320. — Vide Gil Vic., *Romagem de Aggravados: Vilão*: (Queixo-me) «De Deus, que é cousa provada — que me tem grande tenção.¹ — . . . Ora neva e mata o gado, — E elle tanto se lhe dá». 183 — Vide verso 20 da *Écl.* I.

191 — *A la fe* = vide verso 440 da *Écl.* II. 192 e seg.: notifica os conselhos, que lhe deu *Africano*. 195 — Cfr.: «Nec lacrimis crudelis Amor... (saturatur) . . . » Verg., *Buc.* X, 29. — «Del cibo, onde'l signor mio sempre abbonda, — Lagrime e doglia il cor lasso nudrisco». Petr. *Son.* II, 70. — Forse non avrai sempre il viso asciutto; — Ch'io mi pasco di lagrime e tu 'l sai». Idem, *Id.*, I, 62. — « . . . pero che (com' è il proverbio) nè di lachrime Amore, nè di rivi i prati, nè capre di fronde, nè ape di novelli fiori si vederò sacie giamay». Sannazaro, *Arcadia, Prosa* Ottava, 23-5. — (Amor) — «Nunca de sangue, se farta». Antonio Ferreira, *Castro*. Acto I, Coro II. — «Se dizem, fero Amor, que a sêde tua — Nem com lagrimas tristes se mitiga...» Cam., *Lus.*, III, 119. 196 — *ribeira* — vide nesta *Écl.* v. 101.

¹ má vontade.

Tendo á sesta nossas cabras,
Me disse desta maneira:
Eu ouvi bem as palavras,
200 Fi-lo mal á derradeira.
Sob a sombra deste freixo,
Lembre-te isto que te digo,
E pois vês que assi me aqueixo,
Saberas, Jano amigo,
205 Que o melhor de mi te leixo;
O pior eu o levei,
Por isso olha que sigas
Somente o que te direi,
Leixa-me a mi as fadigas,
210 Pois m'eu pera elas leixei.
Faze por viver isento:
Que esta é toda a verdade,
Se te crêres polo vento
Perderás a liberdade,
215 E mais o contentamento:
Que tam ma hora naceo,
Quem neste mundo roim
Por vaidades se creu,
Que nunca deram a fim,
220 Que ao começo prometeu.
Guar-te do falso do amor,
Que vivirás sempre em medo,

201 — Vide nota ao verso 296 da *Écl.* II. 209 — *fadigas* — vide nota ao verso 83 desta *Écl.* 213 — se te fiares em cousas vãs; se te deixares enganar pelas ilusões. 216 — *que* = porque — *má hora* = infortunada — vide na *Écl.* III, a nota ao verso 189 e nesta *Écl.* o verso 128. 218 — *vaidades* = presunções, falsidades — cousas sem fundamento. Vide versos 119-20 desta *Écl.* Vide outras acepções do vocabulo — *vaidade* — nos versos 297 da *Écl.* I e 62 desta *Écl.* 221 — *guar-te* — abreviatura de guarda-te. — «*Guar-te*, Montano pastor . . . » Sá de Miranda, *Poesias*, p. 404.

- Não te engane seu favor,
Podelo-has fazer com cedo,
225 Porque tarde tudo é dor:
Aos seus contentamentos
Não creas, se tu me creres,
Que não são senão tromentos,
E não queiras seus prazeres
230 Por seus descontentamentos.
Quem me vio hoje ha dous anos!
O' Felipa, que fizeste?
Leixaras-me meus enganos,
E olha que não quiseste
235 Por me dar a mi mais danos;
Quem havia de cuidar
De ver camanhas mudanças!
Mas em fim tudo é pesar,
Tras as grandes esperanças
240 Está o desesperar.
Olha, Jano, bem por ti,
E não te arrependas tarde,
Crê-me a mi, que sei, e vi
Cousas de que Deos te guarde,
245 Que elas, e a mi perdi:
Comerás sem dor teu pão
Dormirás teu sono cheo,
Se fores sem afeição,

228 — « . . . tromentos . . . » — Ediç. Eborense.

224 — *com cedo* = a tempo. 221-30 — «Por verdes quã enganados — andaes com vossos amores, — sempre vy de namorados — vir mil casos desastados, — muytas mortes, muytas dores. — Vy fazendas destroydas, — com cruezas dar gemidos, dessas guerras — vy mortes de muytas vidas, — muytos reynos ser perdidos, muytas terras». D. de Brito, *Canc. Geral*, I, p. 342. 233 — *enganos* — vide versos 119-20 desta *Écl.* 247 — *sono cheo* = não interrompido — Dormirás a sono solto . . . 248 — Cfr.: verso 11 da *Écl.* I.

Que faz homem de si alheo
250 Com rezão, e sem rezão.
Em tudo espera o pior,
Que quando te o mal vier
Não te faça o mal maior,
Tudo é leve de perder
255 Onde esperança não for:
Aqui triste se calava,
Qu'a dor grande que sentia
Ja os seus olhos cegava;
Desta sorte me dizia,
260 Depois que um pouco assi estava.
Outros muitos te dirão,
Que procures por riquezas,
Mas que te aproveitarão
Jano meu, se as tristezas
265 Te tiverem o coração?
Se a ti mesmo tiveres,
Pouco, ou nada has mister,
Pera contente viveres;
Por isso faze por te ter,
270 Pera tanta dor não teres.
Amores não guardam lei,
Quantas vezes o ouvi,
Fazê-lo assi lhe fiquei,
Bem então lho prometi,
275 E mal depois o guardei;

257 — «Ca dor grande que sentia» — Edic. Eborense.

249 — *que* = porque (a paixão) — *alheo* — *Écl.* I, 70. 254 — *leve* = facil.

257 — *que* = porque. 265 — se se apossarem do teu coração? 266 — se te dominares — Vide *isento*, verso 11 da *Écl.* I. 269 — «*te ter*» — vale por uma *syllaba metrica*. E. Dias, *Revista Lusitana*, II, p. 278. 271 — Vide nota aos versos 89-90 da *Écl.* I. 271-5 — fiz tenção de evitar os amores — «pois são tam sojeitos aos erros...» *Men. e Moça*, I, 23.

- Se eu em minha mocidade,
Por seus conselhos regera,
Com camanha crueldade
Tam longe me não pusera
280 De mi a minha vontade.
Isto onde o mereci eu?
Ou a quem o mereci?
O' Dina, cuidado meu,
Quem me vos levou assi,
285 Que tantos nojos me deu?
O' meus olhos, e começo
Desta minha triste fim,
O' quantos males padeço!
Como me tendes de mim
290 Longe! e não vo-lo mereço.
Longe em terras estranhas,
E de esperança alongado,
Polos campos, polas serras
Antre mi, e o meu cuidado
295 Sam apregoadas guerras:
O' desventura minha,
Começada de tam longe,
Quanto me a mi mais convinha
Convinha deitar-me a longe
300 Eu com quantas cousas tinha.

276-7 — *se eu* dirigira a *minha mocidade* por seus conselhos . . .

280 — *vontade* = coração. 283 — Vide versos 2-3 desta *Écl.*

285 — *nojos* = mágoas, desgostos. Cfr.: « . . . porque grande erro fora depois de tantos *nojos* quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanso, que ele nunca deu a ninguém ». *Men. e Moça*, I, I.

287 — Vide verso 76 desta *Écl.* 291 — Cfr.: versos 11-2 desta *Écl.*

292 — Vide verso 108 desta *Écl.*

293-5 — Vide na *Écl.* II, versos 172-5 e nesta *Écl.* 79, 159-60, 313.

299 — *deitar-me a longe* = evilar . . .

Onde me posso já ir?
 Quem me será bom amigo?
 Mal em estar, mal em fogir,
 Dentro ca trago comigo
 305 Quem me a mi ha d'estruir:
 Remedio a tanto dano
 Mal se poderá tomar,
 Não foi tomado o engano
 Quando pera o leixar
 310 Avorreci o desengano.
 Ólho e nenhum cabo vejo,
 Onde me possa salvar,
 Contra mi mesmo pelejo:
 Já da parte do pesar
 315 É cansado o meu desejo:
 A fim não pode tardar,
 Coitado, gado, de ti,
 Que sem dono has de ficar,
 Inda que melhor é assi
 320 Morrer eu, que te matar.
 Que esta dor longa, que sigo,
 Traz-me a mi tam tresportado,
 Que a mi mesmo mal digo,
 Que bem fará a seu gado,

315 — « . . . desejo : . . . » — Ediç. Eborense.

303 — *fogir* = vide verso 103 da *Écl.* I. 304-5 — Cfr.: os versos 96-100 desta *Écl.* — « . . . Que eu mesmo busco e quero — Os males de que me queixo ». G. Vic., *Romagem de Aggravados*. 313 — « Contra mi mesmo pelejo . . . » Sá de Mir., *Poesias*, p. 443. — Cfr.: « Comigo me desavim . . . » Id. p. 15. — « Hum *pelejar* comigo . . . » Cam., *Canção* V. Vide verso 79 desta *Écl.*

316 — *a fim* = a morte. — vide nesta *Écl.* os versos 96-98. 317 — Vide na *Écl.* I versos 44 e 55. 320 — *morrer* = Vide versos 143-50 da *Écl.* I.

322 — *tresportado* = fóra de mim — transtornado. Vide nesta *Écl.* o verso 3.

- 325 Quem tam mal o faz consigo!
 Quando me a mi melhor ia,
 Que não sei se foi melhor,
 Gordo, e farto te trazia
 Agora é triste o pastor,
 330 E triste o gado, a que guia.
 Ja aquele tempo é passado
 Quando á beira do meu trigo,
 Jano em te ver foi pasmado:
 Tu te ficas sem abrigo,
 335 E o pastor desabrigado:
 Mesquinho pastor perdido,
 Quanto melhor ja te fôra
 Não ser do mundo nacido,
 Pois antre hora, e hora
 340 Jaz tanto mal escondido!
 Como se o bem passou,

329-30 — Na Ediç. Eborense: *Agora he triste o pastor — E triste ho gado que ho guia.* — «No segundo verso o sentido mostra que ha erro. Effectivamente não me parece de suppor que B. Ribeiro quisesse dizer que o pastor andava tão alheado de si que era o proprio gado o que o guiava». E. Dias, *Rev. Lusit.*, II, p. 284. 339 — «Pois que antre hora & hora...» — Ed. 1785.

325 — Vide versos 78-79 desta *Écl.* 326 — quando vivia descuidado = sem inquietações d'alma. 323-30 — contraste — quando era feliz trazia o gado gordo; agora, que é infeliz — o gado anda triste. 332 — Vide verso 113 da *Écl.* III. 333 — *pasmado* — Vide na *Écl.* II versos 41 e 341. 336 — *mesquinho* = infeliz. 336-8 — «Em ora triste nacy,—triste foy minha ventura...» Francisco da Silveira, *Canc. Geral*, II, p. 336. Cfr.: «Poys nam sey porque feriste — meu coraçã tam vencido, — que melhor que ser tam triste — me fora nam ter *nacido*». Ruy Moniz, *Canc. Geral*, Tom. II, 139. «Se naci por meu mal ver, — E não por vel-o acabado, — Milhor fôra não nacer — Que ver-me desesperado». *Men. e Moça*, I, 18. «... sabido o que passava, chorou muitas lagrimas, e mal disse o dia em que *nacera*». *Idem*, — 30, *idem*. O pensamento dos versos 337-338 aparece tambem em Gil Vicente: *Auto da India*, *O Velho da Horta* e na *Farça dos Fisicos*. 341 = como o bem desapareceu.

E veo o mal tam asinha,
 Cousa, e cousa se mudou,
 A vã esperança minha
 345 Em que termos me leixou?
 Foi-se assi tudo a perder,
 Perdeo-se o gado, e pastor,
 Cansado sam de viver,
 Trouxe ãa dor outra dor,
 350 Prazer nunca outro prazer.
 Ó meu amigo Africano,
 Agora vejo a verdade,
 Que me tem levado o engano
 Toda minha liberdade;
 355 Leva o dia, leva o ano:
 Mas pois que Deos assi quer,
 Ou a minha triste sorte,
 Vá tudo como quiser,
 Que não ha mais de ãa morte:
 360 Tarde, ou cedo, hei de morrer.

342 — *tam asinha* = tam depressa. Vide obs. do Senhor Dr. Leite de Vasconcellos, *Revista Lusitana*, II, p. 284 — *nota*.

343 = tudo se mudou.

344 — *vã esperança* — «se nam a *vã esperança*». Pedroomem, *Canc. Geral*, Tomo II, p. 100.

351 — agora compreendo os conselhos, que me deste — Vide verso 191 e segs. desta *Écl.*

353 — Vide na *Écl.* III os versos 461, 485 e nesta *Écl.* o verso 119-20.

359 — Cfr.: o dito sentencioso: «Só se morre uma vez.» — «... sam tam forte — amador por condiçam, — que nam sento contriçam, — nem rreço minha morte.» — Joam Gomes da Ylha, *Canc. Geral*, II, p. 196.

360 — Vide versos 181-85 desta *Écl.*

ÉCLOGA V.

A QUAL DIZEM SER DO MESMO AUTOR *

INTERLOCUTORES:

RIBEIRO E AGRESTES

AUTOR.

RIBEIRO, triste pastor,
De Ribeira namorado,
Vendo-se dela apartado,
Lamentava sua dor,
5 Nacida de seu cuidado:
la-se polos valados
Sospirando, e polos montes,
Os tempos que eram passados,

* Rubrica da Edição Eborense — **Primeira e segunda parte do livro chamado “Saudades,”** de Bernardim Ribeiro — de 1557.

Ribeiro é Bernardim; *Agrestes* é Sá de Miranda. — Vide nesta *Écl.* nota ao verso 130.

Há uma tradição de que, como Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro também esteve fora de Portugal. ¿Encontrar-se-iam os dois poetas, fora da Pátria?

2 — **Ribeira**, — Vide versos 545-6 desta *Écl.*

5 — *cuidado* = a dôr da ausência.

- Seus olhos tornados fontes,
 10 Todo cheo de cuidados.
 Não descansa com cuidar,
 Nem sem cuidados descansa,
 Tudo lhe dava pesar;
 Com as cousas de folgar
 15 Ribeiro, triste, mais cansa:
 Dizem que se desterrou,
 Bem contra sua vontade,
 Que seu descanso mudou,
 Porem não a soidade
 20 Que firme sempre ficou.
 Conforme a seu penar
 Aquela terra buscou
 Pera de si se vingar,
 Onde não pode deixar
 25 De penar o que penou:
 Era saudosa a terra,
 De ãa parte a cercam vales,
 Da outra a cerca a serra,
 Dali via fazer guerra
 30 Contra si todos os males.
 Lgrimas lhe vão, e vem,

31 — «Lgrimas lhe vam, & vem,». Edições de 1645 e 1785.

14-15 — Cfr.: « . . . o que fazia alegre a todas as cousas a mim só teve causa de fazer triste». *Men. e Moça*, I, 2.

19 — *soidade* — da mulher amada.

16-20 — *desterrou* = saiu da terra. Cfr.: versos 291-5 da *Écl.* IV.

26 — «A grande saudade deste vale, e de toda esta terra . . .» *Men. e Moça*, I, 2. Vide na *Écl.* II a nota aos versos 239-41.

29 — *guerra* — vide na *Écl.* I verso 9.

21-30 — Vide na *Écl.* II os versos 25-27.

Com a tristeza sobeja,
Sobejo cuidado tem;
Ele ausente de seu bem
35 Outra vida não desseja:
Em choupana de afeição
Recolhia seu tromento,
A vida, tam sem razão,
Lançando do coração
40 Palavras muitas ao vento.
 la-se polas ribeiras,
Onde vão as craras agoas:
Ali crecem as canseiras,
Ali as mágoas guerreiras,
45 Ali as guerreiras mágoas.
Sentia ele por gloria
O que outros tem por pena,
Mas a vida é tam notoria,
Que bem mostra ter memoria
50 Do nome que a condena.
 Assi quando o sol saía

42 — « . . . craras agoas . . . » Edição Eborense.

32-3 — *a grande tristeza* — tortura-o muito.

35-40 — do seu tormento, aliviava na afeição, que lhe consagrava, espalhando palavras ao vento. Vide na *Écl.* IV verso 30.

39-40 — O pensamento, que ha nestes versos aparece em *sonetos, éclogas e redondilhas* de Luís de Camões.

41-2 — Vide na *Écl.* I, versos 301-302.

43 — *canseiras* = desgostos, enfados.

46 — *gloria* = prazer.

47 — *pena* = sofrimento.

46-7 — Cfr.: por contraste, a frase — *nem pena, nem glória*, — na acepção da insensibilidade.

51 — «Aos 15 de Abril se começou a caminhar, antes que *sahisse o sol*,

Polos saudosos vales,
 Em eles seu mal nacia,
 E na força de seus males
 55 Seus males assi dizia:
 RIBEIRO. — Cuidava eu quando partia,
 Posto ja na derradeira,
 Que mui cedo morreria,
 Pois ausente ca me via
 60 Da doce fresca ribeira.
 Onde sóia a passar
 A gloria que é ja perdida,
 Perdida por me queixar
 De quem só me quis leixar
 65 A vida pera tal vida:
 Ribeira, que foi de ti?
 Que foi de mi sem te ver?
 Perda foi, mas bem por mi,
 Que lembrar-me que te vi
 70 Será causa de viver.
 Minha vida vai assi
 Ausente de meu querer,

53 — « . . . nacia . . . » Edição Eborense.

55 — « . . . dizia ». Idem.

por boa terra de fermosos campos e abundosos pastos . . . » *Historia Tragico-Maritima*, Tomo II, p. 251. — « A mi, nem quando o Sol sahe, — Nem depois que se vai por ». — *Men. e Moça*, I, 18, Edição de 1785.

52 — Vide nota ao verso 26 desta *Écl.*

56-8 — pelo que sofria, julgava-se na última fase da vida. Vide verso 248-50 da *Écl.* I.

60 — Como já observámos na *Écl.* II a propósito do verso 6, a insistência do vocábulo **Ribeira** parece intencional.

62 — *gloria* = contentamento.

72 — *querer* — aqui — a mulher amada.

Dessejo perdido ser
Mas tam perdido naci,
75 Que me não posso perder
Minha pena é tam crecida
Que se não pode encobrir
Nela vou gastando a vida ;
Dessejei minha partida,
80 E não me pude partir.
Ribeira de meu cuidado,
Ó cuidado da Ribeira,
Ribeira do bem passado,
Pois de ti vivo apartado,
85 Comigo vive canseira ;
Ando com a fantasia,
Trago ãa tristeza tal,
Que moiro com alegria :
Tam contente sam com o mal,
90 Que sempre mal ter queria.
Vem tromento, e vai tromento,
Vem cuidado, e vai cuidado,
Queixo-me do pensamento
Que ja tive bem isento,

88 — «Que mouro com alegria,» — Edições de 1645 e 1785.

74 — Cfr. : nesta *Écl.*, verso 593.

79-80 = parti para esquecer — mas não pude esquecer.

81-3 — **Ribeira** — vide nesta *Écl.* verso 2.

84 — *apartado* = longe . . .

85 — *canseira* — sofrimento — Vide nota ao verso 43 desta *Écl.*

86-90 — vivo com a imaginação na **Ribeira** . . . — *fantasia* — é um voc. favorito de B. Rib. — vide na *Écl.* III, 166, 416, e 441 ; na *Écl.* IV, 69 — Cfr. : «Que *fantasia* tan loca ? » — S. de Mir., *Poesias*, p. 101.

87-90 — Cfr. : na *Écl.* III as notas e os versos 206-10.

93-4 — *isento* — vide na *Écl.* I verso 11, na *Écl.* III verso 203 e na *Écl.* IV verso 211.

- 95 E agora o tenho forçado :
 Ando por estes outeiros
 De um vale em outro vale,
 Meus olhos polos ribeiros
 Com sospiros verdadeiros,
 100 Dizendo a meu mal que cale.
 De mi mesmo sam imigo;
 De mi me quero guardar,
 Que em tudo vejo perigo
 Com o bem, porque o digo;
 105 Com o mal, polo calar;
 Não sei que posso fazer,
 Nem sei ja polo que espero,
 Pois que me vejo morrer,
 E me não quer bem querer
 110 A quem eu tanto bem quero.
 É tam doce meu tromento,
 É tam doce meu cuidar,
 Que faço mais em calar

97 — «De hum vale em outro vale» — Edições de 1645 e de 1785.

91-5 — Vide na *Écl.* III versos 418-20.

95 — Vide na *Écl.* I verso 230 — porque «o amor pega de mi». — Cfr.:
 « . . . sabereis que ha ahi vontade dada per força d'amor, outra por amor
 forçado . . . » *Men. e Moça*.

96-7 — Vide na *Écl.* III, verso 91.

99 — Vide na *Écl.* II, nota ao verso 264.

101 — Cfr.: na *Écl.* IV versos 79 e 313. — «Tamanho imigo de mim?»
 Sá de Mir., *Poesias*, p. 15.

105 — *polo calar* = por não desabafar.

104-5 — «Nam sey qual pior me seja, — se dyzer ou encobrir — o que
 sento . . . » Duarte de Brito, *Canc. Geral*, I, p. 372. «O mal, que tenho
 sofrido — de sofrer, e emcubryr . . . » Joam roiz de saa, *Idem*, IV, p. 140

109-110 = e não me ama aquela, que eu amo tanto.

113 — que me custa mais ocultar . . .

- A gloria do bem que sento,
 115 Que o mal de meu penar:
 E neste meu padecer,
 Que gloria devo chamar,
 Por tam justa causa haver,
 Não ousou gram pena ter,
 120 Por pena me não faltar.
 Porque com muito pesar
 A gloria se irá acabando,
 E por nunca me deixar
 Em a Ribeira cuidando,
 125 Peno por sempre penar;
 Mas Agrestes vejo vir,
 Segundo sento, e cantar;
 Seus males quero ouvir,
 Que são muito de sentir,
 130 Pera com eles chorar.

124 — «Em a Ribeyra cuidando» — Edição de 1785.

111-15 — Vide *Écl.* I, 119-20, 206-10 e na *Écl.* III 351-2. «... Tan cruel — Es la vida que consiento, — Que me mata mi *tormento*, — Quando menos tengo dél. — Pero vivo, — Con la gloria que recibo, — Tan ufano en los amores, — Que procuro de estar vivo, — Porque vivan mis dolores». Boscán, *Cancionero General*, II. «Es my vida em tal extremo — de tantas llagas ferida, — que mas recelo la vyda — de lo que my muerte temo.» Duarte de Brito, *Canc. Geral*, I, 387. — «... mal de que sam tam contente, — que me fyca por vitoria.» Dom Dioguo, *Canc. Geral*, II, p. 325. — «Ditoso seja... qualquer estado, — Onde enganos, desprezos e isenção — Trazem um coração atormentado». Cam., *son.*, 75. Vide nas *Rimas Varias — Flores do Lima* de Diogo Bernardes o *Mote alheio*: «Es tan dulce mi tormento . . . » pg. 201 (Edição de 1770).

117 — *gloria* = prazer.

124 — **Ribeira** — vide na *Écl.* II, verso 6.

127 — *sento* = me parece. — Cfr.: *Écl.* II, 174.

AGRESTES. — Que mal avindos cuidados,
 Me tem tomado antre si,
 Nunca tais cuidados vi! —

VOLTA

Eu nunca vi tal cuidar,
 135 Ou se o vi, não sei qual é,
 E porem a minha fé
 Ja mais se pode mudar;
 E pois com grande penar
 Me tem tomado antre si,
 140 Nunca tais cuidados vi.

FALA

Ó enganada afeição,
 Que me queres? ou te quero?

136 — « . . . fee » — Ed. Eborense.

141 — « O enganada afeição, » — Edições de 1645 e de 1785.

130-2 — Como *Agrestes* é Sá de Miranda — este pastor canta uns versos, cujo pensamento idealizou no *Vilancete II*: « Que mal avindos cuidados — Me tomáráo antre si! — Nunca tais cuidados vi! » *Poesias*, p. 17.

131 — *mal avindos* = discordes.

Volta = glosa.

136-7 — « Sin perder nunca la *fé* ». Gil Vic., *Amadis de Gaula*. — « Sem fazer nunca mudança — desta *fé*, cuja firmeza — sera viva, -- sendo morta a esperança . . . » Duarte de Brito, *Canc. Geral*, I, p. 342.

140 — Vide na *Écl.* I a nota ao verso 20.

141 — *enganada* = illusoria.

142 — *te quero?* = que é que eu te quero?

- Quero paixões, e paixão,
 Cuidados, que sempre vão,
 145 Cuidados, que sempre espero:
 Pois que vivo mais penado
 Em calar, e em sofrer,
 Tam longe do bem passado,
 Passado, sem ser mudado,
 150 Agrestes, do seu querer.
 Terá a culpa meu sentido,
 Se meu mal fôr mal contado,
 Que de mi é bem sofrido,
 Sem razão, nem causa dado!
 155 Nele me vejo perdido:
 Da terra donde naci,
 Pois naci pera cuidado,
 Foi de tal sorte meu fado,
 Que não sei parte de mi,
 160 Nem parte do bem passado.
 E se alguém quiser saber
 Os males, que sofro aqui,
 Causados por bem querer,
 Saberá que me perdi,
 165 Sem me mais poder perder;
 Perdida é minha alegria,

143 — «Quero paixoens, & paixam» — Edição de 1785.

146-7 — Cfr.: nesta *Écl.* 103-5. 150 — *querer* = afeição. 155 — *Nele* = no meu cuidado. 159 — Cfr.: « . . . *que nam sey parte de mym* ». Duarte de Brito, *Canc. Geral*, I, p. 416. Vide verso 162 da *Écl.* II. 162-3 — Cfr.: «No hay consejo en bien querer». Gil Vic., *Amadis de Gaula*. 163 — *bem querer* — frase já usada pelos nossos Trovadores — Amor — vide *Écl.* I, 89 e verso 150 desta *Écl.* 166 — Cfr.: «Expulit ex omni pectore laetities». Catullo, *Carmina*, LXXV, 22. — «Nunc et amara dies et noctis amarior umbra est». Tib., *Elegiae* II, 4, 11. — «Ogni cosa si perde, ogni speranza è mancata, ogni consolatione è morta». Sannazaro, *A La Sampogna*, 75-6.

Desterrado em terra alhea,
 Alheo do que soía;
 Mas o mal que padecia
 170 Seguro que se não crea.
 Que posto que em meu penar,
 Vejam certo ser assi,
 Soe-me tam mal tratar,
 Que se não pode cuidar
 175 Como ja não estou na fim:
 É sem ordem meu comer,
 É sem ordem meu sentir,
 É sem ordem meu querer,
 É sem ordem meu viver,
 180 É sem ordem meu dormir.
 É sem ordem a paixão,
 E é sem ordem meu bem,
 Que se vai, e nunca vem;
 Mas em fim tristezas são,
 185 Que ordem nenhũa tem;
 Ca se o mal cabo tivesse
 Minha pena lho acharia,
 E se de todo não podesse.

170 — «Seguro que senam crea». — Edições de 1645 e de 1785.

188 — «E se em todo nam podesse». — Idem.

167 — *desterrado* — ausente da Pátria — vide na *Écl.* II, verso 474, na *Écl.* IV, versos 11-12 e 291. 168 — *soía* = vide verso 304 da *Écl.* I.

169-70 — afirmo que não se acreditará o quanto eu sofria!

176 — Vide na *Écl.* I, verso 246.

176-180 — Cfr. em G. Vic., *Romagem de Aggravados* — a fala de *Colopendio*.

180 — Vide na *Écl.* I verso 147.

181 — *paixão* = sofrimento. 184 — *são* = ha — Cfr.: «Sobre quantos mestres *são* — Exp'riencia dá lição». Gil Vicente, *Ines Pereira*.

186 — porque se a desgraça tivesse fim . . .

Menos mal inda seria
190 Se algum remedio houvesse.
O qual não tenho, nem quero,
Nem quero nunca ter bem,
Eu se peno, pena espero,
Do remedio desespero
195 Pois vejo que nunca vem;
Assi que nesse viver
Contino viver espero,
E de triste vida ter
Contente sam, pois o quer
200 Quem não crê o que lhe quero.
Ja não quero o que dessejo,
Pois que ja não pode ser,
Porem tenho mal sobejo,
Mal sobejo, porque vejo
205 O que não quisera ver:
Mas pois que eu o mereço,
E a causa me condena,
Por remedio a morte peço,
Pois a vida, que padeço
210 E' paga de minha pena.
RIBEIRO. Quem te trouxe por aqui,
Agrestes, triste pastor?
Dize-me que foi de ti?
Dias ha que te não vi,

190 — «Se algum remedio ouvesse». — Edição de 1785.

189 — isto é: *seria menos mal* . . .

203 — *sobejo* = excessivo. *Sobejo* é um epiteto frequente em Bern. Rib.

203-4 — « . . . dygo que é meu *mal sobejo*». Conde do Vimioso, *Canc. Geral*, II, p. 271.

210 — *É paga* = é o castigo . . .

- 215 Não te ver fôra melhor:
 Vejo-te andar mudado,
 Não soías assi ser,
 Tu me conta o teu cuidado,
 Que um penado a outro penado
 220 O seu mal pode dizer.
- AGRESTES. Ribeiro, pastor amigo,
 O meu mal é tam sem cura,
 Que se o calo é gram perigo,
 E perigo mais se o digo
 225 P'ra maior desventura;
 Tantas estrelas não tem
 O Ceo, nem peixes o mar,
 Quantos males vão e vem
 Em mim triste, que do bem
 230 Pouco bem posso contar.
- RIBEIRO. Agrestes, firme pastor,
 Não te debes de queixar;
 Eu tenho queixa maior
 Pois com a minha gram dor
 235 Podes consolo tomar:
 E pois que vens tam cansado,
 Aqui debes descansar,
 Desabafa o teu cuidado,

215 — « . . . melhor » — Ed. Eborense.

225 — « Pera mayor desventura; » — Edições de 1645 e de 1875.

216-17 — Vide na *Écl.* II os versos 289-90, em que *Franco* (Sá de Miranda) diz a *Jano* (Bern. Rib.): « Conta-me que mal foi este — Que tam demudado estás ? »

222 — Vide na *Écl.* I versos 214-15. Cir.: « Ja ledo em *males sem cura* . . . » Sá de Miranda, *Poesias*, pg. 31.

222-4 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 103-5.

231 — *firme* — Vide nesta *Écl.* nota ao verso 136.

Pois eu, mais desconsolado,
 240 A ti posso consolar.
 Ja se sabe a tua fé,
 E a causa que te condena,
 Tudo bem craro se vê;
 E remedio dos tristes é
 245 Companheiros ter na pena;
 Teus males dessejo ouvir,
 Tu não me queiras negar
 O sentir do teu sentir,
 Que mal se pode encobrir,
 250 Agrestes, o teu penar.
 AGRESTES. Se a força nunca faltara,
 Na força do meu cuidado,
 Meu cuidado te contára,
 Porque, Ribeiro, cuidára
 255 Que ficára bem contado:
 Mas é tanta a paixão,
 Que mal se pode contar;
 As forças tam poucas são
 Tiradas do coração,
 260 Que não me podem durar.
 E querendo-te dizer
 As dores do meu tromento.
 Nacidas do bem querer,
 Houvera triste de ter
 265 Mais livre o meu pensamento;

241 — « . . . fee » — Ed. Eb. 243 — « . . . craro . . . » — Ed. Eb.
 244 — «E remedio dos tristes he» — Idem. 260 — «Que nam me pode
 turar». — Ed. Eb., e Ed. de 1645 e de 1785. — E. Dias supunha que a lição
 primitiva era: *Que não me pode durar*, ou antes: *Que não me podem durar*,
 — que adoptamos. — *Rev. Lus.*, II, p. 283.

256 — *paixão* — sofrimento.

259 — *coração* = amor. 265 — *mais livre* = menos apaixonado.

E pois remedio não vejo
 Pera tas poder contar,
 Tomarás o meu dessejo,
 Que deste mal tam sobejo
 270 Outro não pode ficar.
 Longos tempos ha que vi
 Ûa fermosa pastora,
 Fermosa só para si;
 Fez-se senhora de mi,
 275 Sem me querer ser senhora:
 A qual tinha outros amores,
 Segundo depois senti,
 A outro dava favores,
 E a mim todas as dores,
 280 As dores todas a mi.
 No principio do querer
 Era livre, e mais isento,
 Pera agora triste ser
 Com dobradas dores ter,
 285 Porque agora é que as sento;

285 — «Porque agora he que as sento;» — Ed. Eborense, e Edições de 1645 e de 1785.

269 — mal sobejo — vide nesta *Écl.* 203. 271-2 — Vide na *Écl.* II versos 232-3. 274 — cativou-me — « . . . cyerto es que deve estar — en tu poder la my vyda ». Dioguo Marquam, *Canc. Geral*, II, p. 181. 275 — sem corresponder ao meu amor. «¿ De un alma te desdeñas *ser señora*, — Donde siempre moraste, no pudiendo — Della salir un hora? » Garcilaso, *Egl. primera*, 67. — «No hay corazón que baste, — Aunque fuese de piedra, — Viendo mi amada hiedra, — De mí arrancada, en otro muro asida . . . » Idem. *Idem*, 133-6. Os dois últimos versos de Garcilaso são citados por Cam. na *Carta I* da India. 281 — *querer* — bemquerer = amar — Vide verso 163 desta *Écl.* 282 — *isento* — Vide na *Écl.* I verso 11 e na *Écl.* III verso 203. 285 — *sento* — Vide *Écl.* II, 174.

- Pois aquela liberdade,
Aquele livre sentido,
Aquele livre vontade,
Pago ca com saudade,
290 Que tenho do bem perdido.
O meu bem em mal mudado,
Inda que me desterrei,
Não desterrei o cuidado
Cuidado do bem passado,
295 Passado, porque o passei;
Mudei terra, mudei lar,
Gloria, descanso e prazer,
Esta terra vim buscar,
Onde crece o meu penar
300 Pera sempre pena ter.
E sendo longe criado,
Detreminarom os fados,
Que viesse desterrado
Nesta terra, onde um cuidado
305 Traz consigo outros cuidados:
Porque esta terra é
Alhea ao meu cuidar,
Onde pera mais penar
Nenhũa cousa se vê,

291-3 — «Ho meu bẽ ã mal mudado — inda que me desterrey — nam desterrey ho cuydado». — Ed. Eb. 302 — «Detreminarom . . .» — Idem.

290 — Cfr.: na *Écl.* III verso 329.

291 — «Mudado o meu bem em mal». Epiphanio Dias, *Revista Lusitana*, II, p. 281.

292-4 — Vide na *Écl.* III versos 322-4.

293 — *cuidado* — vide na *Écl.* I nota ao verso 20.

295 — *passei* — experimentei. 296 — Cfr.: na *Écl.* IV versos 141-5.

306-7 — Vide para contraste na *Écl.* II os versos 239-41 e a nota.

- 310 Que me possa gosto dar.
Nada nela me contenta
Senão só triste o chorar;
Onde mais me descontenta,
Passo continua tromenta,
315 Tromenta quero passar;
Padeço frio com calma,
Contra toda natureza;
Não vejo senão tristeza,
E atravessada minha alma
320 Com as setas da crueza.
A's agoas não costumado,
Nem me posso acostumar
Não posso delas gostar;
Assi malaventurado,
325 A sede me quer matar:
O manjar é desgostoso
Alheo do meu comer,
Do tempo vivo queixoso,
Assi, Ribeiro, não posso
330 Ter descanso, nem prazer.
Nada me pode alegrar,
De tudo tenho paixão,

312 — « . . . soo . . . » — Ed. Eborense.

324 — «Assi mal afortunado,» — Edição de 1785.

309-10 = tudo é desgosto.

311-12 — vide na *Écl.* I versos 243-47.

314 — *tromenta* — cuidados — tribulações.

316-7 — Sôbre êstes efeitos contrarios do amor — vide: «Tanto de meu estado me acho incerto, — Que em vivo ardor, tremendo estou de frio . . . » Camões — *Rimas*, ediç. de 1759 — *soneto* 9.

Vide versos 176-180 desta *Écl.* e *nota* aos versos 89-90 da *Écl.* I.

332 — tudo me causa sofrimento.

- Isto não pode durar,
 Cuidados são meu manjar,
 335 Beber as lagrimas são:
 Não tenho nenhum amigo,
 Que me queira consolar,
 Porque tal extremo sigo,
 Que de mi mesmo sam imigo
 340 Pera mais me condenar.
 Toda a pena me é presente,
 E a gloria de mi se alhea,
 E posto que sam doente
 Pera este mal não consente,
 345 Haver arte Apolinea:
 Estes ares são mortaes,
 E o que mais me desbarata,
 E dá dores desigoes,
 É lembrar-me os sinceiraes

340 — «Pera me mais . . .» — Edição de 1785. 349 — «He lembrarme os sinceiraes». — Edição Eborense e Edições de 1645 e de 1785.

335 — Cfr.: « . . .pequeno ribeiro . . .onde . . .vou eu lavar minhas *lagrimas*; e onde muitas, infinitas as torno a *beber*.» *Men. e Moça*, I, 2.

334-5 — O meu alimento são *cuidados*, a minha bebida *lagrimas*. — Cfr.: «Cura dolorque animi, lacrimæque alimenta fuerunt.» Ovidio, *Met.* (X, 75 — *Códice vaticano*). «Pasco 'l cor di sospir, ch'altro non chiede; — E di lagrima vivo, a pianger nato . . .» *Pétr., Son. e Canzoni*, 130.

339 — vide verso 101 desta *Écl.*

342 — o prazer aparta-se de mim.

345 — *arte Apolinea* = medicina, remédio, cura. Vide «As hervas Apolineas d'improviso — O tornão á saude já passada». Cam., *Epistola* I.

347 — *desbarata* = abate, vence. Cfr.: «O cuydado *desbarata* — Todos grandes corações». *Cancioneiro geral*, I. — «Ó cabellos, com que seu arco d'ouro — O Amor encordoa, e *desbarata* . . .» Antonio Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Tomo I, liv. I, *son.* 25.

348 — *desigoes* = excessivas.

349 — *sinceiraes* = salgueirais.

- 350 De Coimbra, que me mata.
 E vivendo, triste, cego
 Não sei mesquinho que faça,
 Estou metido em tal pego,
 Que suspiro por Mondego,
 355 E choro por a Regaça;
 O meu mal é tão sobejo,
 Que parte não sei de mi,
 E fingindo no desejo,
 Como que a Mondego vejo,
 360 Muitas vezes digo assi:
 — O' Mondego meu amigo.
 Senhor das craras agoas,
 A ti só meus males digo,
 Minhas mágoas vão contigo,
 365 Contigo vão minhas mágoas.

361-2 — «O' Mondego, meu amigo, — Senhor das craras agoas» — Edição Eborense. 362 — «E senhor das claras agoas», — Edições de 1645 e 1785. — «Parece-me que a lição originaria era: *O' senhor das craras agoas*». Epiphanyo Dias, *Rev. Lus.*, II, p. 284. 363 — «soo» — Ed. Eborense.

347-50 — Vide *Écl.* II, versos 230-4. Cfr.: «Ferreira, eu vi as claras, e fermosas, — Agoas do teu Mondego irem chorando — As lembranças do tempo, que cantando — Andavas nas suas praias saudosas: — ... Vi secos os *censeiros*, que já tantas — Vezes queixar t'ouviram . . . » Diogo Bernardes, *Ao Doutor Antonio Ferreira*, — *son.* 97 nas *Rimas Varias — Flores do Lima* — Ed. de 1770. 352 — *mesquinho* — vide *Écl.* I, nota ao verso 44. 353 — *pego* — em tal situação desgraçada. Cfr.: *nota* ao verso 313 da *Écl.* II. 354-5 — Cfr.: versos 231-8 da *Écl.* II, em que se alude aos amôres de *Franco* (Francisco de Sá de Miranda) com *Célia*. 355 — Regaça ou Arregaça = lugar de Coimbra entre o Mondego e a estrada da Beira. 356 — *sobejo* — vide nesta *Écl.* v. 203. 357 — Vide na *Écl.* I, v. 70 e a nota e na *Écl.* IV versos 78-9. 361-2 — Cfr.: «A ti torno, *Mondego claro* rio . . . » Ant. Ferreira, *Poemas Lusitanos*, I, livro I, *son.* 46. — « . . . *claro* rio — Manso *Mondego* meu . . . » Idem, Idem, I, p. 123. — *Ode* VII, 8-9. Vide ainda na mesma obr. L. I, *son.* 21 e a *Eleg.* II, verso 59. 362 — *craras agoas* — *Écl.* I, 302; V, 42.

- Mil vezes lhe estou falando,
Outras muitas meu mal calo,
Em nada detreminando,
De Florisendos me lembrando,
370 Também a ele lhe falo.
O' Florisendos pastor,
Que se tu meu mal soubesses,
Eu seguro que tivesses
De minha dor grande dor,
375 Ainda que não quisesses:
Haverias dó de mi,
Que em barbara terra vivo,
Des que me apartei de ti,
Florisendos, não me vi
380 Ûa hora sem ser cativo.
Senão te puder falar,
Se certo que minhas dores
Me não deram esse vagar,
Deves-me de perdoar,
385 Pois que foi erro de amores;
Os meus amigos passados,
Ribeiro, ja m'hão leixado,
E por verem que meus fados
Eram neste mal, mudados,
390 De mi todos se hão mudado.
Sendo bemaventurado,
Mil amigos te verão,

368 — « . . . detreminando, » — Edição Eborense.

373 — *seguro* — afirmo — cfr.: nesta *Écl.* verso 170.

374 — grande compaixão da minha dôr . . .

377 — *que* = porque — *barbara* — estrangeira.

380 — cativo — enamorado.

E porem sendo trocado,
 O teu bem em mal passado,
 395 De ti todos fogirão:
 E com a fortuna afastar
 Verás todos afastados,
 Assi que por não errar
 Em mi quis esprementar
 400 O exemplo dos passados.
 Se fôr mudado teu bem,
 Não esperes por amigo,
 Porque o gorgulho não vem
 Em as tulhas, que não tem
 405 Abundosamente trigo:
 Mas isto não desbarata
 A causa de meu viver,
 O ciume é que me mata,
 Este só tam mal me trata,
 410 Que o não posso dizer.
 Este é, que me faz sentir;
 Este é, que me faz morrer;
 Este é, que me faz fogir
 As cousas do ledó ser:

399 — « . . . esprementar . . . » — Ed. Eb. 409 — « . . . soo . . . ».
 — Idem. 413 — « . . . fogir » — Idem.

390-5 — Cfr.: «Amigo de bom tempo, muda-se como o vento.» Padre Delicado, *Adagios Portugueses*. — «No hay bien que en mal no se convierta y mude . . . » Garcilaso de la Vega, *Égloga primera*, verso 299.

400 — *Exemplo* = ditado, adágio.

405 — *Abundosamente* = abundantemente. Cfr.: «Porque eles com virtude sobrehumana — Os deitirão dos campos *abundosos* — Do rio Tejo e fresco Goadiana . . . » *Cam., Lus.*, VII, 70.

406 — vide verso 347 desta *Écl.*

413-14 — o ciúme é que me impede de ser alegre — Vide nesta *Écl.* versos 535-39.

415 E este me faz querer
Muito mal, que mal me quero;
Quero por ele mal ter,
Pois ele me faz perder
A esperança do que espero.

420 Este vive arreigado
E na minha alma metido,
E nela está sepultado;
Na tristeza foi criado,
E de dores combatido:

425 Vês aqui o meu viver
Ganhado por afeição,
Julgã tu qual pode ser,
E só o teu padecer
Lhe fará comparação.

430 RIBEIRO. Se forte é tua paixão,
Mor é muito o meu sofrer,
E tu não me queres crer,
Porque te cega a afeição
Nacida do bem querer:
435 Por ser mal, e por ser teu,
Me pesa como é rezão:
E porem triste do meu,
Pois a causa que m'o deu
Fica por satisfaçam.

427 — « . . . seer » — Ed. Eborense. 428 — « . . . soo . . . » — Idem.

432 — « E tu nã me queres creer » — Idem. 435 — « Por seer mal e por seer teu ». — Idem. 439 — « . . . satisfaçam » — Ed. Eb. e Ed. de 1645 e de 1785.

416 — vide na *Écl.* II verso 177; na *Écl.* IV 79, 313, e nesta *Écl.* 101.

420-2 — Cfr.: na *Écl.* I versos 203-5.

424 — vide na *Écl.* I versos 336-7.

425-6 — Cfr.: na *Écl.* IV versos 221-30.

426 — *afeição* = amor.

430 — *forte* = muito viva.

- 440 De sorte que meu sentido
 Não pode haver outra gloria,
 Senão só ficar vencido,
 E ganho sendo perdido,
 E é assaz grande vitoria:
- 445 Este mal te contaria
 Se se podesse contar,
 Ditoso eu que o sentia,
 E mais ditoso seria
 Se se podera estorvar.
- 450 O mal, de que sam ferido
 De ausencia foi gerado,
 Doutrem foi ele nacido,
 E de mi é só sofrido,
 E de mi é só chorado
- 455 Com lagrimas do coração
 Me soía eu sustentar,
 Aos olhos delas vão,

450 — « . . . sam . . . » — Ed. Eb. 452 — « . . . nacido » — Ed. Eb.
 455-6 — «Lagrimas do coraçam — Me sohiam sustentar,» — Edição de 1785.

449 — *estorvar* = impedir.

450 — *de que sam ferido* = que me magôa.

451 — « . . . porque sem vos ca nam ha — pera mym, nem sachara,
 — Quê prazer me possa dar. » Francisco da Sylveyra, *Cancioneiro Geral*,
 II, 336.

452 — provêm da mulher amada.

450-4 — «Verdes, e baixos valles, alta serra, — Duras e solitárias pe-
 nedias, — Correntes agoas, frescas fontes frias, — Testemunhas do mal q̃
 em mim s' encerra : — De suspiros o ar, de pranto a terra — Encho : vós
 o sabeis, selvas sombrias, — Onde *chorando* vou noites, e dias; — Saudades
 d'Amor, *d'ausencia* guerra ». Diogo Bernardes, *Rimas Varias — Flores do*
*Lima, son. 32.*¹ 457 — *delas* = algumas.

¹ Acêrca deste *son.* de Bernardes — vide nesta Edição a penultima nota da pág. 36 e —
 «Monti, selve, fontane, piaggie et sassi — Vo cercando yo, se pur potesse un giorno — i parte
 rallentar l'acerbo pianto». Sannazaro, *Egl. quarta*, 19-21.

Tantas que ja o chorar
 Não me dá dor, nem paixão
 460 Que por consolo não ter,
 Foi nacer minha canseira,
 De ausencia, de me ver,
 Ausente de ãa ribeira
 Donde me vinha o prazer;
 465 Donde toda a realeza
 De aves vinham beber;
 E a mesma natureza
 Ribeira de tal grandeza
 Nunca cuidou de fazer.
 470 Ali flores, ali rosas,
 Natura quis esmaltar;

459 — « . . . dor . . . » — A Ed. Eborense apresenta algumas vezes a vogal duplicada — door.

458-459 — choro por hábito. 461 — *canseira* = mal.

463 — **ribeira** — vide na *Écl.* II versos 33-6 e a nota ao verso 6.

461-4 — será o afastamento do **Paço da Ribeira**? — Na *Écl. Montano*, diz Sá de Miranda acêrca de — Rodrigo — *que é possível que seja Bernardim Ribeiro*¹ — «E porem, sabes que digo — Pera que melhor me entendas, — Fugi as grandes contendas — como ogano² fez Rodrigo, — por que nele me comprendas;» — S. de Mir., *Poesias*, p. 405. 467-9 — isto é, a Natureza nunca pensou em fazer uma **ribeira** tam grandiosa.

470 — Talvez haja, nesta passagem, uma referência às damas do **Paço da Ribeira**. — Cfr.: *Clerigo* — (referindo-se às damas do Paço): — «Que dizeis vós destas *rosas*, — Deste val de fermosura? — Gil Vicente, *Exhortação da Guerra*. — Vide a alusão à côrte: «Eu vi ja deste campo as varias *flores* — Ás estrelas do Ceo fazendo inveja . . . » Cam., *Écl.* I, 9-10

471 — *esmaltar* = realçar. Cfr.: «Vedi le valli e y campi che *si smaltano* — Di color mille . . . » Sannazaro, *Egloga ottava*, 142-3. — «A violeta mais bella, que amanhece — No valle por *esmalte* da verdura . . . » Cam. *son.* 206. — « . . . Zefiro, & fresca Flora passeando, — Os campos *esfaltando* de boninas: . . . » Cam., *Écl.* II. — *Rimas* Edição de 1759. — Vide *Lus.*, X, 77.

¹ Opinião da Senhora D. Car. Michaëlis de Vasconcelos, *Poesias de Sá de Mir.*, p. 839.

² *ogano* = neste ano.

Ali arvores graciosas,
 E agoas mui saudosas,
 Que depois vão dar ao mar;
 475 Ali tudo parecia
 Paraíso terreal,
 E o sol mui craro luzia,
 Que nenhũa cousa havia
 Que desse nojo, nem mal.
 480 Ali arvores, ali flores,
 Verdes, brancas, encarnadas,
 E de outras muitas cores,
 Nacidas de minhas dores,
 E com lagrimas agoadas:
 485 Delas nacam outros ribeiros,
 Tanto em abastança são
 Saídas do coração
 Que polos pés dos outeiros

477 — « . . . craro . . . » — Ed. Eborense. 483 — « Nacidas . . . » Idem.
 485 — « . . . nacam . . . » Idem. 488 — « . . . peis . . . » — Idem.

472 — « gracioso d'arvoredo . . . » *Men. e Moça*, I, 6.

473 — Cfr.: « E inda bem não foi alto dia, quando eu (parece que acinte) detreminei ir-me pera o pé deste monte, que d'arvoredos grandes, & verdes ervas, & *deleitosas sombras* é cheo: per onde corre um pequeno ribeiro de agoa de todo o ano, que nas noutes caladas, o rogado dele faz no mais alto deste monte um *saudoso tom*,¹ que muitas vezes me tolhe o sono; onde outras muitas vou eu lavar minhas lagrimas; & onde muitas, infinitas, as torno a beber. » *Men. e Moça*, I, 2. Edição de 1785.

479 — *nojo* = desgosto.

480-1 — Vide na *Écl.* II verso 48.

484 — *agoadas* = regadas.

¹ Cfr.: « . . . *Corre un piccolo fiumicello*, chiamato Lete, il quale esce d'una dura pietra, che col suo corso, facendo commuovere le piccole pietre, *fa un dolce mormorio* . . . ». Boccaccio, *Filocolo* III, p. 230-1. — « Nè guarì oltra ad duo milia passi andati fummo, che al capo de un fiume chiamato Erimanto pervenimmo; il quale da *piè de un monte* per una roctura di pietra viva *con un rumore grandissimo et spaventevole* . . . » Sannazaro, *Arcadia*, *Prosa quinta*, 86-90.

Roido fazendo vão.

- 490 Com elas rios cresciam,
Tudo ali estava á vontade;
As ondas quando batiam
Assi manso nos faziam
Nos corações saudade:
495 Era em fim tanta beleza,
Com ver ali tantas flores,
E cantar os roissinhos
Que esquecia a tristeza,
Que me davam minhas dores.
500 Um ventozinho corria,
Era o ar sereno, e manso,

496-7 — «Com ver alli tantas flores—E cantar hos roussinoes,»—Ed. Eb.

497 — «E cantar os roissinhos . . .» — Edições de 1645 e de 1785.

484-9 — Cfr.: versos 257-8 da *Écl.* IV. 488-9 — «por donde un agua clara con sonido — Atravesaba el fresco y verde prado . . .» Garcilaso de la Vega, *Égloga primera*, versos 47-8.

494 — emocionavam. 496 — *flores* — vide nesta *Écl.* 470 e 480-1.

497 — *roissinhos* — Vide o hispanismo empregado por Sá de Mir.: — «Despues cantava com los *ruisiñores*». *Poesias*, p. 370. — *E cantar os roissinhos* — cfr.: « . . . sobre um verde ramo que por, cima da agoa se estendia, se veo pousar um *roussinol*; e começou a *cantar* tam docemente, que de todo me levou apos si o meu sentido d'ouvir. E ele cada vez crecia mais em seus queixumes, que parecia que, como cansado, queria acabar, senão quando, tornava como que começava. Então (triste da avezinha) que estando-se assi queixando, não sei como, se cahio morta sobre aquela agoa. Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ela. Pareceo aquelo sinal de pesar naquele arvoredor, de caso tam desestrado. Levava-a apos si a agoa, e as folhas apos ela, e quisera-a eu ir tomar: mas pola corrente que ali fazia, & polo mato que dali pera baxo acerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista.¹ O coração me doeo tanto então em ver tam asinha morto quem, dâtes, tam pouco havia que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas.» *Men. e Moça*, I, 2.

¹ O senhor Joseph de Perott — na *Rev. Lus.*, T. XIII, p. 139-40 — aproxima este passo do *Hamlet*, Acto IV, Sc. VII, 157-74: — «There is a willow growes aslant a brooke . . .» — vide p. 130.

- Que a mesma agoa trazia,
 Nesta ribeira vivia,
 Agrestes, todo descanso.
- 505 Trutas de muito sabor
 A ribeira ali criava,
 Criava tambem a dor
 De seu triste guardador,
 Que com dores a guardava:
- 510 Ao pé de um castanheiro
 Umbroso me punha eu:
 Perto era de um ribeiro,
 Que co nome verdadeiro
 Se mudou no nome meu;
- 515 E com quanto olhos oulhavam
 Não tinha gloria inteira,
 Nem com as flores que ali estavam;
 Mas ja nunca se fartavam
 Senão só vendo a Ribeira.
- 520 Este, Agrestes, é meu mal,
 Que mal se pode encobrir!
 Nunca viste outro tal;
 O tromento é desigoal,

509 — «Que com dores a goardava:» — Ed. de 1785. 515 — «... oulhavam» — Ed. Eb. — «E em quantos olhos olhavam...» Ed. de 1785. — «E com quantos olhos olhavam...» Ed. de 1852. 523 — «Ho tromento» — Ed. Eb.

503, 506 — Continúa a insistencia da alusão à **Ribeira**. 511 — *umbroso* = copado. 515-519 — Parecem-nos erroneas as lições; o sentido do texto, que adoptamos é: *E*, pôsto que os (meus) *olhos olhavam*, — *Não tinha gloria* (prazer) *inteira* (completo) — *Nem com* (as) *flores que ali estavam*; — *Mas* apesar disso, isto é, de (os olhos olharem) *nunca se fartavam senão só vendo* (de ver sómente) *a Ribeira*. 517 — Vide nota ao v. 470 desta *Écl.* — *flores* = as damas do **Paço da Ribeira**. 519 — **Ribeira** — vide nota ao v. 6 da *Écl.* II e os v. 1-5 desta *Écl.* 520 — *Este... é meu mal* — a ausencia — vide nesta *Écl.* 461-4. 520-1 — Cfr.: *Écl.* III, 156-60. 523 — *desigoal* = excessivo — desproporcionado.

Que este me faz sentir;
 525 Não posso com minha dor,
 Nem m' ela pode soster,
 Porque dos males d'amor
 Não é este o menor,
 Menos se pode sofrer.

530 AGRESTES. Bem ouvi tua paixão
 Pera mais paixão te dar,
 Mas um triste coração
 E' tam fóra da razão,
 Que não sabe consolar:
 535 Porque eu soffro tambem dor
 Em os ciumes causada,
 E segundo quis amor
 Eu cuido foi a maior,
 Que nas dores foi criada.

540 RIBEIRO. Agrestes, não póde ter
 O meu mal comparação,
 Porque o mal de ausente ser
 Não se pode padecer

526 — «Nem me ella pode soster,» — Ed. de 1785.

535 — « . . . soffri . . . » — Ed. de 1785.

523-4 — «Poys pena tam *dessigoal* — me fazeys sempre *sentir*, — poys nam presta nem me val — amarv' nem bem servir». Anrrique Dalmeyda, *Canc. Geral*, II, p. 109.

524 — *este* = a ausencia — o não se fatar de ver a **Ribeira**.

525 — Vide na *Écl.* I a nota aos versos 291-3.

527 — *males de amor* = cfr. nesta *Écl.* versos 161-5. «Que este *mal* era de amores». Sá de Mir., *Poesias*, p. 145. « . . . cantou bem, mas *mal de amores* . . . » Idem, p. 484.

529 — é mais doloroso. 530 — *tua paixão* = o que a ausencia te faz sofrer. 531 — *paixão* — vide nesta *Écl.* verso 256. 532 — Cfr.: na *Écl.* II verso 363. — triste = aflito. Vide na *Écl.* III versos 161-3. 535-9 — Cfr.: nesta *Écl.* verso 408. — Cfr.: «No hay cosa tan celosa — Como el verdadero amor . . . » Gil Vic., *Amadis de Gaula*.

- Nem lhe podem ir á mão:
 545 Leixei a minha Ribeira,
 Minha rosa, meus amores,
 Vim provar essa canseira,
 Nem se pode ter maneira
 Com que mitigue estas dores.
 550 Porque eu te digo em verdade,
 Que desque não pude ver
 Aquela graciosidade
 Me faz tanta saudade,
 Que em mim não reina prazer;
 555 Lembra-me aquele cantar,
 O correr daquelas agoas,
 Causa-me isto gram penar,
 E folgo de me entregar
 Á mágoa das minhas mágoas.
 560 Folguei bem de te contar,
 Agrestes, o meu viver,
 E podes te contentar,
 Pois vês que o meu penar
 Co teu não tem que fazer;

564 — «Co teu nam tem que fazer» — Ed. de 1785.

544 — nem se póde impedir.

545 — **Ribeira** — Vide na *Écl.* II verso 6 e na *Écl.* IV verso 101.

547 — Cfr.: nesta *Écl.* verso 411-3 e nota ao verso 463.

549 — com que abrande a intensidade do sofrimento da ausencia.

551-2 — «Aonia não pareceo um grande tempo, pera Bimnarder ao menos levar aquele contentamento, que *a vista dos olhos* dá áqueles que do mais carecem». *Men. e Moça*, I, 17.

552-3 — «Assy que por ysso ja — desespero de folguar, — Por que sem vos ca nam ha — pera mym, nem sachara, — quẽ prazer me possa dar». Francisco da Sylveyra, *Cancioneiro Geral*, II, p. 336.

560-1 — Confr.: na *Écl.* II versos 325-8 e na *Écl.* I versos 324-5.

564 — Vide nesta *Écl.* versos 540-1.

- 565 AGRESTES. Ribeiro, estás enganado,
 Que os ciumes são mortaes;
 A quem vires seus sinais
 Dá-o tu por sepultado,
 Não espere remedio mais.
- 570 Porque se ausencia dá pena
 Pode ser remediada
 E presente não tens nada;
 Mas a mim quem me condena
 Em nenhũa parte me agrada,
- 575 Que este mal verdadeiro
 Com tal extremo se sente
 Que quando me vejo presente
 Torno tam triste, Ribeiro,
 Que folgo de estar ausente.
- 580 Que sam tam mal recebido
 Da causa de meu penar,
 E dela tam pouco crido,
 Que não sabe meu sentido
 Que possa detreminar;
- 585 Assi com pena crecida
 Passo minha mocidade;
 Assi se vai minha vida,

574 — «Em nenhũa parte me agrada,» — Ed. Eb. — «Em nenhum lugar me agrada . . . » — Edições de 1645 e 1785. 577 — «Que quando me vejo presente,» — Ed. Eb. — « . . . me acho . . . » — Edições de 1645 e de 1785. 580 — « . . . sam . . . » Ed. Eb. 584 — « . . . detreminar . . . » Ed. Eb.

569 — Cfr.: nesta *Écl.* versos 194-5. 576 — *tal extremo* — Cfr.: na *Écl.* I verso 69. 577 — «*que quan* — vale por uma syllaba metrica» E. Dias, *Rev. Lus.*, IV, p. 278. 582 — Vide nesta *Écl.* verso 200. 585 — «Mi alma se favorece — Si padece, — Y toma por mejoría — *Que cresca la pena mía*; . . . » Boscán, *Cancionero General*, I. — « . . . mas, por ter pena creçyda, . . . » Fernam da Sylveyra, *Canc. Geral* II, p. 173. «Cõ gram pena muy creçyda . . . » Dioguo Marquam. *Idem*, p. 180.

A qual tenho ja perdida,
 E perdida a liberdade.
 590 Acho-me cheo de enganos,
 Neles vejo acabar
 O melhor de meus bons anos;
 Fui nacido pera danos
 Quem m'os poderá tirar:
 595 RIBEIRO. Tu és agalardoado
 Como a rezão o consente,
 Pois que queres ser penado,
 E ofereces teu cuidado
 A quem te é tam diferente.
 600 Mas eu que sei que faria,
 Se ante si me tivesse
 Ribeira tanta alegria,
 E sei quanto sentiria
 O meu mal se o soubesse;
 605 Porque não queres que senta
 A perda de tanto bem,
 E pagar-lhe o que me tem,
 Que não é nada isenta,
 Nem tem odio a ninguem?...
 610 AGRESTES. Ja sei que é dor mortal,

600-610 — O texto está, evidentemente, corrompido ou omisso. Com a prep. *em* no v. 602 entre *Ribeira* e *tanta*, e atendendo ao contraste, que o poeta quer salientar entre **alegria** e **sentimento**, parece-nos ser este o sentido da passagem: — *Que faria* ela, (a) *Ribeira se me tivesse* (em) *tanta alegria ante si?* *E sei quanto* se entristeceria *se soubesse o meu mal...* *Porque não queres tu que eu senta a perda de tanto bem e pagar-lhe o bem, que me tem?* Porque *não é nada isenta* (insensível ao amor) *nem tem odio a ninguem.*

587-8 — Cfr.: versos 507-8 da *Écl.* III. 593 — vide verso 74 desta *Écl.* — *Danos* = desgostos. 610 — *dor mortal* = sofrimento da ausência. Vide versos 331-3 da *Écl.* II. Cfr.: «Não cuidei que era estremo, — Nem de morte minha dôr». Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*.

- A que te vejo sofrer,
Pois a causa dela é tal,
Que faz ser doce teu mal:
Por ausente assi te ver:
- 615 Polo que concedo eu
Que o teu mal é maior,
E diferente do meu,
Pois que perdes o favor,
Que tua dita te deu.
- 620 Não moiras com saudade,
Que valentia não é,
Mas tem mui inteira fé,
Que na mor adversidade
Logo o remedio se vê;
- 625 Não chores, mas torna em ti,
Que te vejo mui mudado,
Quem te pôs nesse cuidado,
Te mandará ir daqui,
E serás remediado.
- 630 Ribeiro, tem confiança,
Que Deos dará de seu bem,
E não percas a esperança,

620 — «Nam mouras com saudade,» — Ed. de 1785. — «Mas mostras com saudade,» — Ed. de 1852. 622 — « . . . fee » — Ed. Eborense.

611 — a que sofres. Vide nesta *Écl.* versos 89-90 e 111-12.

615 — *concedo* = concordo.

619 — *dita*. Vide verso 278 da *Écl.* III e 58 da IV.

620 — Não morras cheio de saúdade, o que não é uma valentia.

Cfr.: nesta *Écl.* versos 289-90.

622 — *fé* = confiança.

625 — *torna em ti* = recobra o ânimo

626 — Vide na *Écl.* II verso 290.

631 — amparar-te-ha.

Pois a gloria, que se alcança
 Muitas vezes se detem;
 635 Não queiras tam triste ser,
 Nem teu imigo sejas,
 Porque assi podes morrer,
 Depois não poderás ver
 A Ribeira que dessejas.
 640 RIBEIRO. Agrestes, a esperança
 Nunca me falecerá,
 Mas tam firme em mi será,
 Que nunca fará mudança,
 Nem nada se mudará:
 645 Porque crê que esta sómente
 Me dá todo sofrimento,
 Esta quer que o meu tromento
 Esteja sempre contente
 Na força do pensamento.
 650 Porque se esta falecesse,
 Já a morte me daria,
 Quando ela não quisesse,
 O esperar não perderia
 Por cousa que me viesse:
 655 Primeiro hão de correr
 Pera tras rios e mar,
 Nas cousas discordia haver,

639 — « . . . dessejas » — Ed. Eb. 645 — « . . . cree . . . » — Ed. Eb.
 653 — « O esperar nam perderia » — Ed. de 1785. — « Mas esperar . . . » —
 Ed. de 1852.

633 — *Gloria* = contentamento. 634 — *se detem* — faz que a esperem.

636 — Confronte-se com o verso 101 desta *Écl.*

639 — **Ribeira** — vide versos 461-64 desta *Écl.*

647-9 — Confrontem-se nesta *Écl.* versos 91-95 e 111.

655-6 — Cfr. « . . . *refluit amnis*. Verg. *Aeneidos*, liber VIII, 240. « Ó
 rios, bolved atrás . . . » Sá de Miranda, *Poesias*, p. 147. Vide, para con-
 traste: « Mentre ch'al mar discenderanno i fiumi ». Petr., *Sestine*, I, 3.

Que a mi me falecer
Dessejo de ainda a gozar.

660 AGRESTES. Deos te cumpra teu desejo,

Ribeiro, pastor amigo,
Que o meu ja o não vejo:
Eu me vou naqueste ensejo,
A paz de Deos fique contigo:

665 Mas podes-te aqui ficar,
Pois no Ceo ha ja nublados,
Não verás o caminhar,
Recolham' nos co cantar:
«Que mal avindos cuidados.»

670 — Que mal avindos cuidados
Me tem tomado antre si,
Nunca taes cuidados vi! —

659 — «Dessejo de ainda a gozar». — Ed. Eb. 668 — «Recolhamnos co cantar . . .» — Idem. 676 — Depois deste verso a Ed. de 1852 traz o seguinte: «Isto me deram meus fados».

664 — «*que con* — vale por uma syllaba metrica». E. Dias, *Rev. Lus.*, II, p. 278. 666 — *ha ja nublados* = escureceu.¹ — *nublados* — Cfr.: «El sol. . . — *Nublados* le ponem velo . . .» — Boscán, *Cancionero General*, XXV. «Siempre ñublados i turbios los cielos . . .» S. de Mir., *Poesias*, p. 325. — 667 — se te demoras mais, não veremos o caminho. 666-68 — É o final clássico das éclogas — o recolher dos rebanhos ao escurecer. Vide Verg.: «*Cantantes licet usque (minus via lædit) eamus . . .*» *Buc.* IX, 64.² 669 — Vide versos 131-3 desta *Écl.*

¹ Cfr.: «*Majoresque cadunt altis de montibus umbrae*» — Verg., *Buc.* I, 84 — «... Et sol crescentes decedens duplicat umbras...» Idem, idem II, 67. — «*Sol ruit interea et montes umbrantur opaci*». Aen., III, 508. — «*Sed jam sera dies cadit, et jam, sole fugato, — Frigidus aestivas impellit noctifer horas*». Calp., *Buc.* V, 120-1. — Come 'l Sol volge le' infiammate rote — Per dar luogo allà notte, onde discende — Dagli altissimi monti maggior l'ombra». Petr., *Canz.* I, 4. — «Amico... fa che yo alquanto goda del tuo cantare, se non te è noia; che la via e'l caldo ne parrà minore» Sannazaro, *Arcadia, Prosa seconda*, 57-59. — «Ecco la nocte, e'l ciel tucto s'imbruna, — E gli alti monti le contrate adombrano, ... — Andiamo appresso noy, che lor sen vanno...» Id., *Egl. seconda*, 133-134, 139. — «La sombra se veía — venir corriendo apriesa — ... su ganado llevando, — se fueron recogiendo paso a paso». Garcilaso, *Egl. primera*, 414-15, 420-21. — «Recoge tu ganado, que cayendo — ya de los altos montes las mayores — sombras, con ligereza van corriendo». Idem, *Egl. segunda*, 1867-69. ² — Cfr.: Theocrito, VII, 35, 36.

Uma cousa me pede um,
 Outra me pede est'outro,
 675 Não posso tomar nenhum,
 Porque um é contrario a outro:
 Porque nunca veja o fim
 Aos mal avindos cuidados
 Que me trazem antre si.

ROMANCE *

<p>Ao longo de ãa Ribeira, Que vai pelo pé da serra, Onde me a mi fez a guerra Muito tempo o grande amor, 5 Me levou a minha dor; Ja era tarde do dia, E a agoa dela corria</p>	<p>Por antre um alto arvoredor, Onde ás vezes ia quedo O Rio, e ás vezes não. 10 Entrada era do verão, Quando começam as aves, Com seus cantares suaves Fazer tudo gracioso;</p>
---	--

* Este Romance **atribuido** a B. Ribeiro na Ed. da *Men. e Moça ou Saudades* de 1645, foi reproduzido na Ediç. de 1785 e publicado tambem por Almeida Garrett no *Parnaso Lusitano*, T., III Paris, 1827, Pag. 148-54, na Ed. de 1852 e nos *Versos* de B. R. — ed. de 1886.

1 — Vide na *Écl.* III versos 36 e 104. 3-4 — Cfr.: verso 9 da *Écl.* I.

7-8 — «Este vale, per onde correm estas agoas claras, que vedes, os *altos arvoredos* de espessas sombras sobre a verde erva, e flores, que por aquí apparecem, e a seu prazer se estendem, ribeiras desta agoa fria, doces moradas, e pousos das sós deleitosas aves, são tam conformes a meus cuidados...» *Men. e Moça*, I, 2.

9 — *quedo* = epiteto freqüente. 9-10 — onde o rio ia ás vezes tranquilo e outras vezes agitado. 11 — Era começo de verão... 12-13 — Cfr.: «*avium concentus...*» Verg., *G.* I, 422. «*Jam... canorarumque avicularum sonora aures permulcebat...*» Longo, *Pastor.* I, p. 10-1. — «Et tepidum volucres concentibus aëra mulcent...» Ov., *Fast.*, I 152. 11-14 — «Assi passava eu o tempo, quando, uma das passadas, pouco ha, levantando-me eu vi a *menhan como se erguia fermosa*, e se estendia graciosamente por antre os vales, e deixar indo os *altos*. Ca o sol, ja levantado té os peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se quersia *senhorear* da terra. As doces aves batendo aas andavam buscando umas as outras; os pastores, tangendo as suas frautas, e rodeados dos seus gados, começavam assomar polas cumiadas». *Men. e Moça*, I, 2. — «E a *menhan* era graciosa (porque assi parecia que se acertou pera lhe a terra mais contentar) e o ano no mes de Abril, quando florecem as arvores; e as aves (que té então estiveram caladas) começavam andar fazendo as querelas do outro ano: polo que, per antre o arvoredor deste vale (bem podeis cuidar quejando seria então, pois agora é tanto) estavam elas tomando soláz ' numa cousa, ora em outra». *Men. e Moça*, I, 5.

¹ Consolação, alívio — Cfr.: «...hajamos *solaz*,...» — Sá de Mir., *Poesias*, p. 124.

- | | | | |
|----|-------------------------------|------------------------------------|----|
| 15 | Ao rogado saudoso | O que eu cuidava que tinha | 35 |
| | Das agoas cantavam elas. | Foi-se-me assi não sei como; | |
| | Todalas minhas querelas | Donde eu certa crença tomo, | |
| | Se me poseram diante; | Que pera me deixar veo. | |
| | Ali morrer quisera ante, | Mas tendo-me assim alheo, | |
| 20 | Que ver per onde passei, | De mi o que ali cuidava, | 40 |
| | Mas eu que digo? passei . . . | Da banda donde a agoa estava, | |
| | Antes inda hei de passar | Vi um homem todo cam | |
| | Em quanto hi houver pesar, | Que lhe dava pelo cham, | |
| | Que sempre o hi ha de haver. | A barba e o cabelo; | |
| 25 | As agoas, que de correr | Ficando eu pasmado delo, | 45 |
| | Não cessavam um momento, | Olhando ele pera mi, | |
| | Me trouxeram ó pensamento, | Falou-me, e disse-me assi: | |
| | Que assi eram minhas mágoas; | —«Tão bem vai esta agoa ao Tejo».— | |
| | Donde sempre correm agoas | Nisto olhei, vi meu dessejo | |
| 30 | Per estes olhos mesquinhos, | Estar detras triste, só, | 50 |
| | Que tem abertos caminhos, | Todo coberto de dó, | |
| | Polo meo do meu rosto; | Chorando sem dizer nada, | |
| | E ja não tenho outro gosto | A cara em sangue lavada, | |
| | Na grande desdita minha, | Na boca posta ãa mão, | |

15 — Cfr.: na *Écl.* V versos 492-4.

17-8 — apresentaram-se-me todos os motivos de queixa.

19 — *ante* = antes preferira morrer.

19-22 — Cfr. na *Écl.* III, versos 59-60.

19-24 — Cfr.: «Vêdes aquí em tam pouco espaço contado todo o meu pesar, que passei então: porque o que está por passar não pode ser senão triste...» *Men. e Moça*.

24 — *hi ha* — vide nota ao verso 96 da *Écl.* I.

29-32 — Cfr.: «...duas e duas lhe começavam as lagrimas a correr dos seus fermosos olhos; e polas suas faces fermosas abaixo *lhe iam fazendo carreiras per onde iam*, que Bimnarder a tanto pranto convidou, quanto era a rezão dele, pois perdia a vista. Foi tanto o choro, que não lhe bastavam os seus olhos ás suas lagrimas; polo que, *lhe não pôde então dizer nada*». *Men. e Moça*, I, 28.

33 — Vide versos nesta *Écl.* 311-12.

39-40 — Cfr.: na *Écl.* II verso 162, na *Écl.* III o verso 254, e na *Écl.* V os versos 158-9.

42 — *cam*, *cãa* = branco — de cabelos brancos. Cfr.: «E junto... ao fogo, jazia deitado sobre rama verde espalhada, um pastor ja de todo *branco*, que maioral era do fato...» *Men. e Moça*, I, 16. Vide soneto V de Sá de Miranda, *Poesias*, p. 69.

42 e segs. — descreve a **Visão**.

45 — *delo* = disso.

49 — *meu dessejo* = a mulher amada.

53 — *lavada* = coberta, banhada. Vide: «E, no cair (Bimnarder) *lavou toda em sangue* aquela parte do seu rosto...» *Men. e Moça*, I, 26. — Cfr.: João de Barros, *Decadas*, I, Liv. 4, cap. 3.º

- 55 Como que a grande paixão
Sua fala lhe tolhia.
E o velho, que tudo via,
Vendo-me também chorar,
Começou assi falar:
60 — «Eu mesmo sam teu cuidado,
Que noutra terra criado,
Nesta primeiro naci,
E estoutro que está aqui
E' o teu dessejo triste,
65 Que ma hora o tu viste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra e mar passará
Trespassando a mágoa a ti». —
Quando lhe eu aquisto ouvi,
70 Soltei sospiros ao choro,
Ali claramente o foro
Meus olhos tristes pagaram;
De um bem só qu'eles olharam
Que outro nunca mais tiveram,
75 Nem o tive, nem mo deram;
Nem o esperei sómente;
De só ver fui tam contente,
Que pera mais esperar
Nunca me deram lugar.
- E naquisto triste estando,
Com os olhos tristes olhando
Daquellas bandas dálem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo até chegar
Acerca de Monte mor.
Com meus males derredor,
Da banda do meo dia,
Ali minha fantasia
Dantre ùs medrosos penedos,
90 Ond'aves que fazem medos
De noite os días vão ter,
Me sahio a receber
Com ùa molher polo braço,
Que, ao parecer, de cansaço
95 Não podia ter-se em si,
Dizendo: «Vês, triste, aqui,
A triste lembrança tua» —
Minha vista então na sua
Pus; dela todo me enchi,
100 A prima cousa que vi,
E a derradeira também,
Que no mundo vam, e vem:
Seus olhos verdes rasgados,

55 — *paixão* = sofrimento. 56 — Vide verso 319 da *Écl.* II. 57-59 — Na *Visão* personifica-se o *cuidado* — inquietação de alma — na figura dum *velho*. 65 — *ma hora* — vide nota ao verso 189 da *Écl.* III e o verso 216 da *Écl.* IV. 69 — *aquisto* = isto. 71-2 — ali chorei muito. Acêrca dos versos 70-2 vide na *Écl.* III versos 151-60. 72 — Nas edições de 1645 e 1785 está *passaram*, mas a edição dos *Versos de B. Ribeiro* (1886) substituiu por *pagaram* — emenda com que concordou Epiphânio Dias — *Revista Lusitana*, II, p. 283.

73 — Cfr.: na *Écl.* I, versos 243-7 na *Écl.* V 311-12 e a nota aos versos 551-2 da mesma *Écl.* 71-2 — «Mas por que, meu bẽ, v'via, — todo meu mal bem passava, — vossa dor não me doya, — por co mal que me fazia — vossa vista mo curava». — Francisco da Sylveyra, *Canc. Geral*, II, p. 336. 81 — *com os* — vide na *Écl.* I nota ao verso 20.

86 — *acerca de* = perto de. Cfr. *Ecl.* II, 7. 89 — neste verso continua a *Visão*.

91-2 — «Mas por que as noites são o dia para as aves sinistras — os mochos, as corujas...

95 — *ao parecer* — isto é — ao que parecia.

100 — «... com os olhos cheos da senhora Aonia e de agoa...» *Men. e Moça*, I, 20.

101 — *prima* = primeira.

104 — Vide «Nada¹ em dor, em dor criada, — Não sei onde isto ha de ir ter, — Vejo-vos filha fermosa — Com olhos verdes crescer». *Cantar à maneira* de solao. *Men. e Moça*, I, 21.²

¹ Nascida. ² Vide nesta Ediç., pág. 133.

105	De lágrimas carregados	E de mi gemidos dando,	
	Logo em vendo-os pareciam,	Fui-me pera ela chorando	125
	Que de lágrimas enchiam	Pera a haver de consolar,	
	Contino as suas faces,	Nisto pos-se o Sol ao ar,	
	Que eram gram tempo pazes	E fez-se noite escura,	
110	Antre mi, e meus cuidados ;	E disse mal á ventura,	
	Louros cabelos ondados,	E á vida, que não morri;	130
	Que um negro manto cobria,	E muito longe dali	
	Na tristeza parecia	Ouvi de um alto outeiro	
	Que lhe convinha morrer;	Chamar Bernardim Ribeiro,	
115	Os seus olhos de me ver	E dizer: «Olha onde estás!»	
	Como furtados, tirou;	Oulhei diante, e detrás,	135
	Depois em cheo me olhou,	E vi tudo escuridão,	
	Seus alvos peitos rasgando,	Cerrei meus olhos então,	
	Em voz alta se aqueixando,	E nunca mais os abri,	
120	Disse assi mui só sentida:	Que depois que os perdi	
	—«Pois que mor dor ha na vida,	Nunca vi tam grande bem,	140
	Pera que houve hi morrer?» —	Porem inda mal, porem! . . .	
	Calou-se sem mais dizer,		

105 — «... — a senhora Aonia... sem saber que cousa era bem querer, de umas *lágrimas* piadasas regou as suas fermosas faces...» *Men. e Moça*, I, 19. 109 — *Que*, pron. relativo, terá como antecedente *lágrimas* do v. 107. — Não é excepcional esta sintaxe — *Écl.* II, nota 20 v. 234.

109-10 — vêr o rosto da mulher amada era-lhe lenitivo. 111 — Cfr.: na *Écl.* II verso 398.

112 — Cfr.: «Que modo tão subtil da natureza — Para fugir ao mundo & seus enganos, — Permite que se esconda em tenros anos, — Debaixo de hum burel tanta beleza!» Camões, *soneto* 144.¹ 117 — Cfr.: verso 100 deste *Romance*.

118 — «... e lançando as mãos aos peitos, rompendo-se se pegou sobre a cama, dizendo: Ai, ai, coração». *Men. e Moça*. «E, aqui, começou rasgar o seu fermoso rosto». *Idem*, I, 11.

119 — *Alto* é um epíteto freqüente na *Men. e Moça*. — Cfr.: «Ela com alta voz dixe...» *Idem*, I, 6... em *alta* e *dorida voz*... «*Idem*, I, 9.

121 — «um mui grande padecer no Inferno soffro eu — mas a dor que o amor me deu — nunca a mais pude esquecer. Gil Vic., *Exhortação da Guerra*.

122 — porque é que não morri? — Cfr.: «Es my vida em tal extremo — de tantas llagas ferida, — que mas recelo la vida — de lo que my muerte temo». Duarte de Brito, *Canc. Geral*, I, p. 387. 127 — escondeu-se o Sol. 135 — *oulhei* — Edic. de 1645 e de 1785.

137-8 — «... deixaram-se-lhe os seus *olhos* ir cansadamente *cerrando* pera sempre». *Men. e Moça*, I, 5. «Grande pedaço de tempo estive assi embargada dos meus olhos, antre os cuidados que muito havia que me tinham ja então, & ainda teraõ, té que venha o tempo que algũa pessoa estranha de dó de mim cõ as suas mãos *cerre* estes *meus olhos*, que nunca foram fartos de me mostrarem mágoas de si». *Idem*, I, 2.

É com este *Romance* que terminam as Edições: **Primeira e segunda parte das Saudades de 1645 e Menina e Moça ou Saudades de B. Ribeyro de 1785.**

¹ Neste soneto à profissão duma freira, Luís de Camões alude nos dois primeiros versos à reclusão num convento.

Como notificamos, em pag. 117, o senhor Joseph de Perott na *Revista Lusitana*, tomo XIII, p. 139-40 aproximou a **morte do rouxinol (Men. e Moça)**, I, 2—da **morte de Ofélia (Hamlet)**, IV, sc. VII, versos 157-74:

«There is a Willow growes aslant a Brooke,
That shewes his hore leaues in the glassie streame:
There with fantasticke Garlands did she come,
Of Crow-flowers, Nettles, Daysies, and long Purples,
5 That liberall Shepheards giue a grosser name;
But our cold Maids doe Dead Mens Fingers call them:
There on the pendant boughes, her Coronet weeds
Clambring to hang; an enuious sliuer broke,
When downe the weedy Trophies, and her selfe,
10 Fell in the weeping Brooke, her cloathes spred wide,
And Mermaid-like, a while they bore her up,
Which time she chaunted snatches of old tunes,
As one incapable of her owne distresse,
Or like a creature Natiue, and indued
15 Vnto that Element; but long it could not be,
Till that her garments, heauy with her drinke,
Pul'd the poore wretch from her melodious buy,
To muddy death *».

* «Na borda do regato ha um saigueiro, cujas folhas prateadas se espe-
lham na vitrea corrente. Alli se achava ela (Ofélia) entretecendo phantas-
ticas grinaldas de rainunculos, urtigas, boninas, e daquellas grandes flores
purpureas, a que os pastores soltos de lingua dão mais grosseiro nome, e que
as nossas castas donzellas chamam *dedos de defunctos*. Quando trepava
para nos ramos inclinados pendurar a sua coroa de hervas agrestes, eis
que a ponto se quebra uma vergontea inimiga, e Ofélia cahe no ribeiro
lacrimoso de envolta com os seus rusticos tropheos. Os vestidos incharam,
e sustiveram-na por algum tempo ao lume d'agua, como se fôra uma sereia;
no entretanto ella cantava pedaços de antigas trovas, como quem não for-
mava ideia do perigo, ou como criatura nascida e criada naquelle elemento.
Mas isto não podia durar muito; os vestidos a final ensopados arrancaram
a infeliz ao seu melodioso canto, deram-lhe morte no lodo».

Hamlet, versão portuguesa ¹ do *Senhor José António de Freitas*.

¹ 2.ª ed. Lisboa, 1912.

CANTIGUA *

- PERA todos houve'hi remedio,
 Pera mi só nam no houve ahi,
 Inda mal que o soube assi.
 Fogem as vacas pera a agoa
 5 Quando a mosca as vay seguir;
 Eu só, triste em minha mágoa,
 Nam tenho donde fogir;
 Daqui não me posso eu ir,
 Estar nam me compre aqui,
 10 Que o qu'eu quero não no ha hi.
 Em mentes a calma dura,
 Tem esta fatiga o gado,
 A menhãa pace em verdura,
 A tarde em o seco prado;
 15 Dorme a noite sem cuidado,
 Ca tudo achou pera si,
 Descanso eu só o perdi.
 A mim, nem quando o Sol sai,
 Nem depois que se vay pôr,
 20 Nem quando a calma mor cae,
 Nam me deixa a minha dor;

7— «Nam tenho donde fogir». Ed. Eborense.

7 — *donde* — vide na *Écl.* IV, a nota ao verso 171, que tem aqui aplicação. — Cf.: «Com dor da gente *fugia*»². 11 — *em mentes* — em quanto — «... & ali esteve oulhando *em mentes* a terra lhe deu lugar...» *Men. e Moça*, I, 28. 12 — «Que el vivir todo es *fatiga*». Gil Vic., *Amadis de Gaula*. 18 — Vide na *Écl.* V, verso 51. — Cfr.: «La pera onde o *sol sahe* — Descobrimos, navegando, . . .» *Cam.*, *Redondilhas*, — Ed. Juromenha, p. 22.

* Acêrca desta *Cantigua* extraída da *Menina e Moça*, I, cap. 18 — Edição de 1785 — vide *Écl.* I, notas aos versos 74—*vilancete* e 114. Em o n.º 65 do *Cançãoiro d'Evora*, p. 65, lê-se: *A esta cantigua velha*: «Pera tudo ouve remedio, — pera mim so o não ha y, inda mal que o sube asy»². S. Mir., *Poes.* p. 15.

- Dor, e outra cousa mor,
 Com vosco hoje amanheci;
 Com vosco ontem anouteçi.
- 25 Crendo que assi acabaria,
 Dei-me todo ao que padeço;
 Um dia leva outro dia,
 Por um mal, outro conheço.
 Se o fim responde ao começo,
- 30 Ay! quam mal, que me provi,
 Que no começo o fim vi!
 Se naci por meu mal ver,
 E não por ve lo acabado,
 Melhor fôra nam nacer
- 35 Que ver-me desesperado.
 E pois que neste cuidado
 Me traz tam cego apos si,
 Inda mal que o soube assi!

FIM

- Antre lagrimas, & pranto
- 40 Naceo o meu pensamento;
 Creceo, em tam pouco, tanto,
 Que é mais alto que o tromento:
 Passa o que passo, ao que sento;
 Mal faz quem m'esquece assi,
- 45 Que apos mi não ha outro mi».

27-31 — «hum dia leva outro dia — por hum mal outro conheço — soo ho fim responde ho começo — ay quam mal que me provi — que no começo ho fim vi». Edic. Eborens. 43 — *O que posso* = emenda da Edição dos *Versos de B. Ribeiro*, 1886.

32-5—Cfr.: *Écl.* IV, 336-40. 43—parece-nos este o sentido:—segundo julgo, o que eu *passo* (sofro) desaparece . . .

CANTAR Á MANEIRA DE SOLAO *

- «PENSANDO-VOS estou, filha,
 Vossa mãy me está lembrando;
 Enchem-se-me os olhos d'agoa,
 Nela vos estou lavando.
- 5 Nacestes, filha, entre mágoa,
 (Pera bem inda vos seja!)
 Pois em vosso nascimento
 Fortuna vos houve enveja.
 Morto era o contentamento,
- 10 Nenhũa alegria ouvistes:
 Vossa mãy era finada,
 Nós outros eramos tristes.
 Nada em dor, em dor criada,
 Nam sei onde isto ha de ir ter,
- 15 Vejo-vos, filha, fermosa
 Com olhos verdes crescer.
 Nam era esta graça vossa
 Pera nacer em desterro,
 Mal haja a desaventura
- 20 Que pos mais nisto que o erro!
 Tinha aqui sua sepultura.
 Vossa mãy, e mágoa a nós;
 Nam ereis vós, filha, nam,

1 — *Pensando-vos* — tratando-vós . . . 3 — Cfr.: «**Enchem-se-me os olhos d'agoa, —** e a alma de saudade». Cam., *Anfitriões*, Acto V, sc. VI. 13 — *nada* = nascida. 14 — **é o verso 105 da Écl. II.** 16 — Vide pag. 128, verso 104. 19 — Esta frase encontra-se na *Men. e Moça*, I, 3.

* *Solao* — acêrca desta cantiga popular, que faz parte da *Men. e Moça*, I, cap. 21 e «que era o que nas cousas tristes se acostomava...» — vide observações da Senhora D. Carolina M. de Vasconcelos — *Poesias* de Sá de Miranda. pág. 779-80.

¹ «... só alguma mulher na sombra d'algum alpendre, canta cosendo ou embalando o filho, alguma dessas *modas* melancolicas do país adusto, onde parece filtrar-se ainda a ancestralidade moura das primitivas invasões». Fialho d'Almeida, *Alvito*—*A Vila e o Castelo*, 1906.

- Pera morrerem por vós.
 25 Não ouve fados rezam,
 Nem se consentem rogar;
 De vosso pay hei mor dó,
 Que de si se ha de queixar.
 Eu vos ouvi a vós só,
 30 Primeiro que outrem ninguem,
 Nam foreis vós, se eu nam fôra,
 Nam sei se fiz mal, se bem.
 Mas nam pode ser, senhora,
 Pera mal nenhum nacerdes,
 35 Com esse riso gracioso,
 Que tendes sob os olhos verdes.
 Conforto, mais duvidoso.
 Me é este que tomo assi,
 Deos vos dê melhor ventura
 40 Do que tiveste té qui.
 A Dita, e a Ferosura,
 Dizem patranhas antigas,
 Que pelearam um dia,
 Sendo dantes muito amigas.
 45 Muitos hão que é fantasia,
 Eu que vi tempos e anos,
 Nenhũa cousa duvido
 Como ela é aso de danos.

25 — «Nam ouve em fados razam . . .» — Edições de 1645 e 1785.
 36 — «Que tendes sob hos olhos verdes». Ed. Eborense. — « . . . creio que a lição primitiva era: *Que tendes sô os olhos verdes* (constituindo *sô os* por synerese uma só syllaba). E. Dias, *Revista Lusitana*, II, p. 284. «Que tendes sob olhos verdes». — Ed. de 1645 e de 1785. 37 — «Conforto mais duvidoso» — Ed. Eb. e Ed. de 1645 de 1785 e de 52. — A ed. dos *Versos de Bernardim Ribeiro* (1886) propõe a emenda: «Conforto, mas duvidoso . . .»

25 — São inflexíveis. 41 — O poeta refere-se a uma Fabula allegorica.
 42 — *patranhas* — fabulas — «Não do rei mouro a *patranha* . . .» Sá de Mir., *Poesias*, p. 249. 45 — *fantasia* — vide *Écl.* V, nota ao v. 86. 48 — *aso* — motivo.

Nem nenhum mal nam é crido;
 50 O bem só é esperado,
 E na crença e na esperança
 Em ambas ha hi cuidado,
 Em ambas ha hi mudança».

De Bernaldim rrybeiro a hũa molher que servia;
 & vã todas sobre memêto *

¹ LEMBREV' quam ssem mudãça,
 senhora, he meu querer,
 perdida toda esperança,
 & de mym vossa lembrança
 5 nũca sse pode perder.
 Lembrev' quam ssem por que
 desconheçido me vejo,
 & com tudo, minha fee
 sempre com vossa merçe
 10 com mays creçido desejo.

Lembrev' que se passaram
 muytos' tempos, muytos dias,
 todos meus beês sacabaram,
 com tudo nunca mudaram
 15 quererv', minhas porfyas.

¹ v = vos.

1-2 — Vide na *Écl.* III nota ao verso 24. — «Pode me ventura dar — tristeza quanta quyser, — Mas nam se pode mudar — meu querer». Dom Go-
 terre, *Canc. Geral*, II, p. 209. 3 — Cfr.: na *Écl.* I 269-70, *Écl.* II 184 e na
Écl. IV 108. 6 — *por que* = motivo. 8 — *minha fee* = constância. — «Quem
 quiser ver d'amor huma excellencia — Onde sua fineza mais se apura, —
 Atente onde me põe minha ventura, — Porque de *minha jé* faça exp'riencia». *Cam. son.* 212. 10 — *crecido desejo* — vide *Écl.* III, 397. — Cfr.: «trahit sua
 quemque voluptas». Verg. *Bucol.*, II, 65.

* Esta poesia, em forma de *Memento*, foi publicada no *Cancioneiro Geral* de Garcia de
 Resende, 1516.. — Edição de Coimbra — 1909-17 — Tomo V, p. 96-9.

Lembrev' quanta rrezam
 tyve pera esquecerv',
 & sempre meu coraçam,
 quanto menos galardam,
 20 tão mays firmem quererv'.

Lembrev' que ssem mudar
 o querer desta vontade
 maveys sempre de lembrar
 tee de todo macabar
 25 vos, & vossa saudade.
 Lẽmbre vos como paguays
 o tempo que me deveis,
 olhay quam mal me tratays,
 sam o q̃ v' quero mays,
 30 o que menos vos quereys.

Lembre v' tempo passado,
 nam por que de lembrar sseja,
 mas vereys cam magoado
 devo desser co cuydado
 35 do que minhalma deseja.
 Lembre v' minha fyrmeza,
 de vos tam desconheçyda,
 lembrev' vossa crueza,
 jũta com minha tristeza,
 40 que nũca foy mereçyda.

18-20 — «Hum firme coração posto em ventura,—Hum desejar honesto, que s'enjeite — De vossa condição, sem que respeite — A meu tão puro amor, a fé tão pura . . . » Diogo Bernardes, *Rimas Varias — Flores do Lima, son.* 20 — Edição de 1770.

20 — *quererv* = amar-vos. 22 — *vontade* = coração.

36 — *fyrmeza* — vide *fé* na *Écl.* V, 136-7, 241.

Lembrev' que sse quisereys,
assy como consentistes
nestes meus males, fyzereys
com o men' que podereys
45 nã sserem meus dias tristes.
Lembre v' quam mal tratado
lembranças vossas me trazẽ,
eu sempre menos mudado,
quanto mays desesperado
50 vossas mostranças me fazem.

Lembrev' a quã maa vyda
tenho por bem v' querer,
esta dor faz mays creçyda
nam v' ver arrependida
55 de mo assy desconheçer.
Lembrev' minha senhora
que por ja me verdes vosso
mostrays que v' desnamora
procurar verv' cadora,
60 o queu escusar nam posso.

Lembrev' que nem por isso
minha fee vereys mudada,
o questaa craro, & bem visto,
poys cousas mores naquisto
65 tiveram forças de nada.

53 — *dor crecida* — vide *Canc. Geral*, II, p. 168, 204, 315.

56 — Vide *Écl.* V verso 274.

58 — *desnamora* = desagrada.

62 — *minha fee* — vide nêste *Memento* verso 8.

Lembrev' coutra merçe
de mym nũa foy pedida,
se nam ssoo que minha fee,
poys tinha causa por que
70 fosse de vos conheçyda.

Nestes dias dezymados,
lembrev' com quanta pena
am de vyver meus cuydados,
sendo ja desesperados,
75 vendo que nada os condena.
Lembrev' que vyda tal
nũa vola mereçy,
olhay bem em quanto mal
me paguays o sser leal
80 co tempo que v' servy.

FYM.

Lembrev' que vosso amor
maa, senhora, dacabar,
poys com tanto desfavor
nunca ora minha dor
85 de vos me pode apartar.
Lembrev', poys nysto espero
dacabar, caquabo aquy,
que, com quanto desespero,
nam menos assy v' quero,
90 que no dia em que v' vy.

75 — que são *condenados* (desprezados) sem razão.

75-9 — Cfr.: Vide na *Écl.* I versos 226-7.

I

Cantigua sua *

Nũca foy mal nẽhũ moor
nem no a hy nos amores,
caa lembrança do favor
no tempo dos desfavores.

- 5 Eu por minha maa vêtura
nam aa ja mal ã nam visse,
mas nunca tanta tristura
me lembra quinda sentisse.
Fuy, & ssam grande amador,
10 & vayme bem mal damores,
& muytos vy de grão dor,
mas este ssuma das dores.

1-4 — Vide *Écl.* I, 203-5 — Cfr. : «Nessun maggior dolore — Che ricordarsi del tempo felice — Nella miseria.» Dante, *Inferno*, C. V., 121-3 — Pensamento do filosofo Boecio :

«Sed hoc est quod recolentem vehementius coquit. Nam in omni adversitate fortunae, infelicissimum genus est infortunii fuisse felices». — *De Consol. philos.* II, pr. IV, p. 18.

«Lasso, se ragionando si rinfresca — Quell'ardente desio — Che nacque il giorno ch'io—
Lassai di me la miglior parte indietro» — Petr., *Canz.* I, 3-6. — «Suole a' miseri crescer di
dolarsi vaghezza, quando di sè discernono o sentono in alcuno compassione». — Bocc. *Fiam.*
prol., p. 1 (19). — «Il dolce addimandare che voi mi fate e il dovere mi costringono a rispon-
dervi e a manifestarvi quel che io credevo che manifesto vi fosse. E perciocchè spero che non
senza conforto sarà il mio manifestarmivi, dal principio comincerò a dirvi la cagione de' passati
dolori e de' presenti... Ne' teneri anni della mia puerizia» Idem — *Filoc.* III, p. 177. — «La
amaritudine, che la dolente anima sente, non può torre che ai vostri prieghi non sia soddis-
fatto: perchè tanto è dalla dolcezza di quelli legata, che, posponendo l'angoscia, disiderosa
di piacervi, vuol che io vi risponda e però così brevemente vi dirò». — VII, p. 191. — «l'istoria...
de' miei martiri Dirò; — perchè i sospiri, — Parlando, han triegua, ed al dolor soccorro». —
Petr. *Canz.* I, 12. «... senza noya grandissima ricordarmi de' passati tempi; li quali, avegnia
che per me pocho lieti dir si possano, nientedimeno avendoli ad raccontare ora che in maggiore
molestie mi truovo...». Sannazaro, *Arcadia, Prosa settima*, 7-10.

9-10 — Acêrca destes versos, vide na *Bibliografia* a obs. do Senhor
Delfim Guimarães na sua obra *Bernardim Ribeiro — O poeta Crisfal*, p. 78.

10 — *mal damores* — Vide na *Écl.* V a nota ao verso 527.

* *Canc. Geral*, tomo V, p. 99.

I De Bernardão ribeiro a hũa senhora q̃ se vistio damarello *

T_{EQUV} me pudenganar,
 mas agora que podeys
 trazela cor do pesar,
 pera mym soo a trazeys.
 5 Qua dor do desesperar
 he tanto mal de sofrer,
 que nam he pera passar,
 quanto mays pera trazer.
 Mas ysto, daquel arte vay
 10 quando santre montes brada,
 ho thom he em hũa parte,
 em outro he a pancada.
 Assy foy qua minha dor
 mostrou em vos o synal,
 15 por qua o menos na cor
 vos lembraseys do meu mal.

II Cantygua sua a senhora Maria Coresma **

Hũs esperam a coresma,
 pera se nela salvar,
 eu perdymẽ nela mesma,
 pera nunca me cobrar.

I. — 1-4 — «Senhora, nesse amarelo — que trazeis, me certifica, — que é vosso só o trazel-lo, — e meu o que senefica;» — variante na Ed. da *Men. e Moça* de Colonia (1559)—*Rev. Lus.*, IV, p. 142-3, 163. 1-16 — «No symbolismo das cores, assim como o verde é a côr da esperança, é o amarello a do desespero. Ora, servindo-se de um simile engenhoso diz o poeta que se dá entre elle e a dama o que acontece no echo: é o poeta quem tem na alma o desespero; é a dama quem traz no vestido o sinal do desespero». — Epiphany Dias, *Obr. de Christ. Falcão*, p. 12-13. — «Deste simile aproveitou-se Heitor Pinto no *Dialogo da verdadeira amizade* (Cap. V), onde escreveu: «Assi como no eco, quando se bate antre montes, o tom he em hũa parte, e em outra a pancada: assi nas adulações do lisongeyro o tom he em vossos louvores, mas a pancada em seus interesses». — Nota de Epiphany Dias, *Rev. Lus.*, IV, p. 163.

* *Canc. Geral*, V, p. 268; na *Rev. Lus.*, IV, p. 163-4. ** *Canc. Geral*, V, p. 268-9.

- 5 Mas cõ esta perda tal
eu mey por mui bẽ guanhado,
por que o melhor de meu mal
estaa todo no cuidado.
Os que cuidam qua coresma
10 nam he pera condenar,
se a vyrem hella mesma,
mal se poderam salvar.

I **Outra sua ***

ANTRE tamanhas mudanças
que cousa terey segura:
duvidosas esperanças,
tam çerta desventura.

- 5 Vẽham estes desenguanos
do meu longuo êguano, & vã,
que ja o tẽpo, & os ãnos
outros cuidados me dam.
Ja nã sou pera mudanças,
10 mays quero hũa dor segura,
va crellas vaãs esperanças
quẽ nam sabe o quaventura.

II **Esparça sua a hũas sospeytas ****

SOSPEYAS veedes maquy,
levaymonde desejays:
quanto pude v' sofry,
jagora nam posso mayś.

I. — 11 — *vaãs esperanças* — vide *Écl.* III, 290 e *Écl.* IV, 344. II — 1 — «Mal as noites, mal os dias — Com medos e com *sospeitas*. . . » Sá de Mir., *Poesias*, p. 58.

* *Canc. Geral*, V, p. 269; na *Rev. Lus.*, IV, p. 174-5. ** *Canc. Geral*, p. 269-70.

- 5 Sabe deos bẽ comeu vou,
mas nam podaquy ser al,
que ja de triste nam sou
por mym nem polo meu mal.

I

Outra esparça sua *

DESPERANÇA em esperança
pouco a pouco me levou
grandenguano ou confiança,
que me tam longe leyxou.

- 5 Se misto tomara outrora,
cuidara de ver lhe fym,
mas quey de cuidar jagora
sem esperança, & sem mym.

II

Outra esparça sua **

CHEGOU a tanto meu mal,
que nam sey estar sem ele,
& fugo donda hy al,
como se fugisse dele.

- 5 Mas vêdo me em tal estado,
que me vou craro matar,
nam quero mays que cuidar,
por ver semfado hũ cuydado
que me nam podemfadar.

III

Vilancete seu ***

ANTRE mim mesmo, & mim
nam sey q salevantou,
que tam meu ymiguu sou.

I. — 8-9 — isto é — «Por ver s'emfado um cuidado — Que me não pod'emfadar».

III — *Vilancete* — vide *Écl.* I, 74. 3 — vide *Écl.* IV, 79; *Écl.* V, 101.

* *Canc. Geral*, V, p. 270; na *Rev. Lus.*, IV, p. 176. ** *Canc. Geral*, V, p. 270; na *Rev. Lus.*, IV, 176. *** *Canc. Geral*, V, p. 271; na *Rev. Lus.*, IV, p. 159-60.

De mym me sou feyto alheo,
antro cuydado, & cuydado
estaa hũ mal derramado,
que por mal grande me veo.
15 Nova dor, novo rreço
foy este q̃ me tomou,
assy me tem, assy estou.

I

5 desaventura ou mudança
se me fyquas, esperança,
o bem q̃ me fyquaria.
Tornouse mē noyte ho dia,
quē tanto bē moutroguara,
10 quo menos eu menguanara!

I.—8—«Converteo-se-me em *noite* o claro *dia*...» Cam. son., 51. 9—Vide *Écl.* II, 437.

Cfr. : *Écl.* I, 70. 12 — *Écl.* IV, 160.

cuidado que nam tem fym,
este soo me nã leyxou.

- 15 De mym nada me fiquou,
a vydaynda me leyxara,
se mela assy nam fiquara.

- Fuy tanto tẽpo enguanado,
quãto comprio a meus danos,
20 agora vãssos enguanos
que compria a meu cuidado
Tudo do quera he mudado:
se meu tam bem soo mudara,
quantas magoas quatalhara.

I

Outro seu *

ESPERANÇA minha, hys vos,
nã sei se v' verey mays,
poys tã triste me leixays.

- Noutro tẽpo hũa partida
5 queu nã quisera fazer,
me magoou minha vida,
quanto eu nela viver.
Desta ja que posso crer,
que poys quassy me leixays,
10 he pera nã tornar mays.

Apos tamanha mudança,
ou desaventura minha,
onde vos mys, esperança,
va se todo o mais queu tynha.

17 — «Quer o poeta dizer, que se a vida tambem o não deixou, foi porque, em tal estado, ficava sendo para elle uma fonte de tormentos». Epiphanio Dias, *Revista Lusitana*, II, p. 286.

* *Canc. Geral*, V, p. 272-3.

- 15 Percassassy tãm nasynha
tudo, poys que nam olhays
quã tarde, & mal me leixays.

I
Outro seu *

CUIDADO tã mal cuidado,
quãdo maveys de leyxar,
pera tanto nam cuidar.

- Cõ meu mal v' sofreria,
5 ssantes da vida perdêr
cuydays aynda de ver
algũa ora dũ dia.

- Mas tudo o queu mays q̃ria
ja se foy pera hũ luguar,
10 onde nã pode tornar.

Forã bem aventurados,
nam conheçeram mudança,
os que na mor esperança
forã da vida levados.

- 15 Nam tiverã os cuydados
que se nam podê cuydar,
& muyto menos leyxar.

- Estaa vida q̃ foy minha,
tal que vella he crueldade,
20 hũ modo de piedade
seria matar masynha.

De quãtesperança eu tinha
nam pude hũa soo salvar,
& vivo, & ey de cuydar.

I. — 11-14—foram felizes, porque morreram sem a desilusão.

* *Canc. Geral*, V, p. 273-4 ; na *Rev. Lus.*, IV, p. 176-7.

DIALOGO I *

Às damas

Estando ahi dona Lianor Mascarenhas. **

DE BERNALDIM RIBEIRO :

ÛA cousa cuidava eu,
Causa de outras muitas cousas;
Rezão tinha de o cuidar
Dão me sem rezão cuidado,
5 E inda hei de pedir a outrem
Das suas culpas perdão,

RESPONDEU ELA :

Ûa cousa vos digo eu:
Que não são pera essas cousas!
Rezão fora não cuidar
10 Em tam sem rezão cuidado,
Pois hei de sofrer a outrem
Culpas que não têm perdão?

TORNÁRÃO LHE A MANDAR AINDA ESTOUTRO :

A mim me hei de tornar eu
Pera vingar muitas cousas,
15 Que não são pera cuidar,
Forão pera dar cuidado.
Seja minha a culpa de outrem
Que assi val mais que o perdão.

16 — *cuidado* — *Écl.* I, 20 e a nota.

* *Poesias de Sá de Mir.*, pag. 39-40. — Vide nota ao *Dialogo* II, pag. 147.** Acêrca desta Senhora, que acompanhou para Espanha a Infanta D. Isabel, que casou com Carlos V— vide as *Notas* da Senhora D. Car. M. de Vasconcelos às *Poesias de Sá de Mir.*, pág. 744-45 e 875-76 e a obra da mesma Sr.^a: *Novos Estudos sôbre Sá de Mir.*, p. 30, 44 e 67.

DIALOGO II *

DE FRANCISCO DE SÁ TAMBEM A ELLA :

- Vi sinais: o mal é grande,
Vi os no ceo, vi na terra,
Houve se de achar caminho
Pera se tudo perder.
5 Desejos demasiados
Não são desejos de vida

TORNOU ELA A RESPONDER :

- Outro mal ha muito grande*
N'este mundo e n'esta terra
Em que não vejo caminho
10 *Pera me n'ela perder.*
Desejos meus e cuidados
Não são postos n'esta vida.

INDA A IMPORTUNÁRÃO MAIS :

- Cavarei, e o meu mal grande
Em gritos direi á terra:
15 Da alma hei do, que é em caminho
Posta pera se perder.
Quem acabasse os cuidados
Quando se acabasse a vida!

«Estes dous **Dialogos** — (I e II) — nos quaes tomam parte Miranda, B. Ribeiro e D. Lianor, são duplamente interessantes, como um echo immediato da epoca dos trovadores e como **mais uma prova das intimas relações de Miranda com B. Ribeiro**,¹ o qual pertence á familia dos Mascarenhas, como tambem D. Lianor». — Nota da Senhora D. Carolina M. de Vasconcelos, *Poesias de Sá de Mir.*, pag. 744.

¹ Vide nesta Edição **Notas**, pág. 159-60.

* *Poesias de Sá de Mir.*, p. 40-1.

SEXTINA *

Hontem pos-se o sol, e a noute
cobriu de sombra esta terra.
Agora é ja outro dia,
tudo torna, torna o sol;
5 só foi a minha vontade
para não tornar co tempo!
Todas as cousas, por tempo,
passam como dia e noute.
Uma só, minha vontade,
10 nam, que a dor comigo a aterra;
nela cuido em quanto ha sol,
nela em quanto nam ha dia.
Mal quero per um só dia
a todo outro dia e tempo,
15 que a mim pôs-se-me o sol
onde eu só temia a noute;
tenho a minha sobre a terra,
debaixo minha vontade.
Dentro na minha vontade
20 não ha momento no dia
que não seja tudo terra;
ora ponho a culpa ao tempo,
ora torno a pôr á noute.
No melhor pôs-se-me o sol!
25 Primeiro não haverá sol
que eu descanse na vontade.

19-21 — Cfr.: *Écl.* II, 172-5.

* Atribuida a B. Ribeiro pela Edição de Colonia de 1559: — *Hystoria da Men. e Moça* por B. Ribeyro. — Vide Epiphanio Dias, *Obras de Christóvão Falcão*, pág. 11-13; — *Revista Lus.*, IV, pág. 142-3.

Pôs-se-me hũa escura noute
 sobre a lembrança de hum dia,
 Inda mal, porque houve tempo
 30 e porque tudo foi terra.
 Haver de ser tudo terra
 quanto ha debaixo do sol
 me descansa, porque o tempo
 me vingará da vontade,
 35 se nam que antes deste dia
 ha de passar tanta noute!

CANTIGUA COM SUAS VOLTAS QUE DIZEM SER DO MESMO AUTOR*

Nam sam casado, senhora,
 pois inda que dei a mão
 nam casei o coração.
 Antes que vos conhecesse,
 5 sem errar contra vós nada,
 uma só mão fiz casada,
 sem que mais nisso metesse.
 Dou-lhe que ela se perdesse;

27 — *escura noute* — vide pág. 129 — versos 128 e — 136 — *escuridão*.

1-3 — Cfr.: *Écl.* II, nota aos versos 172-75.

4-6 — Cfr.: «E era ja manhã clara, & acertou assi que aquella hora chegava hum cavaleiro à ponte, & vinha de longes terras buscar aquella aventura per mandado de hũa senhora (Cruelsia) que lhe queria bem a ele: mas ele a ela devia lhe mais do que lhe queria. Nam achando ninguém na ponte, & ouvindo perto dali tam gram pranto, pareceo lhe algum misterio, ou cousa algũa de dôr, deu a andar pera onde era: e vendo hũa rica tenda, & ouvindo muita gente dentro, & fora chorando, perguntou a hum servidor, que topou, que cousa era aquela: & ele lho contou... & entrando que vio a senhora Aonia, que em grande estremo era fermosa, soltos os seus longos cabelos, que toda a cobriam, & parte deles molhados em

* Atribuida a B. Ribeiro pela Edição de Colonia de 1559. — *Hystoria da Menina e Moça*, Epiphania Dias, *Obras de Christôvão Falcão*, pág. 13.

- solteiros e vossos são
 10 os olhos e o coração.
 Dizem que o bom casamento
 se ha de fazer per vontade.
 Eu a vós a liberdade
 vos dei, e o pensamento.
 15 Nisto só me achei contento,
 que, se a outrem dei a mão,
 dei a vós o coração.
 Como, senhora, vos vi,
 sem palavras de presente
 20 na alma vos recebi,
 onde estareis pera sempre,
 nam dei palavra sómente.

lagrimas, que o seu rosto per algũa parte descobriam: foy logo trespassado do amor dela, sem haver quem por parte doutrem fizesse defesa algũa: que como o amor viesse juntamente com a piedade, parecia que vinha sò; mas tanto que se descobrio, eram ja conhecidas tantas razoes por parte da senhora Aonia, **que nam tam sòmente lhe esqueceo a outra, mas nam lhe lembrou mais, senam pera lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço**¹. . . . E quando se lembrava do que a Cruelsia devia, parecia-lhe **sem razam deixa la**, per outra parte lembrando se de quam bem lhe parecera Aonia, parecia lhe desamor nam lhe querer bem, tinham no assi entrambas, fermosura, & obrigaçam haver quem o levaria: mas por derradeiro pode mais o de mais perto. Sohia dizer meu pay que fora vencida a obrigaçam, como cousa que lhe nam vinha de direito o pago no amor, & vencera a fermosura, como de quem de sò o amor se pagava.²

.....
 Era Cruelsia huma de duas filhas a quem sua mãy mais que assi queria, & de boa fermosura; mas **obligou tanto este cavaleiro com cousas que fez por ele** que o endividou todo nas obras, nam lhe leixou nada tam sò, pera que lhe devesse a fermosura: parece q̃ lhe quis tamanho bem, que nam soffreu a tardança de o hir obrigando pouco a pouco; *deusellhe logo toda*, obrigou o assi, mas nam no namorou». ³

19 — Vide o contraste: «Per *palavras de presente* — Vos recebo desde agora». Gil Vic., *Ines Pereira*.

¹ *Men. e Moça*. Edição de 1785, I, cap. 9. ² *Idem*, I, 12. ³ *Id.*, I, 13.

- Nam fiz mais que dar a mão;
guardae vós o coração.
25 Casei-me com meu cuidado
e com vosso dessejar.
Senhora, nam sam casado,
não mo queiraes acuitar;
que servir-vos e amar
30 me naceo do coração
que tendes em vossa mão.
O casar não faz mudança
em meu antigo cuidado,
nem me negou esperança
35 do galardão esperado.
Não me engenteis por casado,
que, se a outra dei a mão,
dei a vós o coração.

OUTRA *

- Pera mim naceo cuidado,
cuidado, desaventura;
pera mim naceo tristura.
Começou meu mal em ver,
5 em ver foi seu começar;
a vista fez desejar;
o dessejo e o querer
deram continuo cuidar.
Cuidando meu mal passado
10 — e no presente dobrado —
sei que naceo entre nós:
o descuido pera vós,
pera mim naceo cuidado.

35 — *galardão* — prêmio, recompensa.

* Vide nesta Edição última nota da pag. 148.

- Cuidado sem esperança
15 é o que eu por vós cuidei,
seguindo por firme lei
em mais mal menos mudança,
isto cuido e cuidarei.
A males' que não tem cura,
20 espera-la da ventura
vã esperança seria,
que, esperando, creceria
cuidado, desventura.
Desventura mui certa
25 é nos começos errar,
e o presumir de acertar
no mais quem não acerta
é mui certo perigar.
Isto em mim bem se assegura,
30 porque o tromento me dura
que do começo naceo,
e do que ele mereceu
para mim naceo tristura.

ESPARÇA *

- Deixai-me, cuidados vãos,
Dessejos desesperados!
Olhos mal aventurados,
Quanto me foreis mais sãos
5 Se vos tivera quebrados!
Trabalho por não ser vosso
cada via e cada hora,
e então fico, senhora,
contente, quando não posso.

19-23 — Cfr.: *Écl.* I, 91-5. 21 — vide nesta *Écl.* p. 141 — nota a I — 11.

* *Revista Lusitana*, IV, p. 146. Versos 1-5. — Vide *Écl.* III, versos 526-30 e a nota.

CANÇÃO

DE BERNARDIM RIBEIRO *

I — Esconde, Diana bela, os raios belos
 com que a noite escureces ¹, negra e fria;
 cobre com negro veio roxos cabelos
 em que Amor almas mil e mil enfia!
 E tu, gentil Dionea ², já enrançado
 o fio dourado
 deixa da alegria
 posto em agonia
 o que seu dano
 busca no engano,
 entregando a isenta liberdade
 a quem isenta tem sua vontade.

.....³.

Notas da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos :

¹ «*Sic talvez por esclareces ?* » ² ; Confesso não compreender os versos 5 a 10 ! — Dioneia é uma das alcunhas de Afrodite ; mas que tem de fazer a deusa do amor entre a Lua e o Sol ? Abstraído todavia dêsse enigma, ¿ que querem dizer os versos indicados ? ¿ Deixa enrançado (isto é : não espalhes) o fio dourado da alegria, pondo antes em agonia aquele que busca o seu prejuízo na ilusão ? ³ Penso que falta aqui uma estrofe que principiando *A quem isenta tem sua vontade*, terminava *Esconde oh claro Phebo a leda fronte*. Porque só assim teríamos uma Canção perfeita de *leixa-prem*».

* Esta *Canção* encontra-se no *Cancioneiro de Fernandes Tomás*, pág. 129 em nome de B. Rib. «A generalidade dos leitores só conhece um poeta português dêsse nome, o amigo venerado de Sá de Miranda, o novelista da *Menina e Moça*, autor de cinco *Églogas* em versos de medida velha, e algumas poesias menores, impressas desde 1516 no *Cancioneiro de Resende*, o desgraçado bucolista, de veia brandíssima, que faleceu em 1552, numa cela do Hospital de Todos os Santos, após longos anos de alienação mental, causada por profundos desgostos de amor.

Houve todavia quasi um século depois, outro *Bernardim Ribeiro*, relacionado com Severim de Faria e Gaspar Gil Severim, que nos legou alguns versos em *Cancioneiros de Évora*, p. ex. no editado por Hardung (N.º 71). O nome completo dêsse era **Bernardim Ribeiro Pacheco**. Um filho seu, *Duarte Pacheco*, era moço fidalgo de Filipe II em 1595 (*Hist. Gen. da Casa Real: Provas*, VI, 633). O pai fôra capitão na África (Mazagão). A poesia citada, única que dêle conhecia, um simples Mote, pertence à escola velha. Mas pelo tempo em que viveu é *à priori* **provável** que também cultivasse o estilo italiano, e **que seja sua** a *Égloga de Ergasto, Delio e Laureno* que, assinada B. R., é atribuída por Barbosa Machado ao autor da *Menina e Moça*; assim como mais algumas poesias em hendecassílabos que o Dr. Estevam Rodrigues de Castro meteu no seu *Florilegio*; e ainda a **Canção de que estou a tratar**, e mais os quatro fragmentos que Faria e Sousa entremeteu nas notas às *Rimas* de Camões.

Em todos êsses textos há um estilo conceituoso e complicado, totalmente diverso daquela ingenuidade e profunda sentimentalidade que caracteriza as obras do *Bucolista*. D. Car. M. de Vasconcelos, *Cancioneiro de Fernandes Tomás*. pág. 116-17.

3 — *Esconde, oh claro Phebo, a leda fonte!*
a negra escuridade com seu manto
cubra a terra fria! e neste monte
me acompanhe o cisne com seu canto!
Philomela, seu pranto replicando,
se estê queixando
com graça tanta
que ao que canta
suas tristes magoas
lhe acrescente mór dôr e maior pena,
que Amor, Fortuna e Tempo assi o ordena.

4 — *Amor, Fortuna e Tempo me ordena*
que vive neste bosque desterrado,
onde o que mais me mate, e mais me pena,
é não ser, como não sou, de vós lembrado.
Mas pois, minha senhora, sois contente
que estando ausente
de vós, padeça
e meu mal creça
mais em meu dano,
Com isso vivo ufano.
porque? que maior bem, que maior gloria
que alcançardes de vós mesmo a victoria?

5 — *Alcançais de vós mesma a victoria*
alcançando-a de mi, porque sou vosso;
e deste doce triunfo a memoria;
me faz triste e contente, pois não posso
maior bem alcançar que ser servida
de minha vida
quem meu coração
tem em sua mão;
e se neste monte
junto a esta fonte
a vida me acabar pena tão forte,
oh que doce morrer! que doce morte!

6 — *Oh que doce morrer! que doce morte!*
é terdes, ninfa bela, ocasião
de meu doce penar e dura sorte
que, inda que vossa isenta condição
me trate com dureza e com rigor,
então (o) meu amor
mais se afeiçoa;
porque? que pessoa
ha nesta vida
tão desconhecida
que não entenda ser bem empregado
o mal que por querer-vos sofre o cuidado?

7 — *O mal que por querer sofre o cuidado,*
por me nascer de vos só, quero e amo;
e nestes bosques tristes apartado,
por vos amar a vós, a mi desamo.
Sempre na alma trarei vossa figura,
já que a ventura
a amor me esconde
aquela vista, onde
pus minha esperança;
meu mal não cansa,
antes, se pera mór me não guardava
muito ha que dôr tamanha me acabara¹.

(FL. 162 v., N.º 317).

¹ «Quanto à técnica, confira-se a *Canzone V* e a *XV* de Petrarca». — nota da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

NOTAS

O Paço da Ribeira

Na obra a *Ribeira de Lisboa*,¹ notifica Júlio de Castilho:

«Póde collocar-se affoitamente entre 1500 e 1505 a edificação dos primitivos **paços da Ribeira**; e a sua inauguração pela Família Real, póde attribuir-se ao mez de Dezembro deste ultimo anno.

Seria estranho (pergunto eu) ás obras deste paço o artista portuguez André Pires, «mestre das obras de pedra» em Lisbôa? talvez não, com quanto a sua patente só seja de 1516.

E' bem mais provavel que trabalhassem nesta construcção magnifica o architecto e escultor Martim Annes, mestre das obras Reaes em Lisboa, e Pedro Nunes, que em 1504 substituiu a Martim Annes impossibilitado pela sua provecta idade; mas é certissimo ter trabalhado o mestre de obras João de Castilho, ainda por ordem d'el-Rei D. Manuel e de seu filho D. João. Isto consta de uma carta deste ultimo Rei, datada de Almeirim a 30 de Janeiro de 1541, onde se lê:

«Dom Joham etc. A quantos esta minha Carta virem ffaço saber q̃ Johao de castilho caval.^{ro} de minha casa mestre de minhas obras me disse q̃ por El Rey meu sôr e padre que santa gloria aja, e p.^r my, lhe foram mādadas ffazer as obras abaixo declaradas: saber — a obra dos **paços da Rib.ra** da cidade de lixboa, as varandas, sala, e escada, capela da R.^a minha sobre todas m.^{to} amada e presada molher e os aliceceas da capela q̃ estava no allmazem e outras cousas meudas».

Portanto, é innegavel que a mão do architecto dos mosteiros de Belem, de S. Francisco, de Thomar, da Batalha, e de Alcobaça, delineou alguns dos primorosos adornos, que se admiravam no paço de Lisboa.

¹ 1893. Pág. 245-7.

Este mestre construiu mais, aqui mesmo, nesta praia, uns gigantes de pedra para amarração das naus da Índia; outro traço característico para a phisionomia do sítio.

Certo é (tudo o demonstra) que as obras do novo Palatino lisbonense duraram muito tempo. E' pena que o auctor das *Lendas da India*, ou o das *Decadas*, ou os outros chronistas, não alludissem, com algum pormenor descriptivo, a uma edificação, que tanto ennobreceu a Cidade! Desculpemo-los; o seu ponto de vista era diverso. Apenas Gaspar Corrêa deixa entrever que as obras se demoraram, quando, referindo-se aos aposentos Reaes sobre os armazens, escreve: «o que depois, pelo tempo, se fez em muita perfeição, como hoje em dia parece»¹.

Noutros sítios é este mesmo historiador succinto o mais que se pôde ser. Quando descreve a chegada de Lopo Soares de Albergaria, terceiro Governador da India, ás praias de Lisboa, refere que todas as suas quatorze naus surgiram «diante dos paços d'el-Rei». Nada mais. Pois estes paços d'el-Rei tinham nome, e não eram unicos em Lisboa.

Tinham até dois.

Como eram os Reaes aposentos collocados sobre os armazens aduaneiros da Mina, entrou o povo a dizer «paço da Casa da Mina»; outra denominação corria, e dizia-se indifferentemente «**paço da Ribeira**». Se me não engano, este cognome proveiu das classes elevadas, que se tinham habituado a dizer **paço da Ribeira** quando a Côrte estava em Thomar, ou na Ribeira de Muja».

Na valiosa Monografia—**A Torre de Belem**,² o Senhor Dr. Reynaldo dos Santos observa:

«Entretanto D. Manuel, a quem a viagem do Gama abrira a par das portas da glória as da fortuna, iniciava um período de fecunda actividade construtiva com dois grandes monumentos, que logo traduziram os seus gostos de magnificência. Um, piedoso e comemorativo, o *mosteiro dos Jeronymos*; outro, de fausto régio, o **Paço da Ribeira**. E facto curioso, talvez não notado até hoje, ao lado de cada um dêles, embora com intenção e alcance diferentes, colocou um baluarte.

Do **baluarte do Paço da Ribeira**, à parte certas alusões dos cronistas e as indicações sumárias da gravura de Munster divulgada por Braunio, pouco se sabia, até hoje.

Tive a felicidade de encontrar na Tôrre do Tombo um códice, que embora visto por Brito Rebelo e Sousa Viterbo, não fôra contudo identificado, e que é nem mais nem menos que o *Livro da despesa das obras dêsse baluarte e cais de pedra*, que com êle entestava. Êste documento

¹ *Lendas*, I, pág. 529. ² Pág. 31-2.

inédito, fala-nos ainda de outras obras nos **Paços da Ribeira** e de Santos, e dêle brevemente me ocuparei numa publicação à parte; por agora limitar-me hei a dizer que o *baluarte* foi construído de 1508 a 1511, que o mestre da obra foi *Diogo de Arruda*¹ e na sua ausência André Pires, e o empreiteiro do *cais*, João Dias, sendo-nos ainda conhecidos os nomes dos pedreiros, carpinteiros, serralheiros e servidores, que neste complemento e remate do **Paço da Ribeira** trabalharam».

Relações de Sá de Miranda com Bernardim Ribeiro

Em os **Novos Estudos sobre Sá de Miranda**, pág. 166-67, a Senhora D. Carolina M. de Vasconcelos, referindo-se à *Écl. Alexo*, observa:

« . . . Alexo não é Bernardim Ribeiro.

Apesar disso há no *Alexo* alusões intencionais, positivas e significativas, a Bernardim Ribeiro; tantas e tais que o seu nome lhe podia servir de subtítulo. A êle, *seu amigo, o de Torrão*, com quem tivera boa camaradagem tanto na Universidade como nos serões manuelinos, durante a viagem à Itália e depois na corte de D. João III, à qual o sonhador esteve adido como escrivão da câmara, de 1524 em diante²—a êle erigiu um monumento na Cena V³. Isto é: *do principal Intermezzo lírico da Égloga, independente da história do zagal encantado*. O único nexos com esta está nos

¹ «A importância e responsabilidade do empreendimento de Tomar, supõe no mestre que dele fôra encarregado em passado artístico, que infelizmente nos é mal conhecido, mas o encargo do *baluarte da Ribeira* faz já pensar que Diogo de Arruda não devia ter sido estranho ao início da obra do próprio *paço*, que êle rematou». **A Torre de Belem**, pág. 74.

Acêrca do **Paço da Ribeira**—vide Aug. Vieira da Silva, *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, na *Rev. de Engenharia Militar*, vols. 5 e 6, 1900-901 e Brito Rebello, *Gil Vicente*, 1912, pág. 35-6.

² «Depois de Faria e Sousa, todos os biographos de Bernardim Ribeiro o teem dado como jurista. Effectivamente, segundo uns apontamentos que devo aos snrs. Gabriel Pereira e dr. Augusto Mendes Simões de Castro, cursava a Universidade de Lisboa, pelos annos de 1507 a 1511 ou 1512, um estudante de nome *Bernaldim Ribeiro*. Talvez que esse estudante seja o individuo de igual nome, que em 1524 foi nomeado *escrivão da camara* de D. João III.

Se tambem é o poeta, não se pôde evidentemente fixar o nascimento do autor das *Saudades* em 1501 ou 1502.

O nome *Bernaldim Ribeiro* apparece, no livro primeiro da Universidade de Lisboa, a fls. 28, 53, 79, 92, 107 v.o, 108 v.o, e 111 v.o». *Men. e Moça*... Edic. de 1891 de D. José Pessanha, pág. 248-9.

³ «É sabido que Bernardim Ribeiro, pela sua vez, introduziu a *Franco de Sandovir* na sua *Égloga II*, e que nela se refere à paixão do amigo por *Célia*, e a poesias pastoris que a ausência e perda dela lhe haviam inspirado». Nota de D. Carolina M. de Vasconcelos.

pastores *Antão* e *João Pastor* que, tendo assistido à desgraça de Ribeiro, causada ou não por enredos de amor dalguma Circe feiticeira, assiste também aos devaneios de Alexo.

Todo o colóquio dos dois versa sobre o afastamento, do primeiro da corte. Da boca deles saem louvores do seu espírito gentil, abalado por essa derradeira afronta; louvores também da sua inocência, imprópria para o meio; queixas sobre a inconstância dos palacianos que há pouco o aplaudiram,

gente de firmeza poca
que le dió tantos loores
y aora gelos apoca.

Com sincera admiração enaltecem a sua veia brandíssima e em especial o último cântico que entoara no mesmo sítio e com o mesmo ensejo em que se apresentou e representou, ou se entendia apresentar o *Alexo*

porque esse cantar fue llanto
como del cisne se cuenta
quando la su muerte aventa

ou

porque esse cantar fue el llanto
del cisne como se cuenta
en su postrimera afrenta.

Mesmo se esta conversa e a declaração expressa de Miranda não fôsem redondamente contrárias à identificação de Bernardim Ribeiro e Alexo, duvido que um homem como Miranda, delicado e discreto, houvesse exposto em público, como rapaz doido de amor, ora exaltado, ora deprimido e que foge à serra, a um infeliz sonhador, já ancião, caído em desfavor e a tal ponto perturbado que se viam nele prenúncios e ameaças de alienação mental. Acho muito mais delicado, discreto e carinhoso o modo como êle toma decididamente o partido do amigo e o defende não só na *Scena V* do *Alexo*, mas também no *Basto*, e de novo no *Epitalâmio pastoril*, designando-o sempre directamente com o seu nome.»

BIBLIOGRAFIA

- Bernardim Ribeiro, **Menina e Moça** ... Edição de D. José Pessanha. 1891.
Para o Senhor D. José Pessanha na *Écloga* II o interlocutor—*Jano* é Bernardim Ribeiro. Pág. LVI.
- D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, **Novos Estudos sobre Sá de Miranda**, no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, 1911. Nesta obra há dados e factos valiosos acêrca de B. Ribeiro. Vide nesta Edição pág. 159-60.

*

«El cantar que aqui cantámos
Fue, sabes, de lexos parte
Do buenos días passámos».

Variantes :

«Fue sabes de estraña parte
Donde un tiempo ambos andámos».

ou

«Sabes que traído avemos
Sampoñas de estrañas partes».

Écloga Alexo, versos 457-59.

- A Senhora D. Carolina M. de Vasconcellos, ao anotar êstes versos, observa :
«Sempre referi essas indicações aos dois introdutores do género pastoril, persuadida de que Ribeiro esteve também na Itália de 1521 a 1524».
Novos Estudos sobre Sá de Miranda, pág. 174.

*

«Pastor bueno, si al palacio
No dexáste caçar!»

Variantes:

«Pastor bueno, si al palacio
No dexáste caçar!»

«Ah *buen* pastor, en tu mal ciego!
Más en darte a palaciego!»

Écl. Alexo, versos 553-4.

«O paço o levou (a Bern. Rib.) quando a ôlho crescia em tudo, quando colgavam da sua bôca. Não foram portanto os amores juvenis do tempo, em que a barba lhe pungia, aos vinte e um anos, conforme conta,¹ mas desgostos tardios, que roubaram a luz do entendimento ao homem maduro, mas talvez ainda sensível a encantos feminis: desgostos que lhe sucederam na côrte, em quanto exercia o cargo de escrivão da câmara de D. João III». *Novos Estudos sôbre Sá de Miranda*, pág. 179-80.

*

O Cancioneiro Fernandes Tomás, Coímbra, 1922. Edição da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

«Verdade é que o suavíssimo cantor esteve na Itália, e que (B. Ribeiro) de lá trouxe *novidades*». Entendo que foi entre nós iniciador do gôsto bucólico, que admiravelmente nacionalizou em vernáculo; isto é, do género vergiliano, renovado na Itália, e lá cultivado em latim por Enrique Caiado antes de o século findar». Nota da **Senhora D. Car. M. de Vasconcellos**, pág. 117.

*

Delfim Guimarães, **Bernardim Ribeiro** (*O Poeta Crisfal*), 1908.

Arquivo Literário, I, II, III, Lisboa, 1922-23.

Para o Senhor Delfim Guimarães os interlocutores da *Écloga* I:

Persio e **Fauno** — são respectivamente B. Ribeiro — «sob o nome do poeta toscano—Aulus Persius Flaccus — e Sá de Miranda. *Caterina* —

¹ B. Rib., *Écl.* II.

Joana Tavares. Na *Écloga* II: **Jano** é B. Ribeiro, **Franco** Sá de Miranda. Na *Écloga* III: **Silvestre** é Sá de Miranda — **Amador** Bernardim. Acêrca de **Amador** observa o Senhor D. Guimarães: «Numa das poesias de Bernardim Ribeiro publicada a fl. CXCI do *Cancioneiro* de Rêsende, encontram-se os seguintes versos, que justificam o nome pastoril, que o poeta se dá na *Écloga*:

«Fuy, & ssam grande *amador*,
& vayme bem mal damores . . .»

Bernardim Ribeiro (*o Poeta Crisfal*), pág. 78.

Vide nesta Edição pág. 139.

Para o Senhor Delfim Guimarães, na *Écloga* IV: **Jano** é Bernardim Ribeiro, e **Dina** — Joana Tavares. Na *Écloga* V: **Ribeiro** é Bernardim — **Agrestes** é Sá de Miranda.

*

Epiphanyo Dias, **Versos de Bernardim Ribeiro** — artigo na *Revista Lusitana*, II, pág. 274-87. — **Fragments de um Cancioneiro do Século XVI** na *Revista Lusitana*, IV, pág. 142-79. — **Obras de Cristóvão Falcão**, 1893.

Dr. Fidelino de Figueiredo, **História da Literatura Clássica**, 2 vol., Lisboa, 1922.

«Bernardim Ribeiro nasceu na vila de Torrão (Alentejo) em 1482. Como seu pai, criado do duque de Vizeu, se refugiou em Castela após o assassinio deste nobre por D. João II, Bernardim com a mãe e uma irmã recolheram-se a Sintra, à quinta dos Lobos, duns seus parentes. Em 1505 recebeu por doação régia as terras e azenha dos Ferreiros, em Extremoz. De 1507 a 1512 frequentou a Universidade de Lisboa, tomando o grau de bacharel em leis. Em 1524 recebeu a nomeação de escrivão da câmara de D. João III, cargo que exerceu até que, enlouquecendo, se recolheu ao Hospital de Todos os Santos, onde morreu em 1552. Há uma vaga noticia duma sua viagem à Itália entre os anos 1520 a 1524». *Hist. da Lit. Clássica*, vol. I, pág. 155.

F. A. Varnhagem, **Da Litteratura dos Livros de Cavallaria**, Vienna, 1872.

Francesco Petrarca, **Le Rime**, Firenze, 1922.

- Garcia de Resende, **Cancioneiro Geral**. V tomos. Edição de Coimbra de 1910-17.
- Garcilaso de la Vega, **Obras**, Madrid, 1911.
- Jacobo Sannazaro, **Arcadia**, Torino, 1888.
- Julio de Castilho, **A Ribeira de Lisboa**, 1893.
- Menéndez y Pelayo, **Antologia de Poetas Líricos Castellanos**. Tomo VII e VIII. Madrid, sem data. — **Orígenes de la Novella**. Monumental edição em quatro tomos. Madrid, 1905-1915.
- Revista Lusitana** — Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, publicado pelo Senhor Dr. J. Leite de Vasconcellos, 23 vol. — 1887-1920.
- Sá de Miranda, **Poesias**. Monumental edição da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle, 1885. Em as *Notas* desta obra há dados preciosos sobre B. Ribeiro. — Vide nesta Edição pág. 37.

*

- Dr. Teófilo Braga, **Sá de Miranda**, 1896. — **Bernardim Ribeiro e o Bucolismo**, 1897. — **Renascença**, 1914. — *Bernardim Ribeiro e a Exegese da Menina e Moça* na Edição do **Livro das Saudades de Bernardim Ribeiro** da Livraria Chardron. Porto, sem data.
- Na **Renascença**, o Senhor Dr. T. Braga apresenta a hipótese do pastor **Persio** ser o poeta do *Cancioneiro Geral* Simão de Sousa de Ocem. Na *Écloga* II: **Jano** é B. Ribeiro — **Franco** Sá de Miranda — **Celia** D. Isabel Freire — **Pierio** Alvaro Pires Zagalo. Na *Écloga* III: **Silvestre** é D. Luís da Silveira, Conde de Sortelha — **Amador** B. Ribeiro. Na *Écloga* IV: **Africano** é o poeta do *Canc. Geral* Diogo de Melo. Na *Écloga* V: **Ribeiro** é Bernardim — **Agrestes** Sá de Miranda. O Senhor Dr. T. Braga apresenta a hipótese do pastor **Florisendos** desta *Écl.* ser derivado de *Florisando*, herói cavalleiresco do Livro VI do *Amadís de Gaula*.

Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal, Tomo III, pág. 143-81 — artigo do Senhor Patrocínio Ribeiro.

Para o Senhor Patrocínio Ribeiro a pastora **Joana** da *Écloga* II é D. Leonor Mascarenhas (Vide nesta Edição pág. 146-7) e acêrca de **Pierio** apresenta a hipótese de ser Pierius Valerianus, poeta italiano (1477-1558).

Virgiliu — P. Maronis **Opera, Bucolicon Liber — Georgica** (Edition Savante) — París, 1884.

Victor E. Hardung, **Cancioneiro d'Évora**, 1875.

Erratas

Erros que se notaram

Pág.			ÊRRO	EMENDA
5	linha	6	Segunda	Segūda
» 10	»	35	Praserpinae	Proserpinae
» 19	verso	5	tempo,	tempos ;
» 32	»	145	«Despojo . . .	Jano. «Despojo . . .
» 40	»	292	have-lo-has	have-lo-has.
» 46	linha	23	olhor	olhar
» 72	»	453	ũ	um
» »	»	466	vós	vos
» 75	»	521	leixarão	leixarão
» »	»	323	acabarão	acabarão
» »	»	18	não	nam
» 76	»	35	da <i>Menina e Moça</i> ou <i>Sandades</i>	das <i>Saudades</i>
» 77	verso	5	cuidado,	cuidado ;
» 80	»	76	fim.	fim,
» 81	»	112	Era, parece, ordenado	Era prece me ordenado
» 84	»	178	pastores,	dos pastores,
» 85	linha	19	o meu	ho meu
» 86	verso	218	creu,	creo,
» »	»	220	prometeu.	prometeo.
» 91	»	338	do mundo	no mundo
» 97	»	75	perder	perder ;
» 106	»	273	para	pera
» 110	»	361	Ó Mondego meu amigo.	Ó Mondego, meu amigo,
» 113	»	431	o meu sofrer	meu sofrer
» 114	»	454	chorado	chorado :
» »	»	456	sustentar,	sostentar

			ÊRRO	EMENDA
Pág. 115	verso 459		paixão	paixão.
» 119	» 533		da	de
» 119	» 540		póde	pode
» 120	» 547		essa	esta
» 123	» 613		mal:	mal,
» 124	» 636		inigo	inimigo
» 126	» 673		Uma	Ûa
» »	linha 16	da <i>Menina e Moça ou</i>		
		<i>Saudades</i>		das Saudades
» »	» 17	Ediç.		Ediç. da Men. e Moça
» 135	última linha	1909		1910
» 138	» »	75-9 — Cfr.: Vide na		76-80 — Cfr.: na . . .
» 142	linha 28	I		II
» 147	» 16	Importonárão		Importunárão
» 159	» 21	em		um
» »	» 21-2	mas o encarregado		mas o encargo

INDICE

A Psicologia Portuguesa na Literatura	I
Écloga I	7
Écloga II	25
Écloga III	53
Écloga IV	77
Écloga V.	93
Romance — <i>Ao longo de ãa Ribeira</i>	126
Cantigua — <i>Pera todos houve'hi remedio</i>	131
Cantar Á Maneira de Solao	133
Memêto — <i>Lembrev'quam ssem mudãça.</i>	135
Cantigua — <i>Nũca foy mal nêhũ moor</i>	139
A hũa senhora q̃ se vistio damarello	140
Cantigua — <i>Antre tamanhas mudãças</i>	141
Esparças	142
Vilancetes	142 - 145
Dialogo I	146
Dialogo II	147
Sextina — <i>Hontem pos-se o sol, e a noute</i>	148
Cantigua — <i>Nam sam casado, senhora</i>	149
Cantigua — <i>Pera mim naceo cuidado</i>	151
Esparça — <i>Deixai-me, cuidados vãos.</i>	152
Canção — <i>Esconde, Diana bela, os raios belos</i> ¹	153
Notas { <i>O Paço da Ribeira</i>	157
{ <i>Relações de Sá de Miranda com Bernardim Ribeiro</i>	159
Bibliografia	161
Erratas	165

¹ Segundo a opinião da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a *Canção* é provável que seja de **Bernardim Ribeiro Pacheco**. — *O Cancioneiro Fernandes Tomás*, pág. 116.

Algumas referências ao estudo de psicologia sociológica:

ENSAIO SÔBRE A PSICOLOGIA DO POVO PORTUGUÊS, POR MARQUES BRAGA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
: : : COIMBRA, 1903 : : :

«... très intéressant ouvrage sur le Peuple portugais».

MENTON, 3 JUIN-1904
(Em carta ao Autor)

Alfred Fouillée

.....
«A obra de Marques Braga é um estudo sôbre o carácter da raça portuguesa. E, assim, êle trata com uma proficiência rara todo o fundo étnico, a individualização da história, a tendência e a formação de todos os elementos de vitalidade artística, científica e política, que entram na constituição da Pátria portuguesa. É um livro inconfundível, que autentica definitivamente um estudioso — e marca decididamente um espírito».
.....

Augusto de Castro

A PROVÍNCIA. Pôrto, 20-V-1904.

Psicologia do Povo Português

«Existe há cinqüenta anos em Portugal uma Revista literária e científica, enorme repositório de substanciosos trabalhos de muitos dos mais notáveis prosadores e letrados portugueses da segunda metade do século findo.

É o «Instituto» de Coimbra, cuja redacção efectiva está, quasi sempre, confiada a lentes da Universidade e académicos de incontestável valia. Não é todavia uma revista vulgarizada, talvez pela razão de que a sciência não se vulgariza. E daqui nasce a conveniência, se não necessidade, de se fazerem «separatas» dos trabalhos mais importantes ali publicados por cultores de várias espécies do saber humano. Entre essas «separatas» occorrem-nos as «Memórias de Castilho», muitas dissertações jurídicas, investigações do Dr. Sousa Viterbo, e agora o «Ensaio sobre a Psicologia do Povo Português», pelo Sr. Dr. Marques Braga.

Esta obra, que modestamente se intitula «Ensaio», é um largo estudo de crítica histórica e etnográfica, subordinada aos modernos processos da psicologia positiva e da antropologia moderna.

O autor baseia-se no facto demonstrado da persistência de tipos nacionais através da história, e vê a estereotipia do carácter nacional na força unificadora, que levou a síntese activa dos vários povos, que passaram pela Península a uma síntese afectiva, impulsionada pela solidariedade de sentimentos, que se traduzem na arte, na língua, na literatura, e que revestem uma entidade colectiva na formação da Nacionalidade.

Visto que dos elementos estáticos e dinâmicos resulta o carácter colectivo, como produto natural-social, o autor começa por estudar a estratificação étnica da Península, desde o estrato ligúrico; estuda o carácter dos lusitanos, a romanização hispânica, os Visigodos, os Mosarabes; e entra depois na análise do carácter português, nas suas relações com a língua, a literatura, a ourivesaria, a música, a religião e a política.

Não obstante a largueza e a profundidade do assunto, o Sr. Dr. Marques Braga conseguiu encadear num volume a discussão de numerosos problemas étnicos e sociológicos e a crítica, levantada e severa, de numerosos factos da vida nacional. Entre as conclusões a que chega, julga escrito para nós esta afirmação de Fichte:

«Não é possível a regeneração nacional sem regeneração moral; nem a regeneração sem uma cultura enérgica, que se ocupe, ao mesmo tempo, dos dirigentes e do povo».

Candido de Figueiredo

O DIARIO DE NOTICIAS, 27-VI-1903.

«Essa delicada, aguda e variada análise dos elementos característicos da alma portuguesa, — **Psicologia do Povo Português** — é no meu entender, a maneira mais lúcida e mais vibrante de mostrar e de levantar uma pátria, porque a explica e a disseca.

E numa época, em que a imitação servil de cousas estranhas nos vai desnaturando, diluindo e apagando o carácter nacional, a sua obra significa a ressurreição dêsse carácter, afirmado à luz duma crítica profunda complexa e orgânica.

Lendo-a, eu sentia a velha alma de Portugal — alma épica de sonhos e de aventuras, alma insaciavelmente grande e visionária — latejar ali, desdobrando-se em todos os seus aspectos, radiando triunfantemente, livre do abastardamento, em que vai caindo e apagando-se.

É o nosso sonho impetuoso de aventureiros e de marítimos, que ressurge em belas páginas, onde a prosa ondula, clara e rítmica: é a nossa arte sentimental, mística e romântica, onde se afirma sempre o nosso génio audacioso: é emfim a alma de Portugal, desenterrada dos monumentos e das crónicas, clarificada por uma crítica lúcida e suave de enternecido, que se sente nessas cento e cinquenta páginas do seu livro.

E eu que penso que a análise, que até aqui se tem algemado apenas no estudo de personalidades, estudo apertado e individualista, deve agora subir às grandes generalizações para poder formar as grandes sínteses, aprecio sobretudo o seu livro por esta tendência, que marca.

A psicologia individual teve o seu papel predominante, quando o indivíduo dominava: hoje que a tendência é para erguer justamente a colectividade, cabe à psicologia colectiva o lugar de predomínio.

Por essa clara e inteligente orientação, que a inspira, a sua obra merece os meus maiores aplausos».

João Lucio¹

Olhão, 16 de Junho de 1903.

(Carta ao autor)

«Não posso deixar de calorosamente aplaudir a sua *Psicologia do Povo Português*. Permita-me que o incite a prosseguir nos seus estudos e que o felicite pelos seus trabalhos».

Sousa Viterbo

Lisboa, 23-VI-903.

(Carta ao Autor)

¹ «Nunca encontrei inteligência mais vasta, mais sincera, mais nóbrega». Nobilíssimas palavras do Senhor Dr. Augusto de Castro, **Conversar** — João Lucio — Lisboa, 1919.

Ensaio sôbre a Psicologia do Povo Português,
por Marques Braga

«Fazer um estudo sôbre a psicologia de um povo não é, por certo, obra de fácil execução, pois exige multiplicidade de conhecimentos, orientação crítica e compreensão do mais remoto passado, que nem a todos é dado possuir. Venceu, porém, o Sr. Dr. Marques Braga as dificuldades, que podiam estorvar-lhe a execução do seu intuito, apresentando um trabalho sério, demonstrativo de que há ainda em o nosso país quem estude e saiba seguir a moderna corrente estabelecida na sciência, na arte, na literatura e na crítica histórica.

É muito possível que a crítica dissinta de uma ou outra conclusão, a que chega o autor neste seu trabalho; mas não será isso de estranhar, porque só as obras de verdadeiro valor é que podem levantar reparos, consagrando-lhes assim o merecimento.

É dividido o livro em quatro partes, sendo a terceira, a que desde logo prende a atenção, pelo estudo que nela faz do carácter português, da opinião que dêsse carácter formam os estrangeiros, da língua, da literatura, arte e música nacionais, não esquecendo a religião e a política. A impressão que todo êste estudo deixa é sugestiva, embora, por vezes, se surpreenda um sentimento de desalento, que não se coaduna bem com a bela descrição feita do carácter português».

O COMERCIO DO PORTO, 23-IV-903.

Ensaio sôbre a Psicologia do Povo Português

Dr. Marques Braga

«Há muito que na literatura científica do país não aparece um trabalho da envergadura dêste.

Documento poderosíssimo duma grande cerebração e de vastos conhecimentos, relativos ao assunto ventilado, o Sr. Dr. Marques Braga conseguiu imprimir à sua Obra um carácter, que destaca salientíssimo na Bibliografia nacional.

Além disso o assunto não tinha tido até hoje um estudo completo, que o ilucidasse e conduzisse.

Daqui ainda um novo merecimento nesta belíssima Obra, com a qual o Sr. Dr. Marques Braga fica sendo o fundador dos estudos sobre a Psicologia do Povo Português».

GAZETA DO PORTO, 18-V-903.

Ensaio sobre a Psicologia do Povo Português

«É quando por fortuna — infelizmente rara fortuna! — nos visita um livro como o que tem por título, o que encima esta notícia, que verdadeiramente se lamenta a falta de tempo, que não dá ao jornalista folga para vigorosa leitura. O Sr. Dr. Marques Braga, seu autor, afirma duplamente os seus merecimentos: como escritor e como erudito. Se como escritor possui um estilo brilhante, elegantíssimo e sóbrio, impecável de correção, como erudito patenteia largos profundos conhecimentos da matéria, que versou.

O temperamento e índole do Povo Português é admiravelmente estudado à luz do mais recente critério científico nas principais das suas manifestações — língua, literatura, arte, religião e política.

Por êsse belo trabalho, que os intellectuais devem receber com verdadeiro entusiasmo, felicitamos o Sr. Dr. Marques Braga».

O JORNAL DE NOTÍCIAS, 9-IV-903.

Ensaio sobre a Psicologia do Povo Português

Dr. Marques Braga

«Problema duma vastidão assombrosa, jogando com dados e elementos da mais oposta heterogeneidade, a psicologia dos povos não tem logrado nos trabalhos dos sociólogos e investigadores modernos, senão dados imperfeitos, esboços apenas vagos e indecisos, como já o previram Ward e Stuart Mill.

Repudiado o deficiente princípio de Montesquieu, em que a adaptação mesológica explicava com uma lúcida clareza os mais ínfimos elementos do

carácter nacional, sujeitando o indivíduo a um fatalismo de ambiente escravizador e opressivo, a ciência moderna conseguiu elevar bem alto, a uma proeminência incontestada, o princípio indiscutível do valor psicológico das raças, como elemento primário e subordinador.

Assim se explica por que, a despeito dos territórios, duma fauna e flora diversas, a influência árica, por exemplo, pela sua tenacidade e potência intelectual, alastrou pelo ocidente da Europa espalhando o benéfico influxo duma poderosa civilização.

Deste modo se compreende também como a antropologia nas suas investigações recentes, estudando e analisando os caracteres físicos do homem, favorecida pelas ciências auxiliares — pela paleontologia, pela arqueologia preistórica — pode e deve carrear uma luz vivíssima às investigações históricas, em problema ainda.

Falveis muitas vezes os dados históricos, e incompletos até no seu relato insignificante, eles encontram assim naquele ramo de pesquisas naturalistas, a integração completa da deficiência, que os obscurece.

Os trabalhos de Sergi, Le Bon, Zaborowski, Fouillé, e ainda, entre nós, Ferraz de Macedo, Carlos Ribeiro, Pereira de Lima, Filipe Simões, Nery Delgado, Pereira da Costa, etc., representam pois, para nós, para o problema das raças históricas peninsulares, um auxiliar valiosíssimo e insubstituível.

Mas, se todos eles fornecem subsídios, se todos colaboram num mesmo intuito, ainda que encarando a questão sobre modalidades e aspectos distintos, nenhum propriamente se abalçou ainda a abordar a tese discutida sob um ponto de vista especial e sintético.

No livro recente do Sr. Dr. Marques Braga figura-se-nos ter-se conseguido uma investigação lucidíssima sobre a Psicologia do Povo Português.

Ensaio apenas, como o seu talentoso autor o apelida, ele condensa nos seus capítulos um estudo, ainda que sumário de tôdas as faces do difícil problema.

O distintíssimo escritor compendiou no seu volume um material de conhecimentos soberbo e indispensável mesmo, como programa até à realização de um vasto estudo mais desenvolvido e integral.

O Sr. Dr. Marques Braga, assentando no princípio de que a raça e acção mesológica nas suas sobrevivências, e na determinação dos temperamentos individuais são o verdadeiro critério para a compreensão das criações duma psicologia colectiva, defende o nosso asserto de há pouco, mantendo a supremacia da condicionalidade étnica e persistência dos tipos nacionais, sobre as insignificantes alterações produzidas pelas variáveis influências do meio.

Caminhando assim desta afirmativa, rigorosamente científica, e como corolário apenas, principia o erudito investigador por estudar a camada an-

tropológica preistórica da Europa no intuito de determinar com rigor as origens do povo português. A uma conclusão basilar chega depois: — de que ao ramo ligúrico, os Lusitanos, cujas qualidades características se surpreendem em a nossa raça, se deve a criação autonómica da gente acantonada neste território nacional.

Daqui, conseqüentemente, a resultante — um povo pleno de actividade e de vigor — um povo de homens cheios de imaginação ardente e apaixonados pelo misterioso, pelo desconhecido: navegador, poeta . . .

Os corolários de similhante filiação destacam depois com relêvo em cada um dos aspectos sob os quais se encara a psicologia do Povo Português.

E, na língua, na literatura, nas artes, na religião e na política, aí apparecem inconfundíveis os caracteres indeléveis dum estudo étnico indissolúvel e evidente.

De facto, a evolução primária, até à nitidificação dêsse cunho próprio, foi gradual e lenta. Nos domínios já da nossa história colhemos a prova iniludível de que a população do condado portugalense, lusitana, romanizada, submetida ao governo dos godos, depois dos árabes e finalmente dos monarcas espanhois, ainda nos primeiros tempos da independência nacional, não podia ter um sentimento de coesão colectiva, incompatível com o seu estado de indisciplina, de tradições e situação social e política.

Só depois, após três séculos de vida e pela concentração, no Tejo, duma actividade marítima e comercial rivalizadora de Veneza ou Corinto, Lisboa — essa grande cidade de «muytas e desvairadas gentes», como pitorescamente a apelidou o grande cronista, conseguiu ser a capital duma nação constituída e autónoma.

Nos três primeiros séculos Portugal, cujo baptismo épico realizou Al-jubarrota, era um povo flutuante sem coesão, sem independência definida.

Com D. João I o reino perde o carácter dum feudo; sente-se aninado dum sentimento colectivo, que jámais se erguera ainda, e experimenta em seu seio uma vida própria robusta e forte.

É a partir desta época que surge eloqüentemente a feição colectiva da gente portugüêsa, assinalando-a com um cunho inconfundível. Até aqui, mal esboçados os seus elementos étnicos, diluídos, por vezes, através das constantes mutações operadas no seio das populações da Península, conseguem agora manifestar-se em tôda a sua evidência.

O lusitano encontra a partir desta época o mais vasto campo à sua expansão. Radicado num povo fronteiriço ao mar, êle conseguiu elevá-lo a uma grandeza épica desconhecida, fazendo-o navegador e ousado como nenhum outro.

O impulso dos sentimentos cavalleirescos refluindo sôbre a Península demandava um vasto campo à sua audácia e bravura.

Portugal, por uma fatalidade incoercível, estava destinado a ser um povo de marinheiros; a arruinar-se como um cavaleiro andante, descuidado das suas fazendas e dinheiros, mas herói e sedento de aventuras.

¿Que lhe importava a êle cavar a miséria; abandonar os lares; deixar crescer os bravios na terra da Pátria?! Chamava-o ao largo a rudeza do mar: o encanto seductor das Ilhas Encantadas — a lenda de oiro do Preste Joham.

Por essa razão se fêz ao largo e criou uma immortalidade. Melancólico e triste levava uma coisa, que só êle possuía, e povo algum mais tivera ainda. Era a suidade: êsse «sentido que o coração filha, por se achar partido da presença dalgũa pessoa . . .» — como dizia o rei Eloquentemente «esse mal de que se gosta», como muito antes de Garrett, escrevera Francisco Manoel de Mello.

Assim a sua «Historia Tragico-Maritima» encontra na epopeia cíclica do naufrágio um tema duma grandiosidade subjugante.

Pelas trevas do Oceano, pelas incertezas e pelo maravilhoso, o nauta português caminhava avante.

Os Lusíadas — o momento mais eloquente da tenacidade duma raça, demonstra bem o quanto podia a fôrça humana — essa mesma que, cega pelo desconhecido — maldizia «o primeiro que no mundo — nas ondas vela pôs em sêco lenho».

O determinismo étnico, caracteristicamente lusitano, impelia um povo para a aventura, para o além.

Na terra da Pátria, sem necessidade de conquista, êle desprendido e bom, entregava-se aos arroubos duma melancolia. Era trovador, apaixonado — era poeta.

¿E quem os teve maiores que nós; mais requintados; mais do coração?!

¿Onde se igualou a grandiosidade lírica da nossa Literatura? ¿E o sentimento das *Cartas* de Soror Mariana e de tantas obras das nossas letras?

Em todos êsses monumentos ressalta iniludível o cunho aventureiro e profundamente amoroso do nosso povo. De resto o seu carácter excepcional era inconfundível e reconhecido

Lope de Vega fazia lá dizer a um personagem seu:

«Eu, senhora, tenho olhos de criança e a alma de português». Espinel, na «Vida do Escudeiro Marcos de Obregon», diz . . . «de maneira que no habia portugues mas azucarado que yo . . .»

Com esta qualidade essencial a nossa arte devia ser, como foi, uma arte, sôbre absolutamente humana — e isso demonstram *Os Lusíadas* — caracteristicamente independente.

Por isso mesmo a architectura, a pintura e a ourivesaria, se ressentiram dessa poderosíssima influência dominante. Idêntica acção agiu ainda sobre tôdas as manifestações do espírito colectivo, submetendo-o ao mesmo fatal predomínio de condicionalidade étnica.

Depois, a psicologia do nosso povo, grande um dia, robusta e forte, foi sofrendo uma transformação deletéria.

Todo êsse estudo lucidíssimo é brilhantemente exposto no trabalho do Sr. Dr. Marques Braga.

O «Ensaio sobre a Psicologia do Povo Português» — representa, pois, um trabalho de uma rara investigação, superiormente escrito, e revelando uma intellectualidade. Num tempo de banalidades literárias é consolador vêr-se uma obra como esta de subido talento e reais merecimentos. "

Deve ser lida e ponderada».

A *PROVINCIA*. Pôrto, 8-VII-1904.

Refere-se ao *Ensaio sobre a Psicologia do Povo Português* — Bruno (José Pereira de Sampaio) nos *Modernos Publicistas Portuguezes*. Porto, 1906. Pág. 418-19.





